



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

BEATRIZ LEAL SANTOS

**CLÍNICA PSICANALÍTICA COM
GÊMEOS ADOLESCENTES:
UMA ANÁLISE A PARTIR DE FATOS CLÍNICOS**

BEATRIZ LEAL SANTOS

**CLÍNICA PSICANALÍTICA COM
GÊMEOS ADOLESCENTES:
UMA ANÁLISE A PARTIR DE FATOS CLÍNICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 1: Avaliação Psicológica e Processos Clínicos.

Orientador: Profa. Dra. Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis.

Londrina
2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Santos, Beatriz Leal.

Clínica psicanalítica com gêmeos adolescentes: uma análise a partir de fatos clínicos / Beatriz Leal Santos. - Londrina, 2026. 131 f.

Orientador: Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2026. Inclui bibliografia.

1. Adolescência - Tese. 2. Fatos clínicos - Tese. 3. Gêmeos - Tese. 4. Psicanálise - Tese. I. Barreto Tavares dos Reis, Maria Elizabeth. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

BEATRIZ LEAL SANTOS

**CLÍNICA PSICANALÍTICA COM
GÊMEOS ADOLESCENTES:
UMA ANÁLISE A PARTIR DE FATOS CLÍNICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 1: Avaliação Psicológica e Processos Clínicos.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Maria Elizabeth Barreto
Tavares dos Reis
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Amanda Lays Monteiro Inácio
Universidade Estadual Paulista – Unesp

Profa. Dra. Marília Franco e Silva Velano
Instituto Sedes Sapientiae

Londrina, 26 de fevereiro de 2026.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Valdek e Josefa, que mesmo desconhecendo o Ensino Superior, acreditaram que estudar possibilita grandes oportunidades e investiram em mim com muita perseverança e amor.

Ao meu amado companheiro, Vitor, que me apoia em cada sonho que ousou conquistar.

À minha analista, Ivani, que acolhe meus medos e me ajuda a aceitar, com coragem, os convites de crescimento que a vida faz.

Às minhas amigas, que me fortalecem com cumplicidade, reconhecimento e humor.

À minha orientadora, Maria Elizabeth, que é testemunho do meu crescimento profissional. Sua sabedoria, acolhimento e confiança foram fundamentais para a minha formação desde a graduação em Psicologia.

Às famílias, especialmente às mães, que estiveram atentas às questões de seus filhos e buscaram apoio psicológico através do projeto de pesquisa.

Aos gêmeos adolescentes, que confiaram a mim suas fantasias e sentimentos, me mostraram as dores e as delícias de ser um gemelar e me ensinaram a brincar com meus medos.

Aos colaboradores do projeto de pesquisa, que com suas perspectivas enriqueceram as supervisões e as reflexões que constituem a presente pesquisa.

Ao meu colega de profissão, Felipe Barbeiro, que com sua experiência contribui cuidadosamente para a construção contínua da minha capacidade de ser psicóloga.

Às integrantes da banca examinadora, que se disponibilizaram e contribuíram significativamente para a elaboração desse trabalho. Foi uma honra contar com profissionais que tanto admiro.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão.

Milton Nascimento – Bola de meia, bola de gude

Santos, B.L. (2026). **Clínica psicanalítica com gêmeos adolescentes: uma análise a partir de fatos clínicos**. 131 páginas. (Dissertação de Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2026.

RESUMO

Os estudos sobre a gemelaridade, em sua maioria, versam sobre as semelhanças e diferenças relacionadas aos fatores genéticos e a influência do ambiente. Quanto aos estudos psicológicos, geralmente abordam a investigação sobre o vínculo familiar, a personalidade, aspectos educacionais e de socialização. No entanto, a literatura psicanalítica ainda se mostra restrita quanto aos aspectos relacionados à constituição da identidade, bem como a interação fraterna, a relação com os cuidadores e outras pessoas. Alguns estudos mencionam a possibilidade de haver uma triangulação precoce, visto que desde a vida intrauterina gêmeo e cogêmeo coexistem e compartilham a atenção da mãe, o que se mostra relevante para pensar sobre o processo de individualização e a construção da identidade. Questões relacionadas à identidade se intensificam no período da adolescência, momento em que ocorrem diversas transformações que precisam ser elaboradas: mudanças no corpo, novas demandas, novas perspectivas, rumo à independência das figuras parentais e a busca por reconhecimento. Dessa forma, convém questionar a existência de alguma especificidade no que tange a vivência da adolescência em gêmeos, visto que as questões da individualidade, identificação, reconhecimento e conquista de um lugar próprios podem ser atravessadas pelas semelhanças da imagem e as crenças e ideais construídos diante desses indivíduos que nascem juntos. O objetivo da presente pesquisa foi investigar as questões afetivo-emocionais apresentadas por gêmeos adolescentes atendidos em psicoterapia breve psicanalítica, considerando especificamente a investigação de fatos clínicos relacionados à individualização e diferenciação entre gêmeos no contexto da adolescência. Os participantes foram dois pares de gêmeos adolescentes com 12 e 13 anos de idade, seus pais e respectivos terapeutas. O estudo foi realizado com a utilização do método psicanalítico de pesquisa, especialmente com a construção de fatos clínicos psicanalíticos. O material utilizado se constitui por relatórios de atendimento em psicoterapia psicanalítica breve. Os fatos clínicos detectados foram organizados em duas categorias temáticas analisadas a partir de fundamentos da psicanálise: relação fraterna e transformações da adolescência. A partir dessas categorias, foram elaboradas subcategorias que destacam os seguintes aspectos: diferenciação, comparação e disputa entre os cogêmeos; simbiose e individualização; relações triangulares; luto pela infância vivida; necessidade de reconhecimento e pertencimento.

Palavras-chave: Adolescência; Fatos clínicos; Gêmeos; Psicanálise; Psicoterapia.

Santos, B.L. (2026). **Psychoanalytic clinic with adolescent twins: an analysis based on clinical facts.** 131 sheets. (Masters Dissertation in Psychology) - State University of Londrina, Londrina, 2026.

ABSTRACT

Studies on twinning mostly focus on the similarities and differences related to genetic factors and environmental influence. Psychological studies generally address family bonding, personality, educational aspects, and socialization. However, psychoanalytic literature remains limited regarding aspects related to identity formation, as well as sibling interaction, relationships with caregivers and other individuals. Some studies mention the possibility of early triangulation, given that twins and co-twins coexist and share the mother's attention from intrauterine life, which is relevant for considering the process of individuation and identity construction. Identity issues intensify during adolescence, a time of various transformations that need to be processed: changes in the body, new demands, new perspectives, a move towards independence from parental figures, and the search for recognition. Therefore, it is worth questioning the existence of any specificity regarding the experience of adolescence in twins, since issues of individuality, identification, recognition, and the achievement of their own place can be influenced by the similarities in their image and the beliefs and ideals constructed in relation to these individuals who are born together. The objective of this research was to investigate the affective-emotional issues presented by adolescent twins receiving brief psychoanalytic psychotherapy, specifically considering the investigation of clinical facts related to individuation and differentiation between twins in the context of adolescence. The participants were two pairs of adolescent twins aged 12 and 13, their parents, and their respective therapists. The study was conducted using the psychoanalytic research method, especially with the construction of psychoanalytic clinical facts. The material used consists of reports from brief psychoanalytic psychotherapy sessions. The clinical findings were organized into two thematic categories analyzed based on psychoanalytic principles: sibling relationships and adolescent transformations. From these categories, subcategories were developed highlighting the following aspects: differentiation, comparison, and rivalry between siblings; symbiosis and individuation; triangular relationships; mourning for the lived childhood; and the need for recognition and belonging.

Key-words: Adolescence; Clinical facts; Twins; Psychoanalysis; Psychotherapy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição da literatura selecionada para análise.....	26
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE	Certificação de Apresentação para Avaliação Ética
CAFe	Portal de Periódicos da CAPES
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EDAO-R	Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada Revisada
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MAR	Métodos de Assistência Reprodutiva
PePsic	Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SINASC	Sistema de Informações de Nascidos Vivos de São Paulo
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEA	Transtorno de Espectro Autista
TRA	Tecnologia de Reprodução Assistida
UEL	Universidade Estadual de Londrina
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	DESENVOLVIMENTO	19
2.1	Gemelaridade	19
2.1.1	Revisão de literatura	23
2.2	Adolescência	53
2.3	Objetivos	68
2.3.1	Objetivo geral	68
2.3.2	Objetivos específicos	68
2.4	Método	69
2.4.1	Participantes.....	75
2.4.2	Coleta de dados.....	76
2.4.3	Análise de dados	78
2.5	Resultados e discussão	79
2.5.1	Relação fraterna	79
2.5.1.1	Diferenciação, comparação e disputa	80
2.5.1.2	Simbiose e individualização	89
2.5.1.3	A presença de um terceiro	93
2.5.2	Transformações da adolescência	98
2.5.2.1	Luto pela infância perdida	98
2.5.2.2	Reconhecimento/pertencimento.....	107
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS.....	116
	ANEXOS.....	125
	ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos pais	126
	ANEXO B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) dos adolescentes	128
	ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) do(a) psicoterapeuta	130

1 INTRODUÇÃO

Encontrar com a psicanálise pela primeira vez, durante a graduação de Psicologia, deixou em mim uma marca confusa de identificação e estranhamento. Eu amava psicanálise porque conseguia me ver através das leituras, mas pelo mesmo motivo eu a odiava, pois me ver era difícil e assustador. Uma sensação de bagunça, revolta e ao mesmo tempo um desejo pulsante de conhecer mais. Conhecer a teoria psicanalítica era equivalente a me reconhecer e encarar o que em mim estava se modificando naquela fase da vida: a entrada na casa dos 20 anos, a saída da casa dos pais, a mudança de cidade, o futuro profissional escancarando a chegada da vida adulta e o encontro com um universo de novas oportunidades.

Minha entrada em um projeto de pesquisa e a construção de uma Iniciação Científica confirmaram meu desejo de insistir na pesquisa em psicanálise, enquanto minha atuação na clínica como psicoterapeuta aprendiz, embora marcada por tamanha insegurança, me deu a chance de experienciar uma nova faceta que estava por vir: ser psicóloga. Conforme o estudo de Iwashima, Reis & Santiago (2019), as emoções vivenciadas por um psicoterapeuta aprendiz podem ser interpretadas como constituintes do processo de passagem da condição de estudante para a condição de profissional, processo do qual os autores nomeiam como “adolescência profissional” (p. 39). Essas emoções podem ser intensas e conflitantes a ponto de interferir na prática clínica, mas também podem suscitar a busca pelo crescimento profissional. Nesse sentido, considerando o termo adolescência relacionado ao desenvolvimento profissional, pode-se pensar no turbilhão de emoções que fazem parte desse período da vida que também consiste em transitar e crescer.

A descrição da adolescência baseada no senso comum vem acompanhada de alguns estigmas: “rebeldes, difíceis de lidar, revoltados, bagunceiros, ousados”. Nessa fase do desenvolvimento, o ser humano vivencia transformações que marcam a passagem da vida infantil para a vida adulta, o que gera curiosidade e estranhamento de si. A família teme a

chegada da puberdade, ora negando o crescimento da criança, ora estranhando alguns aspectos infantis que vão e vêm. Ao mesmo tempo, a escola lida com a socialização e o contestar das regras, visto que é o local onde novos vínculos são criados e os limites de convivência são impostos. Esses fatos me intrigam com questionamentos, tais como: por que falamos dos adolescentes de forma universal e, muitas vezes, pejorativa? Quais as diferenças e semelhanças apresentadas pelos diferentes indivíduos nessa fase do desenvolvimento?

Por meio do atendimento clínico, pude dar espaço aos diversos adolescentes que apresentavam seus conflitos, dúvidas e idealizações dentro de seu próprio contexto. Além disso, pude ouvir os cuidadores que, aflitos e confusos, levaram seus filhos para a psicoterapia. Dessa forma, baseada na escuta psicanalítica e no arcabouço teórico que fundamenta o atendimento clínico nessa fase da vida, fui enriquecendo ideias que movimentaram meus intrigantes questionamentos.

Percebo que as fases da infância, adolescência e a fase senil são pensadas e descritas por pessoas adultas, que são vistas como aquelas que alcançaram a maturidade, responsabilidade e autonomia. A partir disso, penso que o caráter de dependência seja um dos fatores que diferencia as fases do desenvolvimento e, por sua capacidade de buscar e oferecer recursos, são os indivíduos adultos que assumem o lugar de cuidadores e atendem os dependentes. Para pensar sobre isso, proponho um diálogo com Winnicott (1970/2020), que apresenta a dependência como um *fato* inerente ao processo de desenvolvimento e, conforme a passagem do tempo e a adaptação dos cuidadores às necessidades do bebê, avança gradualmente da *dependência absoluta rumo à independência*.

Nesse sentido, vejo a adolescência como um marco evidente do processo de afastamento da condição de dependência em direção à independência e, ao passo que se busca por um lugar próprio, caminha-se para saber de si, descobrir e criar a capacidade de se responsabilizar. Autores como Freud (1905/2016), Erikson (1976) Aberastury e Knobel (1981), Calligaris

(2000), Outeiral (2012) e Cassorla (2024) se debruçaram sobre o tema da adolescência e apresentaram aspectos biológicos, socioculturais, psíquicos e de risco patológico que fazem parte dessa fase do desenvolvimento. Pode-se dizer que a conflituosa ocorrência das transformações que encaminham o adolescente para a construção de identidade é o ponto que reúne a concepção desses autores.

Acompanhada pela puberdade, a adolescência compreende as transformações corporais que exigem a elaboração de uma nova percepção de si. Nesse processo, o adolescente necessita de apoio para lidar com a turbulenta tarefa de simbolizar psiquicamente o novo corpo em que habita e que o constitui (Ungar, 2009; Levy, 2021). Nesse sentido, a construção da identidade é atravessada pela identificação que, segundo Freud (1924/1976), se desenvolve a partir da relação com as figuras parentais e, também, a partir da vivência de conflitos psicosssexuais que colaboram para a constituição do sujeito. No entanto, considerando as ideias de Aberastury (1981) e Calligaris (2000), essas primeiras identificações vão se desmanchando na adolescência e dando espaço para novas identificações, as quais podem ser concebidas com resistência pelos adultos. Nesse cenário, os adolescentes se deparam com o sentimento de insegurança e com a dúvida acerca do que é preciso para garantir que continuarão sendo amados como foram na infância.

Erikson (1976) aponta como conflito central da adolescência o início da compreensão de uma identidade psicossocial: “identidade *versus* confusão de papéis” (p. 240). Nessa fase do desenvolvimento, o autor afirma que os preceitos construídos na infância são questionados em busca da singularidade e torna-se um desafio conciliar o que foi aprendido anteriormente, as novas percepções de si e do mundo, e os papéis sociais estabelecidos. Assim, o adolescente é atravessado pelo confronto e ao mesmo tempo pelo isolamento, pois se esbarra nas idealizações à medida que se olha com estranhamento. Portanto, há a luta para se diferenciar em busca de um lugar próprio e o sofrimento por não se sentir pertencente e reconhecido pela família e pela

sociedade. Tais questões fomentam a união com os seus pares nessa busca por alguma identificação, singularidade, reconhecimento e pertencimento.

De forma concomitante aos conflitos da adolescência, as questões da identificação, identidade e singularidade parecem ser um desafio na vida dos indivíduos que são gêmeos. Reis et al. (2018) mencionam que o processo de individualização tem seu ápice na adolescência e, portanto, é o período em que os gêmeos expressam com mais afínco a busca pelo reconhecimento de que cada um possui uma identidade própria e não se constitui como cópia do cogêmeo. Nesse sentido, parece que os gêmeos enfrentam desafios mais complexos do que os adolescentes singulares (quando nasce um bebê por gestação), pois o ímpeto por desenvolver a própria identidade caminha simultaneamente ao exercício de se diferenciar dos respectivos cogêmeos. Mauer (2021) coloca que “o contraponto entre o que é semelhante e aquilo que é distinto nos entretém, nos seduz” (p. 170) e a gemelaridade, tomada pela comparação constante, torna isso explícito. Quando idênticos costumam ser percebidos como se fossem a cópia um do outro e, mesmo quando fraternos ou notavelmente diferentes, são comparados entre si, haja vista a expectativa de que sejam iguais.

Levando em conta o viver em dupla desde o nascimento, Prais (2018) visualiza o gemelar como quem vive sendo duas pessoas e enfatiza o *setting* como uma experiência de construção da singularidade, dada a capacidade do analista de fornecer a “primeira e única oportunidade de sentir-se com uma mãe só para ele” (Prais, 2018, p. 113). A partir dessa relação dual com o analista, torna-se possível ao gemelar reunir em si mesmo aquilo que é projetado no cogêmeo e, assim, conquistar a capacidade viver como sendo apenas um.

À vista disso, apoiada principalmente nos estudos de Winnicott (1982/1965), Barbetta et al. (2008), Reis (2015) e Morgenstern (2018), reitero a relevância da construção de estudos científicos que explorem o processo de individualização em gêmeos, tendo em vista a possibilidade de uma melhor compreensão acerca do que pode favorecer ou desfavorecer o

referido processo. Além disso, dar espaço aos indivíduos que vivenciam a gemelaridade, possibilita o encontro com os desdobramentos afetivo-emocionais por eles vivenciados, sobretudo na fase em que se consolida a identidade. Assim, contribuindo não somente com a ampliação de estudos que versam sobre a vida psíquica desses indivíduos, mas também com uma escuta individualizada que favoreça o pensar sobre si descolado de um outro tão familiar.

Por fim, foi com a minha *rebelde* dificuldade de aceitar a forma pejorativa como são vistos e tratados os adolescentes e com a minha *ousada* tentativa de adentrar na relação estreitamente gemelar que eu cheguei até o presente estudo, movida pelos questionamentos conflituosos sobre: “tornar-se si mesma”. Por outro lado, convém ressaltar meu interesse em participar do projeto nomeado como “Clínica Psicanalítica Ampliada: estudos sobre fatos clínicos detectados no atendimento a gêmeos e familiares” que se deu, inicialmente, pelo desejo de continuar enriquecendo minha trajetória acadêmica acompanhada pela coordenadora do projeto, bem como pela coincidência de obter tios paternos que são gêmeos. Embora eu não tenha certeza da zigosidade, é possível considerá-los como gêmeos fraternos, pois são nitidamente diferentes – especialmente pela diferença na cor da pele (um tem a pele negra e o outro tem a pele branca) – e não são apresentados pela família como um combo de cópias, apenas como irmãos caçulas que chegaram juntos e de forma inesperada.

Tendo em vista o exposto acima, a dissertação foi organizada da seguinte forma: em primeiro lugar o presente capítulo denominado Introdução, em segundo o capítulo de Desenvolvimento e em terceiro o capítulo de Considerações Finais. Ao final, constam as referências utilizadas e, em anexo, os modelos de Termo de Consentimento e Assentimento. O capítulo intitulado como Desenvolvimento é constituído por cinco subcapítulos: o primeiro proporciona um breve histórico da pesquisa com gêmeos e, de forma mais aprofundada, as produções científicas mais recentes acerca desse público; o segundo apresenta reflexões acerca da construção e descrição da adolescência como um fenômeno psicossocial que marca um

período da vida, bem como as principais questões e conflitos vivenciados nessa fase; o terceiro subcapítulo expõe os objetivos da presente pesquisa e o quarto subcapítulo descreve a metodologia utilizada, pormenorizando a caracterização dos participantes da pesquisa e o modo como foram coletados e analisados os dados obtidos; por fim, o quinto subcapítulo versa sobre os resultados da pesquisa, apresentando os fatos clínicos selecionados e organizados em categorias temáticas, bem como e as discussões fundamentadas da teoria psicanalítica.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 GEMELARIDADE

A gemelaridade foi estudada inicialmente por Francis Galton (1876) com a finalidade de observar se os fatores ambientais poderiam ser influentes na diferenciação entre gêmeo e cogêmeo, portanto, foram construídos estudos de cunho genético que deram origem a uma nova especialidade: a “Gemelologia” (Beiguelman, 2001, p. 3). Nesse sentido, Fernandes (2021) aponta a herdabilidade como ponto de partida no processo de avaliação da relação entre os fatores genéticos, as diferenças individuais e a influência do ambiente em que se está inserido, pois, partindo da premissa de que são aspectos interdependentes, torna-se possível desenvolver hipóteses que expliquem as diversas expressões genéticas nos indivíduos gemelares.

Segal (1990) aponta que essa forma de investigação consiste no *Estudo Clássico de Gêmeos: Gêmeos MZ e DZ Criados Juntos*. O qual compara as semelhanças entre gêmeos monozigóticos (MZ) em relação às semelhanças de gêmeos dizigóticos (DZ), sob condições ambientais similares. Assim, o raciocínio metodológico se concentra nas seguintes premissas: (1) fatores genéticos podem explicar a maior semelhança entre os pares de gêmeos MZ quando comparados com gêmeos DZ; (2) as diferenças entre gêmeos MZ podem ser explicadas por fatores ambientais; (3) as diferenças entre gêmeos DZ se associam tanto às influências genéticas como as ambientais, visto que os gêmeos dessa natureza compartilham, em média, apenas metade da carga genética.

Quanto à disposição biológica, o geneticista brasileiro Bernardo Beiguelman (2001) se debruçou nos estudos sobre a natureza da gemelaridade desde sua concepção, pois seu objetivo era compreender os fatores biológicos envolvidos na reprodução humana, especialmente em casos de gêmeos. A partir disso, o autor descreveu como ocorrem os processos intrauterinos e enfatizou dois tipos de fecundação que dão origem aos gêmeos. São chamados gêmeos

monozigóticos ou idênticos aqueles cujo zigoto, que é produto da fecundação de um ovócito por um espermatozoide, se divide em dois e forma indivíduos com mesma carga genética. Nesse caso, o sexo é o mesmo para ambos, mas as características determinadas por fenótipos podem ser diferentes. Quanto aos gêmeos dizigóticos ou fraternos, trata-se da fecundação de dois ovócitos por diferentes espermatozoides respectivamente, o que dá origem a dois indivíduos que podem ou não ter o mesmo sexo e que possuem um nível de similaridade genética parecido com o de irmãos nascidos de gestações diferentes.

Fernandes et al. (2024) fizeram um levantamento de estudos brasileiros realizados com gêmeos até o ano de 2022, considerando as produções em que os gêmeos eram o foco da pesquisa (objeto de estudo) e a ferramenta metodológica (um meio de estudar determinado aspecto, assunto ou temática que não esteja necessariamente relacionado à gemelaridade). As autoras apontaram que o Estudo Clássico de Gêmeos foi utilizado em 53,8% deles, com finalidade de investigar a herdabilidade de diversas características. Convém mencionar que os estudos realizados apenas com gêmeos monozigóticos lideraram o acervo de pesquisas, enquanto aqueles com gêmeos dizigóticos foram menos frequentes. Ademais, observaram um aumento relevante no número de publicações em diversas áreas, especialmente na Medicina (47,4%), Psicologia (14,4%), Odontologia (10,6%) e Biologia (8,5%). Diante do exposto, é possível notar que o interesse de grande parte das pesquisas com gêmeos se associa à curiosidade acerca da relação entre a genética, o caráter biológico e determinadas características presentes no ser humano, destacando a continuidade da perspectiva que orienta os estudos com gêmeos desde os primórdios.

Aprofundando-se na área da Psicologia, Fernandes et al. (2024) indicaram uma crescente na frequência de estudos com gêmeos, chegando a 55,3% entre os anos de 2010 e 2019. Destacam-se, com maior número de estudos produzidos com foco na gemelaridade, as seguintes subáreas da Psicologia: psicologia do desenvolvimento (29,8%),

psicobiologia/etologia (23,4%), psicologia clínica (14,9%) e psicanálise (12,8%). Nesse cenário, as autoras notaram que o comportamento é o foco de interesse de grande parte dos estudos, considerando o relacionamento e vínculo familiar, principalmente entre irmãos; além disso, os aspectos da personalidade e da comunicação, a gestação e maternidade, e a parentalidade gemelar. Quanto à faixa etária dos gêmeos participantes, 15% eram adolescentes, 30% eram adultos e 55% eram crianças. Ademais, as autoras perceberam que o acervo de estudos em Psicologia conta majoritariamente com a participação simultânea de gêmeos MZ e DZ, porém o número de gêmeos MZ é frequentemente maior.

Conforme aponta o estudo de Fernandes et al. (2024), as pesquisas em Psicologia contam majoritariamente com gêmeos que estão no período da infância e, nesse caso, a principal fonte de investigação é o relato das mães. À vista disso, convém ressaltar o crescimento do índice de nascidos gêmeos nos últimos anos, fato que alguns autores (Pison et al., 2015; Susie Lee & Barclay; 2025) associam à idade materna avançada e ao acesso das mulheres à reprodução assistida, especialmente nos países desenvolvidos. No entanto, conforme Smits e Monden (2011), mesmo a taxa de natalidade gemelar sendo baixa em países classificados como *em desenvolvimento*, convém mencionar que isso não exime a possibilidade de haver variações consideráveis em regiões e grupos específicos.

A partir de um estudo com dados estatísticos, Pison et al. (2015) constataram que a taxa de natalidade dos nascidos gêmeos quase dobrou nos países desenvolvidos entre os anos de 1975 e 2015. Como possível explicação, alguns autores (Cardoso-dos-santos et al., 2018; Pison & D'Addato, 2006) apontam a idade materna avançada e o crescente acesso aos Métodos de Assistência Reprodutiva (MAR), que incluem procedimentos de auxílio à fertilidade e reprodução humana. Por outro lado, em estudo mais recente, Susie Lee e Barclay (2025) investigaram a relação entre o crescimento populacional em países de baixa renda e a idade materna, o que resultou na estimativa de um futuro aumento na taxa de natalidade gemelar nos

anos de 2050 e 2100, haja vista que as mulheres têm dado início a suas gestações com idade mais avançada. Nesse sentido, os autores chamam atenção para a necessidade de garantir suporte às gestantes e familiares de gêmeos, contribuindo para promover a saúde. Além disso, convém mencionar que o suporte abrange não apenas às questões somáticas, mas também às questões que se referem aos aspectos afetivo emocionais.

No panorama brasileiro, o estudo de Otta et al. (2016) apresenta o aumento de 30,8% na taxa de natalidade gemelar na cidade de São Paulo – região Sudeste do Brasil – entre os anos de 2003 e 2014, conforme os registros do Ministério da Saúde através do SINASC (Sistema de Informações de Nascidos Vivos de São Paulo), sendo os gêmeos dizigóticos os protagonistas nessa curva de crescimento conforme o avanço da idade materna. Os autores ressaltam que esses dados se associam de modo fidedigno à maior frequência de busca por Tecnologias de Reprodução Assistida por mulheres mais velhas e em situação socioeconômica elevada, visto que a taxa de natalidade gemelar tendia a aumentar entre mulheres acima de 35 anos de idade. Varella et al. (2018) corroboram com esse apontamento ao apresentar as taxas de natalidade gemelar nas diferentes regiões do Brasil: 7,32% no Norte, 8,68% no Nordeste, 9,05% no Centro-Oeste, 10,06% no Sul e 10,34% no Sudeste. Esses dados mostram que as regiões consideradas mais desenvolvidas – Sul e Sudeste – apresentam maiores taxas de natalidade gemelar, o que torna possível associar o acesso aos métodos de produção assistida à condição socioeconômica elevada da população que reside nessas regiões.

Segal (1990) enfatiza que estudar a gemelaridade pode ser um caminho rico para descobertas acerca das diferenças individuais, bem como para compreender o processo de desenvolvimento humano diante de variáveis que colocam em xeque as determinações biológicas e ambientais do comportamento. Nesse sentido, a partir de uma análise estatística de estudos realizados entre os anos de 1958 e 2012 sobre a herdabilidade em gêmeos, Polderman et al. (2015), através da estimativa de herdabilidade, afirmam que todas as características

humanas são hereditárias, ou seja, herdadas geneticamente. No entanto, os resultados dessa análise indicam que características ligadas à personalidade, ao desenvolvimento de psicopatologias e hábitos são significativamente influenciadas pelo ambiente a ponto de a herança genética ser menos determinante.

Com os estudos apontados acima, percebe-se que do ponto de vista genético e biológico foram alcançadas informações importantes sobre a gemelaridade. Além disso, estudos publicados nos últimos dez anos apresentam pesquisas relevantes sobre a taxa de natalidade dessa população, tanto no Brasil como em outros países, o que possibilita pensar nos fatores que podem estar relacionados. No entanto, conforme outrora assinalado por Reis (2015), ainda existe um número escasso de investigações acerca das relações estabelecidas entre os cogêmeos, bem como entre eles e os seus cuidadores. Dessa forma, observar qualitativamente o que permeia a relação gemelar, a interação com a família e com outros núcleos de socialização, pode levar a descobertas sobre a constituição psíquica e o desenvolvimento emocional desses indivíduos. Sendo assim, a seguir será apresentado um subcapítulo descrevendo uma revisão de literatura acerca dos estudos mais recentes realizados com gêmeos e familiares.

2.1.1 Revisão de literatura

Tendo em vista a crescente taxa de nascidos gêmeos apresentada na literatura (Otta et al., 2016), torna-se pertinente a busca e disseminação de informações a respeito da gestação, parentalidade e demais especificidades, especialmente ao considerar os riscos, complicações e desafios que permeiam a gemelaridade. Além disso, embora o número de estudos tenha acompanhado essa crescente, considera-se importante valorizar a perspectiva emocional e as possíveis especificidades da condição gemelar, abrindo portas, cada vez mais, para o desenvolvimento de estudos que considerem outros aspectos que não somente os biológicos e

genéticos, mas também emocionais e psíquicos. Sendo assim, a seguir serão apresentados os resultados de uma revisão bibliográfica que teve como objetivo realizar um levantamento de produções científicas sobre aspectos psicológicos de gêmeos, publicadas de forma on-line nos últimos dez anos.

Para tal, optou-se por realizar uma revisão narrativa de literatura que é composta por publicações “apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o ‘estado da arte’ de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual” (Rother, 2007, parágrafo 3). Portanto, funciona como um levantamento relevante que exhibe os enfoques frequentes e os tipos de metodologia utilizados e, assim, pode evidenciar lacunas e suscitar novas indagações. Além disso, Botelho et al. (2011) destacam que revisar a literatura é uma forma de “fundamentar teoricamente determinado tema” (p.124). Ainda, convém destacar que a revisão do tipo narrativa não exige um desenvolvimento e descrição sistemática, por isso “sua importância está na rápida atualização dos estudos sobre a temática” (Cavalcante & Oliveira, 2020, p. 97).

No intuito de abarcar um panorama de publicações atuais, optou-se por restringir o período de busca e considerar os estudos publicados entre os anos de 2015 e 2025. As bases de dados consultadas foram: LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), CAPES (Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), PePsic (Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia), SciELO (Scientific Electronic Library Online), INDEXPSI Periódicos e BDLTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações). A busca foi realizada com a utilização dos descritores “gêmeos” ou “gemelaridade” em dupla com uma das seguintes palavras: “psicologia”, “psicoterapia”, “psicoterapia psicanalítica” e “psicanálise”. Foram consideradas publicações em português e outros idiomas, tais como inglês, espanhol e francês.

Foram recuperadas as produções científicas (artigos, teses e dissertações), na modalidade on-line, que estivessem inseridas nos seguintes critérios: gemelaridade do ponto de

vista psicológico; parentalidade e/ou a gestação gemelar; relação entre os gêmeos do par gemelar, bem como destes com outros irmãos e pessoas externas ao núcleo familiar. Também foram considerados os trabalhos de revisão de literatura. Por outro lado, foram adotados como critérios de exclusão: estudos com foco nos aspectos biológicos, fisiológicos e genéticos; publicações que não abordam a gemelaridade e/ou apenas citam os gêmeos como parte da amostra, não aprofundando a temática; análise de filmes, séries e livros; produções científicas que não estivessem disponíveis na íntegra.

Inicialmente realizou-se a leitura dos títulos e resumos com a finalidade de verificar se correspondiam aos critérios estabelecidos e, caso não fossem suficientes para tal, procedeu-se à leitura da metodologia utilizada no estudo. Os textos eram lidos na íntegra, quando os passos anteriores não sanavam dúvidas acerca dos critérios de inclusão e exclusão. Posteriormente, os resultados selecionados foram lidos e analisados, considerando a temática dos estudos apresentados em cada texto. Ao final, os resultados foram organizados e apresentados em categorias.

Os descritores utilizados permitiram encontrar 180 estudos publicados, destacando-se em ordem decrescente duas bases de dados com maiores resultados: BDLTD e CAPES. A combinação “gêmeos AND psicologia” foi responsável pelo maior número de resultados em todas as bases de dados utilizadas, seguida por “gêmeos AND psicanálise” e “gemelaridade AND psicologia”. Com base nos critérios de inclusão e exclusão, 150 estudos foram rejeitados (incluindo os estudos repetidos) e 30 foram resgatados, estes estão listados na Tabela 1. Nota-se que os estudos resgatados são fundamentados em diferentes áreas de estudo, como a enfermagem, fonoaudiologia, filosofia, pedagogia e terapia ocupacional. Quanto aos estudos inseridos na Psicologia, foram encontrados estudos sob diferentes perspectivas teóricas, como análise comportamental, neurociências, psicanálise, psicologia escolar e do desenvolvimento

humano, psicologia evolucionista, psicologia experimental e psicologia social. A maioria dos estudos são artigos (16), seguido das dissertações (13) e apenas uma tese.

Tabela 1.

Descrição da literatura selecionada para análise.

Autores	Título	Tipo de documento
Barbetta e Panhoca (2019)	Desenvolvimento de gêmeos monozigóticos: linguagem e outras especificidades	Artigo
Brandão (2017)	Orientação sexual de gêmeos no norte do brasil	Dissertação
Cangueiro (2019)	Especificidades na constituição psíquica de gêmeos: um estudo exploratório	Dissertação
Coelho (2020)	Mente consciente, cérebro e corpo: casos de gêmeos siameses	Artigo
Dornelles e Schmidt (2015)	Relação Materna na Construção da Identidade de Gêmeos	Artigo
Gallo, Reis e Cordeiro (2020)	Individualização em gêmeos: uma revisão integrativa	Artigo
Giguer e Silva (2024)	Uma travessia no contexto da prematuridade: da UTI Neonatal até a casa	Artigo
Fernandes, Ferreira, Felipe, Segal e Otta (2024)	Brazilian Twin Studies: A Scoping Review	Artigo
Ferreira (2020)	Perspectivas maternas sobre separar ou não gêmeos na escola: uma abordagem psicoetológica das causas e consequências	Dissertação
Machado (2015)	Percepções e expectativas maternas acerca das habilidades sociocomunicativas e linguísticas de bebês gemelares	Dissertação
Machado (2015)	A conjugalidade na gestação de gemelares com diagnóstico de malformação	Dissertação
Machado, Nunes e Aquino (2022)	Gestação e Desenvolvimento Inicial de Gêmeos: Um Estudo a partir de Relatos Maternos	Artigo
Matos (2015)	Um estudo psicossocial sobre formação e transformação identitária com gêmeos univitelinos	Dissertação
Mioto (2023)	Análise do ensino do comportamento de ecoico	Dissertação

	em gêmeos concordantes para autismo: diferenças encontradas e suas implicações	
Morgenstern e Gueller (2015)	Do trabalho suplementar na constituição subjetiva de gêmeos	Artigo
Morgenstern e Gueller (2023)	Duplicação, multiplicação, unificação: Da reprodução assistida à constituição subjetiva dos filhos múltiplos	Artigo
Nunes (2019)	Tornando-se mãe de gêmeas prematuras: uma perspectiva autoetnográfica	Dissertação
Otta et al. (2019)	The University of São Paulo Twin Panel: Current Status and Prospects for Brazilian Twin Studies in Behavioral Research	Artigo
Pinheiro, Gagliardo, Martinez, Santos e Barba (2015)	Estudo comparativo do desempenho viso motor e motor global de gêmeos pré-termo na idade escolar	Artigo
Ramos (2021)	O que a clínica psicanalítica com gêmeos nos ensina? Efeitos e destinos da experiências gemelar	Dissertação
Reis, Cordeiro e Simon (2018)	Diagnóstico Adaptativo e Individualização em Gêmeos: Estudo Exploratório	Artigo
Ribeiro (2018)	Tecendo uma colcha de retalhos: os desafios de entrelaçar os fios de uma experiência de maternidade trigemelar	Tese
Rodrigues (2025)	Entre semelhanças e diferenças: clínica psicanalítica com gêmeas adultas	Dissertação
Santos (2023)	Gêmeos autistas em processo de alfabetização: linguagem e aprendizagem matemática no ensino regular em Goiânia	Dissertação
Santos e Reis (2022)	Mães de gêmeos: vivências emocionais no puerpério mediato	Artigo
Short (2021)	A natureza da relação gemelar na infância: uma abordagem evolucionista sobre os fatores que influenciam o relacionamento entre irmãos gêmeos	Dissertação
Souza (2023)	Mães de gêmeos prematuros: a escuta psicanalítica na UTI neonatal	Dissertação
Tchernoukha e Wendland (2015)	Etude comparative du vécu psychique de femmes vivant une grossesse gémellaire ou unique / Estudo comparativo da experiência psicológica de mulheres grávidas de gêmeos ou de um único bebê	Artigo
Veiga, Bertão e Alarcão (2020)	Os primeiros meses na dança relacional mãe-bebê(s): desafios decorrentes da situação	Artigo

	gemelar	
Verdi (2021)	Atendimento de famílias com crianças pequenas	Artigo

Após a leitura na íntegra, com base na descrição dos objetivos e da metodologia de cada estudo, os trabalhos foram organizados e analisados através das seguintes categorias temáticas: *aspectos do desenvolvimento biopsicossocial; constituição psíquica/subjetiva; gestação e/ou maternidade; relação familiar e/ou entre par de gêmeos; revisão bibliográfica*. A divisão tem como função uma exposição didática dos assuntos que se destacam nos estudos resgatados. Assim, convém mencionar que cada estudo não se restringe, necessariamente, a apenas uma categoria, visto que podem abordar elementos presentes em outras categorias.

Na categoria referente aos *aspectos do desenvolvimento biopsicossocial* foram considerados os estudos que investigaram a relação entre a gemelaridade e o processo de desenvolvimento, sendo eles: um artigo da área da Fonoaudiologia (Barbetta & Panhoca, 2019), duas dissertações na área da Psicologia – Psicologia Social (Machado, 2015) e Análise Comportamental (Miotto, 2023) –, um artigo da área de Terapia Ocupacional (Pinheiro et al., 2015) e uma dissertação da área da Pedagogia (Santos, 2023). Aspectos tais como a linguagem, interação e comunicação, comportamento e cognição foram considerados como elementos importantes para a compreensão do que constitui o processo de desenvolvimento. Os estudos mencionados serão apresentados a seguir.

Barbetta e Panhoca (2019) discorrem sobre os gêmeos monozigóticos (MZ) serem idênticos do ponto de vista genético e, desse modo, serem subjugados por ideais e costumes socioculturais que valorizam a manutenção de tamanha semelhança. As autoras destacam que ao longo do desenvolvimento, considerando especialmente a relação com os demais através da linguagem, os gêmeos MZ apresentam diferenças que, embora sejam consideradas sutis, precisam ser respeitadas especialmente pela família para que favoreçam a construção de uma identidade individualizada. Nesse sentido, chama-se atenção para a importância dos aspectos

psicossociais na valorização das diferenças entre gêmeo e cogêmeo, pois vê-se “a singularidade como um aspecto que envolve aproximações e afastamento, semelhanças e diferenças em relação ao outro” (Barbetta & Panhoca, 2019, p. 103).

Com base no relato de mães de gêmeos de até dois anos de idade, Machado (2015) deu importância às percepções e expectativas maternas acerca do desenvolvimento global dos filhos (comportamento, cognição, motricidade, sociocomunicação e linguística), considerando a interação social e a linguagem como fundamentais nesse processo. De modo geral, as expectativas e buscas por estimular e auxiliar as crianças eram positivas, haja vista a compreensão das mães acerca de fatores que podem contribuir para o desenvolvimento dos filhos: permitir a socialização e convívio com outras crianças, afetividade no cuidado oferecido pelos pais e a importância de uma rede de apoio. Por outro lado, as percepções acerca das dimensões do desenvolvimento e das características do temperamento variaram, principalmente pela diferença de idade entre os pares de gêmeos que participaram da amostra. No entanto, em linhas gerais, considerando o par de gêmeos, as mães apontaram diferenças quanto ao comportamento de cada criança desde a gestação, a expressão da personalidade e o temperamento, a variação no tempo de aquisição de determinadas habilidades e o modo como interagem com o meio. Além disso, mostra-se interessante a percepção das mães em relação à comunicação entre gêmeo e cogêmeo, visto que há algo de singular e criativo na linguagem que utilizam. Por fim, outro ponto interessante é a percepção da capacidade dos irmãos brincarem de forma espontânea na companhia um do outro.

Fundamentada na análise comportamental, Mioto (2023) investigou a aquisição do repertório ecoico e os comportamentos considerados como pré-requisitos para aprendizagem em um par de gêmeos dizigóticos, concordantes para TEA (Transtorno do Espectro Autista). Apesar de não estabelecer associação entre as particularidades de cada gêmeo e o processo de aprendizagem, os resultados da pesquisa indicaram a singularidade como um aspecto presente

na aquisição dos comportamentos pesquisados, mesmo quando ocorre a partir de um procedimento padronizado e independente da carga genética compartilhada.

Na tentativa de compreender os riscos relacionados à coordenação viso motora e motora global de gêmeos, Pinheiro et al. (2015) realizaram um estudo comparativo que incluía quatro pares de gêmeos, com idades de 5 a 7 anos, que nasceram prematuramente e dezesseis crianças não gemelares que foram divididas em dois grupos: crianças com histórico de nascimento prematuro e crianças nascidas no tempo gestacional comumente esperado. A pesquisa ocorreu a partir da análise de desempenho dos participantes em testes que avaliaram o desenvolvimento cognitivo. Os resultados mostraram que gêmeos e não gêmeos nascidos de forma prematura apresentaram baixo desempenho, o que indica a condição de prematuridade como um possível fator influente no desenvolvimento cognitivo. A partir disso, os autores apontam que a condição gemelar não necessariamente influencia no desenvolvimento da coordenação viso motora e motora global, mas sim o histórico de prematuridade dos gêmeos, visto que as crianças não gêmeas nascidas prematuramente também apresentaram um baixo desempenho.

Com a finalidade de investigar o processo de alfabetização matemática de crianças gêmeas com TEA (Transtorno do Espectro Autista), Santos (2023) buscou identificar quais fatores os recursos didáticos precisam obter para promover o desenvolvimento da linguagem oral e escrita matemática. Os resultados possibilitaram reflexões importantes acerca do desenvolvimento das funções psicológicas fundamentais para a aprendizagem matemática, destacando a relevância da interação entre par de gêmeos. Fatores como habilidades, interesses, atenção e tolerância sensorial foram considerados com base na necessidade individual de cada cogêmeo, valorizando a compreensão de que, embora fossem geneticamente semelhantes, os irmãos têm percepções e interpretações próprias.

Considerando o acima exposto, percebe-se a preocupação dos autores com diferentes nuances do desenvolvimento detectado em gêmeos, no sentido de chamar a atenção para possíveis diferenças entre tais indivíduos e os nascidos singulares (um bebê por gestação).

Na categoria referente aos aspectos da *constituição psíquica/subjetiva* foram incluídos os estudos que discorrem sobre os aspectos subjetivos e psíquicos dos indivíduos gemelares, sendo um artigo no campo da Filosofia sob perspectiva Fenomenológica (Coelho, 2020) e nove estudos relacionados à área de Psicologia, dos quais cinco dissertações – Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano (Cangueiro, 2019), Psicanálise (Rodrigues, 2025; Ramos, 2021), Psicologia Social (Matos, 2015) e Neurociências e Comportamento (Brandão, 2017) e quatro artigos fundamentados na psicanálise - (Gallo et al., 2020; Morgenstern & Gueller, 2015; Morgenstern & Gueller, 2023; Reis et al., 2018). Temas como individualização, diferenciação, identidade e sexualidade foram pontos nodais.

Articulando artigos que apresentam casos de gêmeas siamesas, Coelho (2020) discorre de forma filosófica sobre a complexidade acerca do que constitui a identidade de cada pessoa e salienta a impossibilidade de haver existências idênticas, mesmo quando se compartilha partes do mesmo corpo. Fundamentado na fenomenologia, o autor considera o cérebro, o corpo e a mente como um conjunto interdependente, pois a mente está inscrita no cérebro e o cérebro requer um corpo para operar. Além disso, considera-se a relação com o ambiente como parte essencial dessa dinâmica, visto que a mente se modifica na relação com o externo. Desse modo, o autor sustenta a ideia de que, mesmo em casos de gêmeos com corpos fundidos, as experiências conscientes não podem ser replicadas de forma idêntica por se tratar da relação única entre cérebro, corpo e mente. Diante disso, o autor destaca algumas diferenças observadas entre as gêmeas siamesas – aspectos psicológicos como a personalidade e as preferências de cada cogêmea – como caminho para compreender o caráter individual intrínseco às experiências.

Cangueiro (2019) acompanhou um par de gêmeas univitelinas, desde recém-nascidas até os dezesseis meses de vida, com o intuito de investigar o modo como bebês gêmeos se constituem psiquicamente e identificou aspectos importantes para pensar a gemelaridade e o processo de constituição psíquica. Dentre eles, destaca-se o histórico da gestação e a rede de apoio, a capacidade da mãe de se adaptar às necessidades dos bebês, as tentativas de diferenciação que ocorrem desde o início e as ambivalências envolvidas nesse processo, bem como a interação entre as cogêmeas. Além disso, fundamentada na teoria winnicottiana, a análise da autora considera a configuração e dinâmica familiar como fatores significativos para o modo como cada cogêmea se expressa, como lidam uma com a outra e como se relacionam com as pessoas do núcleo familiar.

Rodrigues (2025) elaborou uma pesquisa cujo objetivo foi investigar aspectos afetivo-emocionais apresentados por gêmeas adultas, atendidas em psicoterapia psicanalítica breve. Os resultados possibilitaram pensar na gemelaridade como uma particularidade que produz efeitos nas relações interpessoais e no vínculo terapêutico, visto que o autor identificou uma repetição da dinâmica da dupla gemelar nas relações estabelecidas com outras pessoas. Nesse sentido, foram apresentados aspectos como a dificuldade de estar sozinha, o sentimento de exclusão quando há um terceiro, a simbiose do par gemelar como um mecanismo de defesa, a formação da identidade baseada nas comparações entre uma e outra, questões relacionadas ao sentimento de ser cuidada e pertencer, a dificuldade de reconhecer as necessidades pessoais e expor como pedido de ajuda. Quanto ao vínculo terapêutico, o autor destaca a dificuldade de se separar do terapeuta quando findam os atendimentos, haja vista a necessidade de reconhecimento e de companhia para lidar com suas próprias angústias.

Ramos (2021) desenvolveu um estudo com base na escuta clínica e no arcabouço teórico sobre gêmeos e seus familiares com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento de reflexões contundentes acerca da gemelaridade no campo psicanalítico. Nesse sentido,

inicialmente o autor se propôs a falar com profissionais que executam atendimento clínico, ao passo que apresenta aspectos que se mostram como desafios específicos da clínica com gêmeos, como, por exemplo: questões relacionadas à identidade e subjetivação, rivalidade, perda e sentimentos contratransferenciais. Ademais, o autor aborda/apresenta reflexões sobre a parentalidade de gêmeos, enfatizando o desafio dos pais e cuidadores no exercício de reconhecer cada cogêmeo de forma singular. Quanto às experiências de ser um gemelar, são apresentados relatos de autores que são gêmeos e destacam os seguintes pontos: a necessidade de os terapeutas reconhecerem a condição gemelar como um aspecto importante para construir o manejo clínico; a existência de aspectos específicos da gemelaridade que envolve irmãos de sexos opostos; a complexidade da perda de um irmão gêmeo ainda dentro do útero. Também são apresentados casos clínicos que deixam à mostra os seguintes aspectos: sentimentos ambivalentes; disputa; a dinâmica complementar da relação; a dificuldade de se separar do cogêmeo, a qual interfere na capacidade de pensar em si mesmo; a possibilidade de escolher sustentar o desejo de estar sempre junto com a cogêmea.

Em um estudo com gêmeos univitelinos adultos, Matos (2015) buscou investigar a formação e transformação da identidade com base na história de vida de ambos. Nesse sentido, o autor valoriza a concepção de socialização primária e secundária: na primária enfatiza-se a concomitância no desenvolvimento da identidade e da individualidade, pois as percepções familiares, comparações entre um e outro e o lugar que os gêmeos ocupam na família são aspectos fundamentais para estabelecer diferenças; na secundária destaca-se a individualidade, visto que a busca por novas concepções emerge e se apresenta em constante transformação. Ademais, o autor apresenta a perspectiva de cada cogêmeo acerca de suas experiências escolares, profissionais, processos terapêuticos e expectativas para a vida. Pontos relevantes que incluem os seguintes aspectos: comparações e competições entre o par, mas ao mesmo tempo certa dificuldade de se reconhecer melhor que o outro em determinadas habilidades; um

que se mostra mais independente das expectativas da família; a relação entre os irmãos, sendo um cogêmeo o que exerce o cuidado e o outro que recebe; incômodo em relação à admiração frequente das pessoas por serem gêmeos; o sentimento de estranheza por serem vestidos com roupas iguais; e a busca por constante transformação.

Brandão (2017) teve como foco a orientação sexual de 140 gêmeos, em sua maioria mulheres, em uma pesquisa com 69,3% monozigóticos (MZ) e 30,7% dizigóticos (DZ). A declaração de identificação com a heterossexualidade foi majoritária tanto entre os gêmeos MZ (64,9%), quanto entre os gêmeos DZ (65,1%). Contudo, o autor salienta que os resultados não são suficientes para relacionar a orientação sexual à influência de fatores genéticos e ambientais.

Gallo, Reis e Cordeiro (2020) construíram um estudo com o objetivo de investigar as produções científicas brasileiras que abordam a temática do processo de individualização em gêmeos. À vista disso, as autoras elaboraram uma revisão integrativa que resultou em estudos que destacam as práticas socioculturais, escolarização, parentalidade, maternidade e relação entre o par de gêmeos. De modo geral, o texto menciona assuntos como: desenvolvimento da identidade e individualidade, relação de competição, diferenciação, comparações complementares, separação, fantasias relacionadas à concepção de um bebê dividido, entre outros. Dessa forma, chama-se atenção para a importância de se aprofundar na temática, tendo como finalidade identificar e contribuir para uma melhor compreensão das particularidades que se relacionam à gemelaridade, especialmente no que diz respeito ao tratamento dirigido aos cogêmeos no decorrer de seu desenvolvimento e à relação entre o par, a qual pode se apresentar ambivalente à medida que há disputa e apoio mútuo.

Morgenstern e Gueller (2015) produziram um artigo a respeito das particularidades notadas na escuta clínica de gêmeos, recorrendo às produções teóricas psicanalíticas que discorrem sobre o tema. Nesse sentido, entendendo a gemelaridade como uma situação

permeada por especificidades que desafiam os próprios gêmeos e os próprios pais, as autoras discorrem sobre: a função materna, paterna e fraterna; as questões relacionadas à individuação; o desejo dos pais como aspecto fundamental na subjetivação de duas ou mais crianças simultaneamente e o desafio de “se constituir como outro exterior e diferente” (p. 64). Ademais, são apresentadas algumas configurações que se articulam à constituição subjetiva relacionada à equivalência do bebê ao falo (conceito psicanalítico que se refere ao desejo): quando duas ou mais crianças ocupam um lugar dividido no desejo dos pais e, assim, são entendidos como partes suplementares de uma unidade; quando duas ou mais crianças ocupam um lugar que não se divide e, assim, são percebidos como cópias idênticas; quando, devido às projeções dos pais, um ocupa o lugar de filho idealizado e o outro de rejeitado; quando nenhum é investido de desejo, podendo acontecer um fechamento entre si; quando um bebê é investido pela mãe o outro pelo pai, demandando que a função paterna aconteça tanto entre a mãe e o bebê como entre os cogêmeos.

Em outro estudo, sob essa mesma perspectiva psicanalítica e inquietante em relação à constituição subjetiva de gêmeos, Morgenstern e Gueller (2023) apresentam questões relacionadas à gestação, nascimento e parentalidade de múltiplos em decorrência das tecnologias de reprodução assistida. As autoras destacam a frequência com que têm ouvido as dificuldades dos pais em simbolizar a origem das crianças nascidas sob a marca de um histórico que, muitas vezes, é permeado por perdas, frustrações e idealizações que podem interferir na concepção simbólica de um filho. Assim, levantam-se questões acerca do investimento que se faz aos filhos e quais os efeitos disso na subjetivação das crianças, haja vista que a reprodução assistida alimenta a expectativa de uma gravidez que pode surpreender com mais de um bebê. Portanto, as autoras enfatizam a contagem como uma forma de pensar o lugar ocupado por esses filhos especialmente no desejo da mãe, visto que a lógica fálica presume inicialmente apenas um lugar incomparável e sem equivalentes, mas no caso de gêmeos isso parece ser impossível

devido a necessidade de os pais olharem para as crianças como sujeitos a serem constituídos subjetivamente de forma individual sob a condição de simultaneidade.

Reis et al. (2018) elaboraram uma pesquisa cuja finalidade era investigar a saúde mental de 12 pares de gêmeos adultos através da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada Revisada (EDAO-R), a qual se propõe identificar as dificuldades que um indivíduo apresenta diante da necessidade de se adaptar às situações e contextos de vida. Os resultados mostraram que os cogêmeos que apresentaram “Adaptação Eficaz” se sentiram respeitados pelos cuidadores quanto às características pessoais e enfatizam que há diferenças entre um e outro. Quanto aos cogêmeos incluídos na categoria “Adaptação Eficaz em crise”, além de apresentarem grandes semelhanças nas respostas às perguntas, apresentaram certa dependência ao cogêmeo e dificuldade em manter relações com outras pessoas. Ainda, houve cogêmeas com diagnóstico de “Adaptação Ineficaz Leve em crise” e, especialmente no par que obteve o mesmo diagnóstico, elas mostraram o quanto se consideram parecidas em vários aspectos e o quanto necessitam uma da outra para se sentir estável. Por fim, os resultados também apresentaram pares de gêmeos em que cada cogêmeo obteve um diagnóstico diferente em relação ao outro e, nesses casos, enfatiza-se a compreensão diferenciada de si, do cogêmeo e da relação conforme mostravam suas percepções.

Os estudos mencionados demonstram o interesse de pesquisadores, de diferentes abordagens teórico-metodológicas, em melhor conhecer as possíveis peculiaridades da constituição psíquica e subjetividade dos gêmeos. De certa forma apontando a necessidade de buscar compreender a singularidade e respeitar a individualidade dos cogêmeos de cada par.

Na categoria referente à *gestação e/ou maternidade* gemelar foram incluídos os estudos que apresentam as perspectivas maternas sobre a gemelaridade, bem como sobre a própria experiência de gestar e cuidar de filhos gêmeos. Na área da Psicologia, serão apresentados seis artigos (Dornelles & Schmidt, 2015; Giguer & Silva, 2024; Machado, Nunes & Aquino, 2022;

Santos & Reis, 2022; Tchernoukha & Wendland, 2015; Veiga, Bertão & Alarcão, 2020), três dissertações (Ferreira, 2020; Nunes, 2019; Souza, 2023) e uma tese (Ribeiro, 2018). Ademais, uma dissertação na área de Enfermagem (Machado, 2015).

Dornelles e Schmidt (2015) construíram um artigo com o objetivo de investigar o modo como se estabelece a relação entre mãe e bebê gêmeo, bem como as implicações disso na construção da identidade dos filhos. Considerando a literatura fundamentada na psicanálise, as autoras encontraram estudos que corroboram com a ideia de que o investimento psíquico destinado aos filhos é fundamental para o desenvolvimento da identidade de cada cogêmeo, pois seu esforço para identificar suas diferentes necessidades possibilita a quebra da unidade e o aparecimento dos indivíduos que compõem o par. Nesse sentido, chamam atenção para a complexidade da individuação em gêmeos, pois há a necessidade de “diferenciar-se quanto sujeito em suas especificidades, separar-se de sua mãe com todas as frustrações que terá ao longo das esperas a qual será submetido, e então a própria separação do irmão, que encontra-se muito próximo e semelhante a si” (Dorneles & Schmidt, 2015, p. 56). Dessa forma, vê-se que o processo de constituição enquanto sujeito é acrescido de etapas que o bebê nascido singular não vivencia. Além disso, devido à íntima relação entre os irmãos, o artigo aponta a possibilidade de a ausência da mãe ser ocupada pelo íntimo vínculo entre o par, o que pode conferir a dependência de um em relação ao outro.

Giguer e Silva (2024) elaboraram um estudo com base no acompanhamento psicológico de uma mãe e seus bebês gêmeos prematuros que ficaram internados em uma UTI neonatal. As autoras destacam o sentimento de vazio e desamparo da mãe diante do fato de ter sido separada de seus filhos e impedida de exercer o cuidado a seu modo, tendo em vista a necessidade de os bebês ficarem nas incubadoras, o que refletiu na dificuldade de se apropriar dos filhos. Os pais vivenciavam medo e angústia diante da possibilidade da morte dos bebês e os efeitos disso se davam na construção de uma relação frágil e sem intimidade permeada pela incerteza. Contudo,

esse cenário foi se modificando à medida que os gêmeos se desenvolviam dentro do esperado até o momento da alta hospitalar. Esses progressos de saúde contribuíram para que o medo de perder os filhos fosse diminuindo e o espaço para se identificar com eles fosse se abrindo, o que permitiu à mãe se aproximar dos filhos física e afetivamente, bem como se autorizar a cuidar e atender às necessidades de cada um deles. Além disso, convém ressaltar a importância da escuta à mãe ao longo do caminho, visto que funcionou como um apoio psicológico no processo de elaborar os sentimentos envolvidos na situação e contribuir para a transformação da relação mãe-bebês.

Machado et al. (2022) entrevistaram nove mães de gêmeos de até 2 anos de idade com a finalidade de saber de suas emoções, percepções e expectativas em relação ao desenvolvimento dos filhos. De forma prevalente, as mães relataram ter sentido medo, angústia, insegurança e felicidade diante da descoberta de uma gravidez gemelar, percebendo que o tempo de elaboração foi delongado. Quanto ao desenvolvimento dos filhos, a maioria das mães relataram que a linguagem e comunicação parecem ser mais desenvolvidas quando comparadas com outras crianças. Ademais, foram apresentados fatores importantes para facilitar o processo de desenvolvimento das crianças, tais como a presença de uma rede de apoio para minimizar a sobrecarga materna e, também, para proporcionar tempo ao casal parental: o estímulo e dedicação aos filhos, a exposição ao convívio com outras crianças e a demonstração de afeto por parte dos cuidadores. Outro ponto destacado pelas autoras é a concepção das diferenças, as quais a maioria das mães relatam identificar através do temperamento e do ritmo de desenvolvimento. Convém mencionar que essas diferenças apareceram sob a ótica da comparação e oposição, como relata uma das mães: “a menina é mais calma, o menino já é bastante agitado” (Machado et al., 2022, p. 765). Diante dessas diferenças também surge a preocupação em exercer o cuidado de forma igualitária, haja vista o desconforto das mães em não corresponder a cada filho do mesmo modo. Ao final, as mães relatam ter expectativas

positivas sobre o desenvolvimento dos filhos e, assim, é possível perceber que as concepções e expectativas maternas produzem efeitos no processo de desenvolvimento dos filhos.

Machado (2015) pesquisaram, através da técnica do genograma, a relação conjugal no caso de haver a concepção de gêmeos, sendo um cogêmeo diagnosticado com malformação congênita. Participaram dois casais que declararam desejar, desde o início, construir uma família com filhos, embora se preocupassem com a condição financeira. A descoberta da gravidez foi recebida positivamente por ambos, mas o susto e intensificação da preocupação apareceram quando um ultrassom mostrou dois bebês. Para um dos casais, houve a perda do filho diagnosticado e, conseqüentemente, a vivência de um luto que se apoiou de forma positiva na relação estabelecida entre o casal, mas que dificultou viver a sensação de felicidade pelo filho que permaneceu vivo. Quanto à relação conjugal logo após o nascimento dos filhos, a autora menciona o relato dos pais sobre se sentirem excluídos, visto que a companheira direcionava sua atenção integralmente aos filhos. Ao final, as autoras ressaltam que a dinâmica da relação conjugal dos casais participantes foi essencial para que vivenciassem sem grandes transtornos os desafios relacionados à gestação gemelar e ao diagnóstico inesperado.

Santos e Reis (2022) elaboraram um artigo sobre as emoções vivenciadas por cinco puérperas, mães de gêmeos, incluindo também o modo de interação e cuidado em relação aos filhos. As autoras apresentaram relatos em que a descoberta da gravidez gemelar foi recebida positivamente ou de forma traumática pelas mães, mas em ambos os casos a elaboração se deu de forma gradual. Ademais, foi mencionado o risco inerente à gestação múltipla, as expectativas e medos em relação ao parto, os comentários culturalmente construídos e a necessidade de investir na capacitação dos profissionais com foco nas especificidades do tratamento com gestantes de gêmeos e/ou múltiplos. Outro ponto levantado foi a escolha dos nomes, os quais geralmente são similares e podem advir do desejo da mãe desde antes da gestação, da ideia de homenagear algum familiar e da escolha feita por outro filho. Por fim, com relação à interação

e cuidado, foram apresentados os seguintes pontos: preocupação das mães em atender as necessidades dos filhos, visto que a mãe é só uma para dois ou mais filhos; o medo de haver um filho preferido; a amamentação como possibilidade de desenvolvimento da individualidade, considerando os efeitos afetivo-emocionais envolvidos neste momento de intimidade entre mãe e bebê. As autoras concluem ressaltando a necessidade dos profissionais de saúde destinarem maior atenção às informações acerca da população gemelar e seus familiares, tendo em vista a necessidade de aprimorar os serviços ofertados.

O estudo de Tchernoukha e Wendland (2015) teve como finalidade comparar a experiência de gestantes gemelares em relação às mulheres grávidas de apenas um bebê e, a partir disso, apresentaram particularidades que as diferenciam. No caso das gestantes de gêmeos ou múltiplos, são evidentes os seguintes pontos: as limitações médicas são acentuadas; a preocupação quanto aos cuidados tende a ser intensa devido a escassez de orientações e urge a necessidade de compartilhar a experiência com outras mães/gestantes gemelares; há certa dificuldade em construir vínculo de forma individual com cada bebê, haja vista o processo de conceber a ideia de uma gravidez que comporta dois ou mais filhos. Por outro lado, gestantes de um único filho parecem ter como modelo a maternagem que receberam de suas mães e demonstram ter mais facilidade em construir vínculo e se identificar com o bebê. No entanto, as autoras também apontam diferenças entre as gestantes de gêmeos monozigóticos e dizigóticos, como, por exemplo, o medo de confundir os monozigóticos por serem muito semelhantes, bem como o medo de não conseguir se apropriar do lugar de mãe por se sentir excluída da relação entre os cogêmeos. Além disso, a pesquisa permitiu observar que quando o sexo dos gêmeos é diferente, há uma facilidade maior em reconhecer as diferenças entre um e outro e de encontrar espaço para construir uma relação a três. De modo geral, ressalta-se a importância de dar oportunidade às gestantes de gêmeos se identificarem como tal através da troca de experiência com outras mulheres que vivenciam a mesma condição, pois isso pode

contribuir para atenuar os medos, preocupações e ansiedades específicas da gestação e maternidade gemelar.

Veiga et al. (2020) investigaram se é possível associar a relação mãe-bebê e o processo de diferenciação entre gêmeos, considerando a qualidade da relação entre mãe e filho e as diferenças que se apresentam entre os cogêmeos, tais como a zigosidade, o sexo e a aparência. Foram entrevistadas quarenta mães de gêmeos de até 6 meses de vida, mas não foram encontradas evidências estatísticas que pudessem afirmar o problema de pesquisa. Contudo, as autoras mencionam que a relação mãe-gêmeos é afetada pelas preocupações acerca dos riscos da gestação e do parto, bem como as complicações logo após o nascimento (por exemplo, a internação devido a prematuridade). As mães de gêmeos parecem ter suas idealizações frustradas de forma intensa em virtude da condição de saúde dos bebês, o que pode interferir no investimento materno e, conseqüentemente, na interação dos filhos com a mãe. Por fim, as autoras destacam a necessidade de fornecer apoio às mães de gêmeos, especialmente através da transmissão de informações e orientações diante das dúvidas que possam surgir. Dessa forma, é possível contribuir para que o vínculo entre mãe-filhos se estabeleça de forma saudável, tornando-se solo fértil para construir a capacidade de identificar as necessidades de cada filho e, assim, diferenciá-los. Apesar de não haver resultados quantificáveis, as autoras partem do pressuposto de que é importante que a mãe trate cada filho a seu modo, construindo uma relação individualizada, pois compreendem que esse é um caminho possível para uma construção positiva de identidade.

Ferreira (2020) buscou investigar a perspectiva de mães de gêmeos de 2 a 12 anos de idade em relação à decisão de manter ou separar os filhos na escola e foi identificado que 65% dos gêmeos de até 10 anos de idade estudavam juntos. A decisão de manter os cogêmeos na mesma sala de aula tinha como base, principalmente, a idade e a relação entre ambos, enquanto a decisão de separar era motivada pelo favorecimento da individualidade, a imposição da

escola, os conflitos entre ambos, a posição de dominância de um em relação ao outro e a relação de dependência. Quanto aos efeitos da decisão, de modo geral, as mães relataram que deixar os filhos na mesma sala de aula contribui para a sensação de segurança entre os irmãos, entendendo que um gêmeo funciona como suporte para o outro. Por outro lado, separá-los poderia incentivar na construção da individualidade. Convém mencionar que os gêmeos MZ participantes desse estudo demonstraram ser mais dependentes um do outro em comparação com os gêmeos DZ. Por fim, além do que já foi mencionado, a autora considera a cultura como um fator fundamental para a perspectiva materna no tratamento dos filhos gêmeos, refletindo na decisão de separá-los ou não no período escolar.

Nunes (2019) construiu um estudo autoetnográfico com a finalidade de explorar o processo de se tornar mãe de gêmeos em contexto hospitalar, considerando sua experiência pessoal como mãe de gêmeas prematuras internadas em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIneo). A autora discorre com detalhes sobre suas impressões desde a pré-concepção até a saída do hospital e expõe a preocupação, o medo e as dúvidas vividas com frequência. Além disso, enfatiza a quebra brusca da expectativa ao conceber bebês com a saúde fragilizada, envolvidos por fios e tubos que denotam o limite entre a vida e a morte. Nesse sentido, a autora discorre sobre as necessidades que advêm do desafio de conceber filhos gêmeos e a importância de compartilhar informações e experiências como forma de contribuir para a preparação dos cuidadores. Dessa forma, são apresentados três tipos de apoio: emocional, informacional e instrumental. O apoio emocional diz respeito à atenção e cuidado com as mães, pois podem se sentir sozinhas, sobrecarregadas e incapazes de construir o cuidado com os filhos. O apoio informacional tem como função apresentar informações e orientações acerca dos riscos da gestação e prematuridade, sobre como ocorre o processo terapêutico em casos de hospitalização e a importância da troca de experiência com outras mães e pais de gêmeos. Por fim, o apoio instrumental, que pode funcionar através da ajuda financeira e material, bem como na divisão

do cuidado e execução de tarefas domésticas cotidianas. Em síntese, a autora chama atenção para a complexidade envolvida no processo de se tornar mãe de gêmeos, especialmente quando estes nascem prematuros, mas também inclui reflexões acerca da importância dos pais nesse processo.

Souza (2023) investigou as experiências emocionais de mães puérperas de gêmeos prematuros internados em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), e identificou questões relacionadas ao luto e aos sentimentos despertados pelas turbulências e incertezas vividas no ambiente hospitalar, tais como a angústia, o medo e a impotência. Ademais, a autora destaca o desafio das mães em acolher as demandas precoces e em dose dupla, bem como a dificuldade de estabelecer o vínculo mãe-bebê nesse contexto de tratamento hospitalar. Nesse sentido, destaca-se a importância de promover uma escuta psicológica que leve em consideração as particularidades das mães e familiares de gêmeos, pois assim é possível contribuir para o desenvolvimento saudável do vínculo materno e da parentalidade de modo geral.

Ribeiro (2018) elaborou uma tese com a finalidade de analisar a experiência de maternidade trigemelar de uma mulher, cuja gestação decorreu do auxílio de Técnicas de Reprodução Assistida (TRA). A partir da entrevista e observação realizada em domicílio, fundamentada no Método de Observação de Bebês Esther Bick, a autora propõe análises que abarcam a experiência da mãe, a descrição de cada cogêmeo e suas percepções enquanto pesquisadora. Quanto à experiência materna, a autora enfatiza a construção de uma maternidade baseada na experiência enquanto filha, a qual foi sentida com distanciamento de sua mãe e se repete na relação com os filhos (Joaquim, Lia e Fernando). Também se destaca o desajeitado modo de interação entre a mãe e os trigêmeos, mostrando-se impossibilitada de se relacionar com cada um deles de forma particular. Além disso, notou-se que a mãe falava de um dos filhos apresentando as diferenças e semelhanças em relação a outro, portanto, falar de Joaquim

também era falar de Fernando, tal como falar de Lia era falar dos cogêmeos. Joaquim era percebido como o filho menos desenvolvido em comparação aos cogêmeos e Lia era investida pela família com a expectativa de ser a líder do trio. Por fim, a autora propõe reflexões sobre a necessidade e oportunidade de obter auxílio de uma babá, haja vista que, nesse caso, notou-se a transferência da relação de cuidado mãe-bebê e não uma coexistência, podendo levantar questões acerca dos efeitos no desenvolvimento psíquico das crianças.

Na categoria referente à *relação familiar e/ou entre par de gêmeos*, constam dois estudos na área da Psicologia (Short, 2021; Verdi, 2021), sendo o primeiro deles referente à relação intrapar e o segundo ao atendimento à família de gêmeos. De modo geral, essa categoria abarca os aspectos das relações interpessoais no contexto familiar de gêmeos.

Short (2021) buscou, a partir da perspectiva materna, investigar a relação entre irmãos gêmeos e não-gêmeos. Os resultados indicaram que, em relação aos gêmeos dizigóticos e irmãos não-gêmeos, os monozigóticos se relacionam com maior proximidade e dependência, bem como vivenciam com mais frequência situações de conflito, especialmente os pares do sexo masculino. Outro resultado obtido foi relacionado à ordem de nascimento, o qual demonstra que o segundo cogêmeo se apresenta mais dependente e envolvido em situações de conflito, enquanto o primeiro cogêmeo é mais dominante. Quanto à interação ligada à idade e zigosidade, notou-se que os gêmeos monozigóticos de 1 a 3 anos são mais próximos e criam mais conflitos do que os dizigóticos da mesma faixa etária. Também foi possível identificar que os pares de gêmeos do sexo masculino, de 10 a 12 anos de idade, apresentam mais conflitos que os de sexo oposto. A partir desses resultados, vê-se a importância de construir estudos que se aprofundem nos aspectos que envolvem a relação gemelar, haja vista a oportunidade de contribuir para uma dinâmica familiar saudável.

Verdi (2021) apresenta o atendimento aos familiares de um par de gêmeos com três anos e meio de idade, sendo que um deles sofreu uma paralisia cerebral logo após o nascimento e

apresentava atrasos leves no desenvolvimento. Nesse cenário, a autora descreveu a brincadeira dos gêmeos que representou a dificuldade de dividir espaço na atenção dos pais, bem como a tentativa de um gêmeo se reconhecer separado do outro. Nesse sentido, a autora expõe também a dificuldade dos pais em se relacionar, se comunicar e atender cada filho. Dessa forma, torna-se necessário o auxílio para manejar a situação e possibilitar que cada gêmeo tenha seu espaço individual conquistado no núcleo familiar.

Na categoria que inclui *revisões bibliográficas*, foram encontrados dois estudos (Otta et al., 2019; Fernandes et al., 2024) que abordam a produção de estudos sobre gêmeos no território brasileiro. O artigo de Otta et al. (2019) apresenta o Painel de Gêmeos da Universidade Estadual de São Paulo (USP), o qual consiste em investigar aspectos psicológicos e comportamentais de gêmeos inscritos para participar das pesquisas e ter acesso aos serviços promovidos pela universidade. Nota-se que há uma predominância de gêmeos monozigóticos inscritos por conta própria, enquanto os dizigóticos somam maior número na condição de inscritos por seus responsáveis. Entre as áreas de pesquisa, destaca-se as que se referem à personalidade, aspectos do desenvolvimento e a relação entre gêmeos. No entanto, os autores reforçam que há um diálogo interdisciplinar que, até o momento da publicação do artigo, se compõe pela Odontologia, Medicina e Psicologia.

Fernandes et al. (2024) buscaram saber o que foi pesquisado sobre gêmeos no Brasil até o ano de 2022 e encontrou resultados possíveis de categorizar em áreas de estudo. De acordo com as autoras, as áreas com maiores índices de pesquisa sobre gêmeos são a Medicina (161 resultados), Psicologia (49 resultados), Odontologia (36 resultados) e Biologia (29 resultados). Além disso, também são apresentados dados que associam o aumento do número de estudos com gêmeos e o crescimento da taxa de nascimento dessa população. Com relação aos estudos na área da Psicologia, os resultados apontaram para um equilíbrio na quantidade de gêmeos MZ e DZ participantes das amostras de pesquisa, não havendo tanta discrepância entre um e outro.

A partir dos resultados obtidos e expostos acima, foi possível notar que nos últimos dez anos foram publicados estudos interessantes voltados aos aspectos psicológicos de gêmeos, a interação entre ambos e as vivências de seus familiares, bem como em relação ao desenvolvimento cognitivo. Mostra-se evidente a busca por compreender a construção da identidade dos gemelares, tendo em vista a frequência de estudos que ressaltam a diferenciação e os aspectos envolvidos no processo de individualização, além das emoções e complexidades envolvidas na vivência de gestantes de gêmeos.

À vista disso, torna-se evidente a necessidade de continuar desenvolvendo pesquisas que considerem esse escopo, pois a quantidade de publicações científicas, localizadas através do presente estudo, foi relativamente insatisfatória diante da urgência de contribuir para que as especificidades da gemelaridade sejam pensadas, elaboradas e transmitidas com a finalidade de promover uma condição de vida saudável. Ademais, faz-se necessário dar maior importância aos aspectos subjetivos da constituição da individualidade em gêmeos.

Nesse sentido, conforme citado anteriormente, os próprios participantes de uma pesquisa afirmaram que “*tratar os cogêmeos como pessoas diferentes e procurar perceber as características individuais de cada cogêmeo*” (Reis et al., 2018, p. 154) são tarefas que devem ser exercidas por seus cuidadores e educadores, pois é a partir disso que a relação entre os irmãos vai se contornando de forma independente, produzindo efeitos saudáveis no desenvolvimento emocional de cada indivíduo que compõe o par e em sua relação com o mundo.

Reis (2015) chama atenção para a necessidade de adentrar no “universo dos gêmeos” (p. 20) e investigar os aspectos ligados à forma como eles se relacionam entre si, com seus cuidadores e pessoas de fora do núcleo familiar. Sabe-se que independente da forma como ocorreu a fecundação, os gêmeos pertenceram ao mesmo útero de forma simultânea e após o nascimento vivenciam juntos as etapas do desenvolvimento sob o cuidado das mesmas figuras

parentais. Além disso, existem grandes chances de a fase de socialização ser marcada pelo mesmo círculo de amizades, já que a faixa etária os coloca na mesma série escolar. Portanto, a singularidade parece não ter espaço diante do viver em dose dupla e surgem inquietações em relação aos possíveis efeitos disso.

Em um estudo relativo ao núcleo familiar, Barbetta et al. (2008) teceram considerações acerca do processo de constituição da identidade de gêmeos monozigóticos a partir do relato dos pais sobre as experiências de cuidado cotidianas e suas percepções em relação ao desenvolvimento dos filhos. As autoras apresentam a reação de surpresa e temor dos pais quanto à descoberta da chegada de mais de um filho ao mesmo tempo, bem como enfatizam a existência de “supostas verdades sobre os gêmeos” (Barbetta et al., 2008, p. 270) que podem corroborar com a impossibilidade de serem tratados como diferentes um do outro. Essas suposições estão atreladas à expectativa da família quanto ao desenvolvimento dos irmãos ocorrer de forma igualitária, já que a proximidade entre um e outro é marcada pela genética.

Viotto (1999) menciona que a gestação de mais de um bebê ao mesmo tempo remete a apenas um nascimento, o que propicia a visualização de um combo de cópias que, por fatores genéticos, torna difícil a distinção por meio da aparência. Ainda, na maioria das vezes, os gêmeos são submetidos ao uso de roupas iguais ou muito semelhantes, recebem nomes muito parecidos e são comparados entre um e outro com conotação de oposição: enquanto um é visto como saudável, o outro é visto como aquele que tem dificuldades.

Ao considerar a família como um grupo de socialização primordial, nota-se sua importância como modelo de interação social com a função de apresentar costumes e contribuir para a identificação de seus membros. Assim, a constituição da identidade dos gêmeos se mostra conectada ao modo como eles são vistos e mantidos na relação familiar (Barbetta et al., 2008). Contudo, convém mencionar que “o ambiente contribui muito para o desenvolvimento de várias características da personalidade; entretanto, a forma de cada gêmeo interagir com o meio

ambiente, vai contribuir para que o seu desenvolvimento seja mais, ou menos, saudável” (Viotto, 1999, p. 67). Portanto, existem duas perspectivas que devem ser levadas em conta: o ponto de vista dos gêmeos e o ponto de vista da família.

Reis (2015) levanta questões sobre o início da vida dos gêmeos e toma isso como ponto de partida para compreender a natureza da relação dos gêmeos entre si e com seus cuidadores. Como já é sabido, desde a vida intrauterina há uma triangulação que implica em uma clara diferença em relação aos nascidos singulares, pois estes compõem a relação triangular com seus cuidadores, enquanto na situação gemelar a tríade pode ser formada por mãe-gêmeo-cogêmeo.

Nesse sentido, para os nascidos singulares a necessidade de reorganizar o próprio espaço na relação com os pais aparece somente após a chegada de uma nova criança, o que compreende a construção de uma relação fraterna durante a infância (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2007). Winnicott (1982/1965) explica que “quando os bebês chegam sozinhos, cada pequeno ser humano pode levar o tempo que precisar para reconhecer o direito de sua mãe a outros interesses” (p. 156), o que inclui reconhecer o interesse da mãe pelo irmão ou irmã.

Por outro lado, os nascidos gêmeos compartilham espaço desde sua concepção e chegam juntos ao núcleo familiar, portanto, presume-se que há um vínculo que se estabeleceu sem que um tivesse a experiência de existir sem a presença do outro. Quanto a isso, Winnicott (1982/1965) aponta uma possível dificuldade para o desenvolvimento da sensação de posse em relação à mãe, visto que esta é apenas uma e precisa “dar-se toda a dois bebês ao mesmo tempo” (p. 156). O autor ressalta a importância do “*egoísmo primário*” (Winnicott, 1982/1965, p. 155) no desenvolvimento da criança, pois tendo a possibilidade de sentir-se onipotente e criador de sua própria satisfação através de um ambiente que se adapte estritamente às suas necessidades, o bebê gradualmente alcança a capacidade de se interessar e validar a existência de outra pessoa, especialmente a mãe.

À vista disso, sabendo que “conta muitíssimo se os gêmeos sentem ou não, de fato, que cada um exerce a posse da mãe no início” (Winnicott, 1982/1965, p. 156), levanta-se a questão acerca de como os gemelares vivenciam o *egoísmo primário*, pois a mãe-ambiente é atravessada pela impossibilidade de atender às necessidades dos filhos de modo imediato. Além disso, Winnicott (1963/2022) descreve que no início da vida há um nível de dependência absoluto em que mundo interno e externo são indissociáveis e, conforme a passagem do tempo e adaptação do ambiente, o bebê há de conquistar a capacidade de conceber uma realidade externa da qual não se tem controle e passa a saber da existência da mãe como uma pessoa separada dele. Nesse sentido, no contexto da gemelaridade, a presença e participação de um terceiro no que seria uma díade mãe-bebê, desde a vida intrauterina, torna duplo o processo de reconhecer o não-Eu: conceber a mãe e o cogêmeo como separados do Eu.

Retomando a questão do vínculo entre gemelares, Berlfein et al. (2023) descrevem o conceito de vínculo como uma relação entre sujeitos que, para além da compreensão de sujeito e objeto, produzem efeitos no psiquismo um do outro. Dessa forma, não há como pensar que o vínculo gemelar não produza efeitos, com sua especificidade, na constituição psíquica de cada cogêmeo. Mauer (2021) corrobora com essa ideia ao enfatizar que o processo de subjetivação e, portanto, a constituição psíquica dos gêmeos contém marcas de um vínculo que existe desde o início da vida, podendo ser “curativas, reparatórias em alguns casos, adoecedoras em outros e até tóxicas e alienantes em casos extremos” (p. 172). A autora também discorre sobre o caso de irmãs gêmeas com quatro anos de idade que, sob o contexto de longa ausência da mãe, se relacionavam de forma interdependente a ponto de não dependerem significativamente dos demais adultos. Esse fato foi interpretado como sendo uma “cumplicidade fraterna” (p. 181) com função de proteção contra o desamparo que a ausência da mãe pudesse causar. À vista disso, é possível refletir sobre a possibilidade do cogêmeo substituir a mãe, mesmo que não seja ainda uma pessoa inteira como supõe ser o adulto.

Berlfein et al. (2023) enfatizam que o *vínculo de irmãos* tem como base a relação de parentesco, o tabú do incesto e a transmissão transgeracional de significados. Ao observar a relação entre irmãos, Freud (1917/2014) conjecturou que as fantasia sexuais infantis envolvendo os pais se estende aos irmãos e, inicialmente, os sentimentos hostis constituem a relação entre eles – o egoísmo “faz com que novos irmãos sejam recebidos com antipatia e, em desejo, eliminados sem o menor escrúpulo” (Freud, 1917/2014, p. 443), e em tempos posteriores pode-se transformar o irmão ou irmão em objeto de amor. Nesse cenário, há um outro que chega ao núcleo familiar em tempo posterior, é visto como rival na disputa pelo amor dos pais, requer um trabalho de elaboração para ser reconhecido como familiar e posteriormente pode ser investido de forma inconsciente como objeto de desejo.

A partir da observação de cinco pares de gêmeos, Reis (2015) menciona a existência de “contatos incestuosos precoces” (p. 96) e demarca que “a entrada do terceiro elemento aparece na relação mais cedo do que nos singulares em função da onipresença do cogêmeo” (p. 96). Nesse cenário, a autora aponta o ciúme, a inveja e a agressividade expressas na disputa pelo olhar e atenção da mãe e desenvolve o questionamento sobre a intensidade do caráter simbiótico da relação mãe-gêmeos, visto que não há um terceiro capaz de separar a díade mãe-cogêmeo, apenas capaz de se sentir excluído.

Kaës (2011) resgata o conceito de complexo fraterno, descrevendo-o como “uma organização intrapsíquica triangular dos desejos amorosos, narcísicos e objetais, do ódio e da agressividade em relação a este ‘outro’ no qual um sujeito se reconhece como irmão ou como irmã” (p. 42). De tal maneira, há uma inscrição psíquica das posições ocupadas de modo inconsciente por cada sujeito da triangulação que se constitui pelos conflitos psicosexuais. Além disso, o autor compreende o complexo fraterno como um eixo que estrutura o psiquismo de forma horizontal e entrecruza o complexo de Édipo. Portanto, não é apenas uma extensão como sinalizou Freud (1917/2014), é uma forma análoga ao complexo de Édipo formada por

relações que “tornam possíveis experiências distintas daquelas que geram as relações com pais” (Kaës, 2011, p. 44).

Ademais, Kaës (2011) reitera que há uma diferença crucial entre laço fraterno e complexo fraterno: o último independe do primeiro. O laço fraterno diz respeito à ligação consanguínea horizontal, enquanto o complexo fraterno se trata da organização psíquica dessa ligação. Mauer (2021) endossa a horizontalidade que configura a relação fraterna e a marca concomitante da semelhança e diferença entre seus integrantes, o qual culmina em “um espectro de emoções aparentemente inconciliáveis” (p. 175). À vista disso, convém mencionar o que Berlfein et al. (2022) apontam como tensão presente na relação fraterna: reconhecer a irmandade como uma imposição genealógica e transformá-la numa relação da qual se escolhe sustentar.

Trazer a gemelaridade à luz dessa reflexão implica reconhecer uma relação horizontal primeva que apresenta uma questão particular relacionada à semelhança, que se relaciona com a identificação, e à diferença, que denota o reconhecimento da incompletude. Mauer (2021) ressalta que a semelhança física entre os gêmeos sustenta a identificação e pode determinar o modo como se constrói o vínculo entre eles, além de induzir à ilusão de complementaridade - existir no outro e com parte dele - e imortalidade.

Vale resgatar que Winnicott (1982/195) diz que é papel da mãe – entendida também como ambiente facilitador – descobrir as diferenças entre os filhos e se utilizar delas para facilitar o desenvolvimento de características individuais através de uma relação dual única. Isso presume que, embora haja a cópia genética, há uma personalidade que tende a se manifestar e, portanto, não há a possibilidade de uma cópia psíquica. O autor destaca:

As mães de gêmeos parecem concordar em que, mesmo quando os gêmeos parecem por vezes desfrutar o fato de serem tomados um pelo outro, as mesmas crianças precisam que sua própria mãe reconheça a identidade de cada uma delas, sem qualquer hesitação.

É essencial, em todo caso, que não se estabeleça confusão entre as próprias crianças e, para isso, tem de existir uma pessoa em suas vidas que seja bastante peremptória a respeito delas (Winnicott, 1982/1965, p. 157).

Diante do exposto, emerge a curiosidade em relação ao modo como os gêmeos vivenciam a individualização na adolescência e quais questões afetivo-emocionais a atravessam, visto que a fase da adolescência compreende o processo de consolidação da identidade.

Mello (2000) refere a puberdade como um marco potencial de separação ao apresentar um caso clínico com gêmeos de sexo oposto – Artur e Karen – que, apesar de dormirem em camas separadas, dormiam no mesmo quarto até as transformações da puberdade se manifestarem e a cogêmea decidir ter seu próprio quarto. O medo de dormir sozinho era aterrorizante para Artur e “diante da constatação de que ele e a irmã podiam ter vontades diferentes, sentiu-se extremamente só, dando se conta de que não sabia pensar o suficiente para se acalmar sozinho” (Mello, 2000, p. 284). Com o passar do tempo, medo de dormir sozinho foi tomado pelo medo de morrer e Artur desenvolveu uma série preocupação com seu próprio corpo, que parecia estar fadado à ameaça de morte. Para Artur, estar morto ou dentro da barriga da mãe eram as únicas situações em que sentir medo não era uma possibilidade. A autora menciona que a irmã gêmea era como um consolo para Artur, pois ela o acalmava com sua presença e, também, com sua função de manter o laço entre ele e a mãe. Por isso, com a mudança de quarto, Artur se deparou com uma separação ansiogênica e criou em sua fantasia alguns personagens que pudessem defendê-lo de suas próprias ameaças e, assim, se sentir seguro. O desejo de se manter criança era nitidamente exposto por Artur, que buscava compulsivamente explicações para as transformações de seu corpo. Além disso, Mello (2000) afirma que “nota-se claramente o trabalho que a hipocondria teve, para esse menino, no sentido de organizar seu receio maior: o de não saber quem ele era sem a irmã por perto, o medo de

enlouquecer” (p. 186). Portanto, conjectura-se a produção inconsciente de sintomas hipocondríacos como forma de Artur reagir à ameaça de sua identidade.

O processo de individualização é um processo longo que culmina na adolescência, período em que alguns gêmeos buscam o reconhecimento das suas próprias identidades de forma mais enfática, tal qual mencionado por Reis et al (2018). Segundo tais autores, a partir dos 12 anos, alguns gêmeos preferiam usar roupas diferentes do cogêmeo, o que foi considerado como indício de que o processo de individualização “estava se tornando mais evidente no início da adolescência, demonstrando assim que cada um parecia estar em busca da sua identidade não apenas como uma das características da fase da adolescência, mas também buscando se diferenciar do cogêmeo” (Reis, 2018, p. 147).

Tais fatos sugerem que, com o advento da puberdade e a entrada na adolescência, os gêmeos se defrontam com uma questão a mais: separar-se não só dos pais, mas também do cogêmeo. Desse modo, na sequência serão explanadas as questões atinentes à adolescência e o processo de individualização.

2.2 ADOLESCÊNCIA

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) considera adolescente todo indivíduo com 12 a 18 anos e estabelece os direitos e garantias dessa população, dando visibilidade à condição de cidadãos com necessidades específicas. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2025) e o Ministério da Saúde (2024), a adolescência compreende a faixa dos 10 aos 19 anos de idade e é marcada por transformações físicas, emocionais e sociais. Atrelado às observações em relação à dinâmica social, Outeiral (2012a) reconhece a adolescência como um período do desenvolvimento e um “estilo de vida nas sociedades urbanas contemporâneas” (p. 109) que pode começar antes dos 10 anos de idade e se estender para além dos 20 anos. Portanto, embora haja uma variação no estabelecimento da idade em que se inicia e termina a

adolescência, é possível compreendê-la como um período localizado entre a infância e a adultez, com íntima vinculação às mudanças fisiológicas ocorridas na puberdade e suas consequentes transformações no âmbito familiar e social.

Trazendo à luz uma perspectiva social e política, Matheus (2020) fez um resgate histórico do termo adolescência e destacou o século XIX como um período em que a noção de indivíduo foi preponderante para as instituições, suas formas de organização e controle social, tendo em vista que foi um período de expansão da escolarização, fortalecimento da família burguesa e a consolidação do indivíduo moderno. Logo, à medida que a noção de indivíduo se construía a favor das transformações sociopolíticas da época, também se consolidava a ideia de “*periodização das idades da vida*” (Matheus, 2020, p. 27), o que tornou possível discriminar as posições etárias ocupadas pelos indivíduos na sociedade. Com isso, a adolescência se afirmou como um período da vida e uma posição social.

Nessa mesma perspectiva, Gomes (2017) enfatiza que, a partir da demarcação dos estágios da vida humana, a Psicologia e a Medicina – ambas interessadas nas fases do desenvolvimento humano e influenciadas pelos pressupostos modernos de igualdade, individualismo, liberdade e autonomia – se apresentaram como agentes de concepções que atribuem características específicas da adolescência, assim construíram fundamentos para normatizar essa fase. No entanto, o autor chama atenção para “a importância de analisar os adolescentes a partir de sua relação com a cultura na qual estão inseridos, contribuindo para diminuir os preconceitos da concepção naturalista que transforma questões que tem origem social em algo inato, universal e desinteressado” (Gomes, 2017, p. 261). Sendo assim, para pensar a adolescência, é preciso dialogar com o que está para além dos saberes psicológicos e biológicos.

Outeiral (2012b) aponta a Primeira e a Segunda Guerra Mundial como marcos que geraram transformações econômicas, sociais e culturais catalisadoras de uma concepção mais

precisa da adolescência. Dessa forma, o autor compreende esse período do desenvolvimento humano como um fenômeno de natureza psicossocial, pois liga-se aos aspectos psicológicos, culturais, socioeconômicos e contemporâneos. De forma análoga, Pierangeli (2023) reitera que “a adolescência se constitui, é marcada e localizada por características históricas, culturais e subjetivas, implicadas em seu tempo” (p. 29), portanto as transformações coletivas movimentam e dão contorno ao modo de vida adolescente.

Em consonância com Outeiral (2012b) e Pierangeli (2023), Moraes e Weinmann (2020) apontam para a diversidade cultural e o contexto de vida como marcadores fundamentais para compreender a adolescência, tomando distância da concepção que a enxerga puramente como um conjunto de alterações biológicas e, portanto, igual em todas as circunstâncias. Sendo assim, tendo em vista as diferentes formas pelas quais a adolescência se manifesta em outras culturas e territórios, há de se considerar que as “manifestações dependem do meio social e não são específicos de um determinado momento cronológico da vida” (Moraes & Weinmann, 2020, p. 282). Portanto, ainda que o estabelecimento da adolescência como uma fase do desenvolvimento seja o denominador comum, refletir sobre seus aspectos requer olhar também para a localidade em que se insere, a posição social que ocupa e as questões contemporâneas que a acompanham. Assim, há um rompimento diante da ideia cristalizada de uma única adolescência possível e seu caráter dinâmico e plural se destaca, visto que as formas de organização social são diversas e mutáveis.

Persistindo na compreensão da adolescência como produto da modernidade, o psicanalista Contardo Calligaris (2000) menciona o advento dessa posição social como um “derivado contemporâneo da infância moderna” (p. 67), pois o sucesso que um dia os adultos almejavam é projetado nas crianças – e continuamente nos adolescentes – de tal maneira que o que se espera delas é o alcance desse futuro ideal e, assim, o desenvolvimento é visto como uma preparação. Nesse quesito, Carvalho (2021) elucida o conceito de adolescência como

produto moderno da “necessidade cultural de enquadrar os indivíduos que saíam da infância, mas ainda não se encontravam prontos biológica e socialmente para ingressar no trabalho adulto” (p. 120). Sendo assim, trata-se de uma posição social que consiste em elaborar um processo de vastas mudanças que fornecem os recursos e condições de exercer o que compete à vida adulta de seu contexto.

Nesse cenário, Ungar (2009) menciona que “a adolescência é um momento de crise e, como tal, de oportunidade” (p. 314), pois envolve o trabalho de revisitar a própria história e organizá-la diante da nova realidade do corpo e das demandas inéditas que vêm da família e da sociedade. Fazer escolhas e tomar decisões frente ao futuro – pessoal, profissional, amoroso – é uma tarefa nova e angustiante. Diante dessas demandas e transformações, Matheus (2020) compreende que há na adolescência uma “condição de *conflito* ou até de *crise* – de referências, perspectivas, identidade ou personalidade – efeito inevitável de um processo de socialização insuficiente ou problemática, de uma *crise de valores*” (p. 38).

Para compreender mais a fundo esse processo de transformações, convém refletir sobre o que ocorre desde a puberdade. Levy (2021) aponta que “o novo corpo adolescente emergente da puberdade, com suas novas formas pulsões e potencialidades, coloca um montante de trabalho à mente sem precedentes” (p. 174) e, diante disso, o indivíduo precisa se familiarizar e integrar gradualmente sua nova condição à concepção de si mesmo. Essa condição de transição, permeada por dificuldades, impasses e instabilidade, é imprescindível para que haja um trabalho de simbolização. Por outro lado, Outeiral (2012b) diferencia adolescência e puberdade, indicando que esta última é um processo de desenvolvimento biológico que envolve “fatores genéticos, nutricionais, geográficos e psicológicos” (p. 91). À vista disso, convém abordar com mais minúcias tais mudanças que, de certa forma, são inerentes à vida humana.

Aberastury (1981) menciona que as transformações aparentes em relação ao corpo dão início ao que se experimenta na puberdade, tais como: o despontar do crescimento em estatura;

a descoberta de pelos em novas partes do corpo; a mudança na voz; a chegada da menstruação e crescimento dos seios para as meninas; a ejaculação e o crescimento do pênis para os meninos. Tudo isso indica a perda de um corpo infantil que era conhecido e a necessidade de se adaptar a esse novo corpo. Ungar (2009) enfatiza essa relação confusa do adolescente com seu próprio corpo e afirma:

O corpo costuma aparecer como um estranho que um grande trabalho psíquico deverá integrar. Todos esses processos necessitam de um apoio externo inevitável. E por isso essa etapa vital constitui um paradigma do enlaçamento corporal, do psíquico e do social (Ungar, 2009, p. 314).

Nesse sentido, Levy (2021) exprime que o sentimento de estranheza e angústia se relacionam com a perda do que se construiu durante a infância: a construção simbólica de si e dos objetos. A experiência de possuir um corpo em transformação, provocada pela puberdade, exige um trabalho de integração que proporcione ao adolescente a sensação de que esse novo corpo é próprio e o constitui. Além disso, o autor destaca que é através do corpo que frequentemente se dão os “rituais de iniciação na adolescência” (Levy, 2021, p. 177), os quais podem ocorrer de forma patológica - via automutilação e outras ações de risco - que, de certa forma, propiciam uma sensação de existir e estar vivo.

Freud (1905/2016), na obra *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, menciona e define o termo puberdade a partir de sua compreensão sobre a sexualidade humana, considerando essa etapa como um processo de configuração da vida sexual infantil para uma vida sexual adulta. Assim, o autor explica que a experiência antes pautada no prazer autoerótico pela via de diferentes zonas erógenas, passa a ter a zona genital como fonte proeminente de prazer e uma nova meta sexual: a reprodução humana.

No que se segue em relação ao desenvolvimento psicosssexual, Freud (1905/2016) esclarece que antes da puberdade a energia sexual da criança é investida na socialização e, por

um caráter perverso de desvio da meta sexual, são formados os recursos que contribuem para inibir a sexualidade. O fato de o corpo da criança não estar preparado para a reprodução, somado às proibições culturais aprendidas, encaminha as manifestações sexuais para finalidades ligadas às relações sociais. Ao chegar na fase da puberdade, a reedição do complexo de Édipo acontece à medida que se retoma a investigação sexual vivenciada na primeira infância e que estava inibida durante a fase de latência (Freud, 1905/2016). Segundo Freud (1905/2016), a puberdade tem como paradigma a escolha objetal realizada durante a infância e, a partir disso, “todos os empenhos sexuais se dirigem para uma só pessoa, na qual buscam atingir suas metas” (p. 110). Sendo assim, ocorre a renúncia dos objetos infantis e a busca por um objeto em que se possa reunir o amor erótico e fraterno, tendo em vista o impedimento do incesto pela cultura. Essa saída do núcleo familiar é um marco importante para o indivíduo e, regularmente, mobiliza a dinâmica familiar.

Sob outra perspectiva, Winnicott (1963/2022) utiliza a noção de desenvolvimento emocional para descrever o conceito de adolescência e a compreende como sendo uma fase saudável que inclui a puberdade e tem em seu horizonte o amadurecimento: a capacidade de “ser essencialmente si mesmo sem precisar ser antissocial” (p. 312). Essa conquista tem como base a capacidade de construir e sustentar um acordo menos sofrido entre os impulsos pessoais, as identificações primárias e as que ocorrem em relação à sociedade. Nesse sentido, Winnicott (1963/2022) esclarece que “na saúde o rapaz ou a moça se torna capaz de assumir responsabilidades e ajudar a manter ou modificar ou mesmo alterar completamente o legado da geração anterior” (p. 312), o que pode tornar essa fase da vida conflituosa.

Para Winnicott (1968/2021), a puberdade pode ocorrer em diversas idades e traz consigo mudanças físicas importantes. No entanto, a adolescência supera esse fator inevitável, pois consiste na experiência de crescer, que demanda tempo e responsabilidade das figuras parentais. À vista disso, Winnicott (1968/2021) faz questão de apontar a imaturidade como um aspecto

fundamental desse período, pois quando há a chance de ser imaturo, o adolescente concretiza seu espaço para criar, idealizar e experienciar novos sentimentos. Portanto, a presença de adultos que sustentem e facilitem a passagem desses indivíduos, que “saem de maneira irregular e desajeitada da infância e da dependência, tateando em busca do status adulto” (p. 186), parece fundamental para que o crescimento aconteça em condições suficientemente boas à medida que o tempo passa.

Consoante à importância da passagem do tempo, Erikson (1998) discorre sobre o conceito de “*moratória psicossocial*” (p. 65) – termo introduzido na obra *Infância e Sociedade*, onde o autor descreve como uma “etapa psicossocial entre a infância e a idade adulta” (Erikson, 1976, p. 242) que constitui a mente do adolescente – para explicar que durante a adolescência os aspectos sexual e cognitivo passam por um processo de amadurecimento que dispensa a determinação de um comprometimento, uma definição ou permanência. Diante disso, é concedido ao adolescente a possibilidade de experimentar papéis, algo que se assemelha à experiência infantil de construção da autoimagem. De acordo com o autor:

A adolescência abriga um certo senso de existência, ainda que fugaz, e também um interesse, às vezes, apaixonado por todos os tipos de valores ideológicos – religiosos, políticos, intelectuais – incluindo, às vezes, uma ideologia de ajustamento aos padrões de ajustamento e sucesso da época (Erikson, 1998, p. 64).

À vista disso, Aberastury (1981) menciona que, reconhecendo com mais facilidade o que não quer ser e fazer de si mesmo, o adolescente procura por uma identidade e uma ideologia através de grupos dos quais há uma identificação coletiva que proporciona alguma segurança. Nesse cenário de “*moratória social*” (p. 19), levando em consideração também a dificuldade dos adultos em admitir o crescimento da criança e seu processo de tornar-se adulto, o tempo é crucial para o trabalho de luto que envolve renunciar o corpo infantil e se conformar com as novidades que agora o constituem. Porém, até que se aproprie de uma identidade adulta, esse

caminho acontece de forma árdua e confusa, mas ao mesmo tempo anunciam a potência criativa do que é crescer.

Ainda ligado ao conceito de moratória, Calligaris (2000) descreve que essa é uma condição imposta pelos adultos que negam o crescimento perceptível nas mudanças. Essa recusa mostra-se importante, pois abre espaço para um lugar indefinido, onde o adolescente não é visto como a criança que foi, tampouco como um adulto em formação. O autor coloca esse fato como cerne da insegurança presente nessa fase da vida: “o adolescente vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia quando criança e falta de palavras que o admitam como par na sociedade dos adultos” (Calligaris, 2000, p. 25). Assim, levantam-se dúvidas sobre o que é necessário para serem vistos, reconhecidos, amados como foram durante a infância e, assim, garantir um lugar próprio.

Nessa circunstância, Calligaris (2000) menciona que o adolescente se vê diante de um paradoxo: é mantido no cercado da dependência à medida que seu crescimento é negado pelos adultos e, ao mesmo tempo, é atravessado pela ânsia de que alcance a independência. Portanto, o efeito desse período de moratória consiste na busca por alguma interpretação do que os adultos querem dos adolescentes, assim estes tentam aplacar a dúvida do que é preciso para serem amados e reconhecidos.

Além disso, Calligaris (2000) chama atenção para a identificação que surge ao longo desse processo:

Aos poucos, os adultos verificam que essas crianças estão se preparando já são um pouco crescidas, à força de esperar. Elas constituem uma nova mistura, inédita. Os adultos tentam mantê-las protegidas e felizes, assistidas, no mundo encantado da infância, sem obrigações e responsabilidades. Por outro lado, elas se parecem cada vez mais com os adultos, pelo tamanho, pela maturação de seus corpos e pelas exigências

de sua felicidade e de seus prazeres, que não são mais brinquedos e historinhas, mas, por exemplo, sexo e dinheiro – segundo eles vão aprendendo (Calligaris, 2000, p. 68).

Diante disso, aponta-se para um “ideal possivelmente identificatório” (Calligaris, 2000, p. 69), pois esses indivíduos em transformação passam a ter os mesmos desejos dos adultos, porém com a vantagem de poder se abster das obrigações e responsabilidades previstas aos adultos. Calligaris (2000) descreve que os adolescentes felizes “seriam apenas a caricatura despreocupada de nós mesmos” (p. 70), o que sugere que a resposta para a dúvida do que querem os adultos é o próprio modo de vida que os adolescentes possuem e querem sair.

Aberastury (1981) aponta que são despertadas dúvidas e preocupações na família e na sociedade, o que gera conflitos entre a geração já adulta e a que está em vias de ser. Por um lado, há o adolescente que sofre na pele todas essas mudanças e caminha em busca de uma nova identificação. Por outro lado, estão os pais que precisam lidar com o crescimento dos filhos e desenvolver uma relação que compreenda a necessidade de liberdade e independência de um sujeito que não mais se caracteriza como criança. Nesse sentido, Ungar (2009) destaca que “o processo adolescente precisa de apoio ambiental (pais, familiares, professores, instituições) para poder dar vazão à necessidade de sair para descobrir o mundo” (p. 315).

Aberastury (1981) relaciona o processo de elaboração dos pais em relação ao crescimento dos filhos com a passagem do tempo, o envelhecer e o futuro encontro com a finitude: a morte. Além disso, urge a necessidade de reconstruir a relação com os filhos, pois estes não os veem mais com os mesmos olhos e passam a questionar, tecer críticas, desconfiar, julgar e escancarar a perda do controle que os pais possuíam até então. Portanto, “o filho é a testemunha mais implacável do realizado e do frustrado” (Aberastury, 1981, p. 16).

Além disso, convém mencionar o que Erik Erikson (1976) aponta como específico desse estágio do desenvolvimento psicossocial: o início da expansão das figuras de referência para além daquelas obtidas na infância. Assim, há um movimento de busca por se diferenciar das

figuras do grupo familiar através de questionamentos e experimentações que podem culminar na “confusão de papel” (Erikson, 1976, p. 241) diante do desafio de integrar as identificações e formar uma identidade. Consonante a isso, Aberastury (1981) enfatiza que o adolescente se direciona em busca de uma nova identidade à medida que experimenta uma variedade de formas de ser até conquistar a coerência entre as novidades encontradas e o que faz parte de si (Aberastury, 1981). Vale destacar que aqui se dá o início do processo de individualização que Knobel (1981) apresenta como consequência da necessidade de separação das figuras parentais, embora estas estejam internalizadas.

Tendo em vista o exposto acima, nota-se que viver a adolescência é estar cara a cara com a perda e o medo, passando por um processo de luto em que será possível elaborar a perda do lugar e do corpo de criança na família e na sociedade, bem como o desmanchar da imagem idealizada dos pais, o que produz o temor da separação (Aberastury, 1981). Essa separação evidencia a condição de independência que o adolescente busca ao se ver diferente, mas que ainda não é possível ser vivida devido sua pouca maturidade. Assim, reforça a condição de dependência que lhe é necessária e conhecida.

Nesse limbo entre a dependência e independência, para descrever a adolescência Gomes (2017) recorre ao verbo de origem – “*adolescere*” (p. 254) – que significa crescer e, ao mesmo tempo, se aproxima do verbo “*addolescere*” (p. 254) que corresponde à palavra adoecer. Assim, vê-se uma aspereza desde seu significado: crescer e adoecer caminhando juntos. Aberastury (1981) evidencia que a adolescência é um período confuso e doloroso para o próprio adolescente, pois se experimenta uma contradição viva e aparente através da oscilação entre o que já é conhecido e o que está porvir: a dependência e a independência, o que gera confusão e atritos com o meio familiar e social.

A busca de uma nova identidade é parte importante do processo de transformação vivenciado na adolescência e, assim, faz-se necessário entender o conceito de identificação, o

qual Oliveira (2016) apresenta como uma forma de constituição do ser humano a partir da relação com o outro. De forma pioneira, Freud (1924/1976) explica que o início desse processo é marcado pelo fenômeno do complexo de Édipo que, segundo ele, ocorre na fase fálica do desenvolvimento psicossexual infantil, onde as figuras parentais são fundamentais para a constituição do sujeito. Assim, compreende-se a existência de uma triangulação - figura paterna, materna e a criança - envolvida pelo conflito entre o desejo incestuoso em relação à figura parental do sexo oposto e os sentimentos de hostilidade contra a figura do mesmo sexo. Por fim, o produto do conflito edípico é o superego, uma instância psíquica que contempla a internalização da moralidade a partir da identificação com as figuras parentais.

No entanto, Klein (1928/2023) aponta que o conflito edípico precoce se manifesta entre o final do primeiro ano de vida e o início do segundo, haja vista a frustração despertada pelo desmame e os cuidados higiênicos. Para o menino, o medo da castração está relacionado aos desejos edipianos. Para a menina, as questões edípicas se relacionam com sua identificação com a mãe. Klein (1952/2023) constrói a ideia de posição depressiva para pensar a vida emocional do bebê e defende que nessa fase a identificação com a mãe se fortalece “quando o bebê pode percebê-la e introjetá-la como uma pessoa (ou, em outras palavras, como um ‘objeto completo’)” (p. 107). Para isso, decorre um processo de síntese e elaboração da relação com o mundo interno e externo que consiste na integração das ambivalências – amor, ódio, objeto bom e mau – na mesma pessoa, culminando no sentimento de culpa e na busca por reparação. Klein (1955/2023) afirma que “os objetos primários internalizados formam a base de processos de identificação complexos” (p. 190), enfatizando a importância dos mecanismos projetivos e introjetivos. À vista disso, Klein (1960/2023) menciona que “a capacidade da criança de lidar com seus conflitos continua pela adolescência e vida adulta e constitui a base da saúde mental” (p. 344)

Sob outra perspectiva, Winnicott (1988/2024) considera que a vivência edípica ocorre somente entre três pessoas inteiras, ou seja, quando do ponto de vista da criança há uma percepção objetiva dos que compõem a relação. Nesse sentido, Winnicott (1960/2022) afirma que o bebê passa por um longo processo de desenvolvimento emocional, fundado a partir do potencial de crescimento herdado e do cuidado materno, o qual pode proporcionar a integração do ego e a percepção da criança enquanto pessoa separada da mãe. A partir disso, inicia-se a relação objetal, ou seja, a experiência de interação com pessoas inteiras (mãe e pai, não se restringindo ao sexo ou gênero, e outros adultos que exerçam a função de cuidadores da criança) que são amadas.

Ao abordar a busca de uma nova identidade na adolescência, Aberastury (1981) aponta o processo de “desidealização das figuras parentais” (p. 16), que consiste em desmanchar aos poucos a imagem que se tem dos pais construída na infância. Assim, o adolescente caminha cada vez mais para o distanciamento dos aspectos que fazem parte de seu desenvolvimento infantil e, concomitantemente, os adultos reagem com uma espécie de controle e “reforço da autoridade” (Aberastury, 1981, p. 16), o que faz despertar o sentimento de desvalorização e rejeição, bem como a reação violenta, podem se manifestar quando as conquistas próprias do adolescente não são reconhecidas por seus pais. De acordo com Aberastury (1981), a experiência de liberdade que o adolescente necessita está, em certa medida, sob condição de aprovação das figuras parentais que precisam conceder uma “liberdade com limites” (p. 22). Assim, as necessidades são acolhidas com respeito dentro do que é necessário para assegurar as experiências de adaptação e/ou modificação vividas pelo adolescente.

Knobel (1981) construiu o conceito de “síndrome normal da adolescência” (p. 29) para dizer de seu caráter universal, do ponto de vista psicobiológico, e contextual, à medida que se observam as diversas formas com as quais a sociedade lida com a adolescência. O autor menciona uma série de aspectos que, apesar de gerar impactos, não devem ser considerados

patológicos por se manifestarem de forma coerente às transformações vivenciadas nesse período: a busca de si mesmo e da identidade, a tendência grupal, a necessidade de intelectualizar e fantasiar, as crises religiosas, a deslocalização temporal, a evolução sexual, a atitude social e reivindicatória, as contradições, a separação progressiva dos pais e as constantes flutuações do humor e do estado de ânimo. Entre esses, convém destacar a busca de si mesmo e da identidade, que engloba “o conhecimento da individualidade biológica e social, do ser psicofísico em seu mundo circundante” (p. 31), portanto, ocorre um processo de elaboração de seu próprio corpo sustentado pelo trabalho de assentir uma nova identidade que reúne conquistas anteriores e um novo cenário de experiências. O processo de conquista dessa nova identidade é permeado por aspectos que compõem a “identidade adolescente” (Knobel, 1981, p. 34), esta que é marcada por identificações parciais que formam tipos de identidade das quais o adolescente adota de forma transitória à medida que vai apreendendo sua independência em relação aos pais. Como diz o autor:

A situação mutável que significa a adolescência obriga a reestruturações permanentes externas e internas que são vividas como intrusões dentro do equilíbrio conquistado na infância e que obrigam o adolescente, no processo de conquistar a sua identidade, a tentar refugiar-se ferreamente em seu passado enquanto tenta também projetar-se intensamente no futuro (Knobel, 1981, p. 34).

Sobre a tendência grupal, Knobel (1981) afirma que os adolescentes se sentem seguros quando pertencem a grupos com preferências delimitadas, pois isto é o que promove uma identificação mútua entre um e outro, e confere ao adolescente o movimento de se distanciar dos atributos do núcleo familiar. A partir disso, é possível que se alcance a individualização e consumação da identidade adulta.

Tendo em vista as características da adolescência, do ponto de vista dos autores acima mencionados é importante investigar como tem ocorrido o atendimento psicanalítico nessa

etapa do desenvolvimento. A partir de uma revisão narrativa (Sardagna et al., 2024) a respeito de publicações realizadas entre os anos de 2011 e 2022, os autores encontraram 14 artigos que abordam o atendimento psicanalítico com adolescentes, cujos assuntos foram divididos em quatro categorias: identidade, culpa, luto e sexualidade. Tais temáticas, consideradas intrínsecas à adolescência, implicam em desafios que os psicoterapeutas de adolescentes podem se deparar, haja vista que “as intensas mudanças ocorridas nesse período do desenvolvimento, os lutos, a angústia e desorientação sentida marcam as falas dos adolescentes que buscam nos analistas/psicoterapeutas ajuda para desenvolver recursos simbólicos para lidar com essa etapa” (Sardagna et al., 2024, p. 68).

Levisky (2021) aponta que, devido às exigências atuais para a entrada no mundo adulto, a adolescência tem se mostrado um processo longo de “transição que nem sempre encontra um término da dependência das relações familiares” (p. 158). Além disso, considerando o contexto de pandemia da Covid-19 vivido há cinco anos, que limitou o contato social e deixou às vistas a incerteza do futuro e a certeza da morte, o autor apresenta a intensificação dos aspectos relacionados ao ter e fazer em detrimento do ser e sentir.

A partir do exposto, é possível questionar se haveria alguma especificidade no que tange a vivência da adolescência em gêmeos, visto que as questões da individualidade, identificação, reconhecimento e conquista de um lugar próprio podem ser atravessadas pelas semelhanças da imagem e as crenças e ideais construídos diante desses indivíduos que nascem juntos. Além disso, a possibilidade da relação triangular ser constituída por gêmeo, cogêmeo e mãe gera curiosidade acerca do processo de identificação, separação e individualização, além de contribuir para pensar na hipótese de que os gêmeos vivenciam esses processos não apenas em relação às figuras parentais, mas também em relação ao cogêmeo. Reis (2015) conjectura sobre o lugar da mãe nessa relação triangular:

Esse fato leva novamente a pensar que a triangulação edípica em gêmeos poderia, a priori, envolver os cogêmeos e sua mãe. Isto porque o par é mantido junto no útero e, na fantasia, é possível que haja a onipresença do cogêmeo, sendo a mãe (ou seu substituto) o terceiro vértice do triângulo (Reis, 2015, p. 37).

Reis (2015) realizou a pesquisa considerando o relacionamento entre os gêmeos e suas mães, entretanto, considerando as ideias de Freud (1905/2016) de que na adolescência pode ocorrer a reedição do complexo de Édipo, é possível conjecturar que também na adolescência as questões edípicas possam ocorrer de forma mais complexa nos gêmeos do que nos indivíduos singulares (quando nasce um bebê por gestação).

Por fim, convém mencionar que as pesquisas acerca de atendimentos a gêmeos na clínica psicanalítica resultam em poucos – ou quase nenhum – artigos e livros, especialmente na faixa etária da adolescência. Dessa forma, justifica-se a importância do presente trabalho, que poderá contribuir também para o fornecimento de um espaço de escuta individualizado a cada cogêmeo. Tendo em vista a incipiência de estudos nessa temática, dado que já foi mencionado sua relevância, espera-se que essa pesquisa possa contribuir com a produção científica específica em psicanálise com gêmeos e com o público adolescente. Além disso, há de considerar a contribuição com a escuta individualizada dessa população de forma gratuita, pois o acesso ao cuidado da saúde mental não é algo viável a todos.

2.3 OBJETIVOS

2.3.1 Objetivo geral

Investigar as questões afetivo-emocionais apresentadas por gêmeos adolescentes atendidos em psicoterapia psicanalítica breve.

2.3.2 Objetivos específicos

Analisar os fatos clínicos relacionadas aos aspectos inerentes à individualização e diferenciação entre gêmeos no contexto da adolescência;

Explorar os recursos psíquicos mobilizados durante a psicoterapia breve diante dos conflitos afetivo-emocionais próprios da condição gemelar;

Analisar os fatos clínicos detectados sob a perspectiva teórica da psicanálise.

2.4 Método

O presente estudo utilizará o método psicanalítico de pesquisa, o qual se constitui por seu caráter investigativo em relação à vida psíquica que acontece por meio da prática clínica, e por promover tratamento, dando subsídios para questionar, elucidar e aprimorar o arcabouço teórico. À vista disso, Naffah (2006) afirma que “quando praticamos psicanálise, estamos sempre fazendo pesquisa; caso contrário, não estamos praticando psicanálise” (p. 279). O próprio Freud (1926/2021) deixou explícito que “na psicanálise, desde o início havia uma associação entre curar e pesquisar” (p. 298).

No entanto, há que se diferenciar o método psicanalítico de pesquisa no trabalho analítico e na produção de conhecimento científico. Fulgencio (2013) assinala que o objetivo do tratamento é interpretar as manifestações inconscientes a partir da escuta com atenção flutuante e da fala livre do paciente, enquanto a pesquisa para produzir informações científicas tem como exigência “organizar, sistematizar e ordenar os fatos clínicos, buscando as semelhanças entre eles e abstraindo, em conceitos e explicações, os fenômenos e suas dinâmicas” (Fulgencio, 2013, p. 32) para contribuir na fundamentação teórica.

Naffah (2006) nomeia como *pesquisa-investigação* esse processo que requer “formulação e seleção de problemas teórico-metodológicos, bem como a sua investigação rigorosamente planejada” (p. 281) e destaca o desejo do pesquisador e sua relação com o tema de pesquisa como impulso à investigação. Vê-se aqui, mais uma vez, a marca da singularidade na pesquisa psicanalítica, mesmo diante da exigência de critérios metodológicos, pois não há como replicar o desejo de um pesquisador e/ou a relação que se tem com sua pesquisa. Nesse sentido, Figueredo e Minerbo (2006) ressaltam que se constitui como “uma atividade em que se constituem e se transformam ‘objetos’, ‘pesquisadores’ e ‘meios’ ou ‘instrumentos’ de investigação (conceitos, técnicas etc)” (p. 262). Dessa forma, a pesquisa compreende algo a mais do que investigar o que se propõe de forma prévia, ela se dispõe a produzir efeito e elaborar

modificações a partir do que é encontrado na relação entre pesquisador e objeto de pesquisa, o que faz da singularidade sua protagonista.

Almeida e Naffah Neto (2020) reiteram o desafio de transformar o pensamento clínico em “escrita direcionada e argumentada lógico-formalmente” (p. 22), mas endossam a importância da pesquisa psicanalítica no âmbito acadêmico científico como forma de contribuir para sua expansão. Nesse sentido, convém ressaltar a importância que Silva & Macedo (2016) reconhecem nesse cenário em que psicanálise e campo acadêmico se aproximam, visto que “permite-se, desta forma, alinhar a ética e a especificidade da Psicanálise como rigor metodológico exigido no espaço acadêmico. Assim, também um psicanalista pode exercer suas habilidades de pesquisador para além, mas sempre a partir de sua clínica” (p. 530).

Entre as formas de utilização do método psicanalítico de pesquisa, convém destacar a construção de fatos clínicos psicanalíticos, da qual a presente pesquisa utilizará como percurso. Quinodoz (1994) esmiúça a definição de fatos clínicos e destaca que “a associação das duas palavras *fato* e *clínico* amplia o conceito de *fato*, acrescentando aos fatos clínicos não apenas uma dimensão humana – porque os fenômenos em questão são observados em seres humanos –, mas também um aspecto relacional e subjetivo” (p. 615). Dessa forma, a observação concreta que comumente permite constatar um fato não é premissa para identificar os fatos clínicos, pois nesse trabalho também são consideradas as perspectivas pessoais que tanto escapam como não necessitam de alguma comprovação.

Localizados na psicanálise, Quinodoz (1994) afirma que os fatos clínicos representam fenômenos psíquicos, se relacionam com os fundamentos da teoria psicanalítica e podem ser categorizados em duas situações: fatos clínicos psicanalíticos internos e externos ao trabalho de análise. Ambos se relacionam com fenômenos inconscientes e, portanto, demonstram as nuances do funcionamento psíquico do paciente, mas somente aqueles que ocorrem na relação transferencial-contratransferencial entre analista e analisando podem se desenvolver e ganhar

significado com potencial de elaboração. Quinodoz (1994) assinala que “tudo que é comunicado pelo paciente – seja verbalmente, por intermédio de suas palavras, seja não verbalmente, por intermédio de seus ‘jogos’, expressões, comportamentos etc., é passível de ser observado e de adquirir um significado transferencial inconsciente” (p. 621). Dessa forma, a construção dos fatos clínicos psicanalíticos no interior do trabalho de análise permite comunicar ao paciente o que se observa de seu funcionamento e, a partir disso, possibilita que ele mesmo conquiste condições para reconhecer o que há de inconsciente em si. Por outro lado, os fatos clínicos psicanalíticos externos, ou seja, que não ocorrem na relação analista-analisando, ganham lugar quando são mencionados como sintomas e/ou ações pelo paciente e, sob a condição de escuta e interpretação do analista, expressam a realidade psíquica e seus conflitos.

Embora a subjetividade demarque o diferencial na observação dos fatos clínicos, não podendo ser replicada igualmente por outros analistas-pesquisadores, há uma vasta possibilidade de suscitar observações e interpretações semelhantes em outros psicanalistas, visto que a teoria psicanalítica fundamenta o exercício clínico. Isso se deve também ao caráter repetitivo dos fatos clínicos, que aparecem constantemente de formas diferentes, pois “a mente tende a reproduzir acontecimentos psíquicos inconscientemente percebidos como traumáticos com vistas a elaborá-los” (Quinodoz, 1994, p. 626).

Nessa direção, Quinodoz (1994) e Vollmer Filho (1994) concordam que há um caráter intersubjetivo na construção dos fatos clínicos psicanalíticos, pois é um trabalho de observação dos fenômenos que exprimem a subjetividade do paciente sem que haja um distanciamento daquilo que é próprio do analista – sua subjetividade. Assim, analista e analisando possuem papel ativo e singular nesse processo e a relação entre uma subjetividade e outra é o que fomenta a investigação e o tratamento. Vollmer Filho (1994) destaca:

Essa construção se forma a partir do relacionamento que se estabelece pela comunicação de fatos (ocorridos dentro e fora da sessão), sonhos, estados afetivos e da conduta de

parte do analisando e pela experiência emocional, pela técnica e teorias do analista, que permitem sejam atribuídos novos significados aos fatos relatados (p. 675).

Desse modo, é mister dar devida atenção à relação transferencial e contratransferencial, que Gregório e Amparo (2022) indicam como vetores do “que se descobre e ao que se inventa na pesquisa investigativa da clínica psicanalítica” (p. 3), estando intimamente ligadas ao singular da pesquisa. Freud (1905/2016) desenvolve o conceito de transferência e afirma que, por meio dela, ocorrem “novas edições, reproduções dos impulsos e fantasias que são despertados e tornados conscientes à medida que a análise avança, com a substituição – característica da espécie – de uma pessoa anterior pela pessoa do médico” (p. 312). Portanto, é um fenômeno que possibilita experimentar novamente algo – da ordem inconsciente – vivido anteriormente e atualizá-lo na relação com o analista, o que possibilita a elaboração. Winnicott (1959/2022) reafirma que a transferência “se refere ao modo como fenômenos altamente subjetivos aparecem repetidamente na análise” (p. 203) e é função do analista possibilitar que esses fenômenos se desenvolvam e sejam interpretados à realidade psíquica do paciente. Além disso, o autor discorre sobre o conceito de contratransferência ao mencionar que os sentimentos do analista existem e não ficam ausentes no atendimento clínico. No entanto, cabe ao analista fazer uso disso mantendo a distância, imprescindível à atitude profissional, sem que interfira de forma prejudicial no trabalho interpretativo. Quanto ao âmbito da pesquisa acadêmica, Donard (2022) considera que

O/a pesquisador/observador/a deve considerar a sua relação com o observado da mesma forma que o/a psicanalista aborda a relação com seu paciente. O/A analista trabalha sobre as reações de transferência das quais ele/a é o objeto e sobre suas próprias reações contratransferenciais (p. 54).

Vollmer Filho (1994) aponta a importância da supervisão na construção dos fatos clínicos psicanalíticos, pois é também através dela que se aprimora o exercício de “perceber,

compreender e interpretar as experiências emocionais apreendidas” (p. 684). Além disso, o autor nomeia como “mais imediato” (p. 674) o exercício de considerar de forma isolada os elementos vivenciados no momento da sessão, ou seja, durante a ocorrência da relação transferencial. Ademais, o autor aponta que “muito do que se passa na interação com o analisando deve ocorrer de maneira espontânea e que somente é possível ser organizada após a sessão” (p. 674). Portanto, também é um modo de compreender os fenômenos ocorridos na relação paciente-analista quando, após a sessão, os elementos passam pelas reflexões do analista e da discussão com colegas de profissão. Convém destacar que o isolamento dos elementos não consiste em torná-los afastados, pois é dentro do contexto clínico que eles tomam forma.

Reis (2022) apresenta a construção de fatos clínicos psicanalíticos como uma possibilidade de transmitir as experiências na clínica psicanalítica e, assim, contribuir tanto para o aprimoramento da teoria como para a formação dos psicoterapeutas aprendizes. Nesse sentido, diversos autores (Silva, Reis & Barbeiro, 2020; Lourenço, 2022; Reis et al., 2023; Reis, Santos & Souza, 2023; Castro & Reis, 2023; Reis & Ynuyama, 2023; Sardagna et al., 2024) tem utilizado a construção de fatos clínicos psicanalíticos como estratégia de pesquisa, visto que se apresenta como uma estratégia de interpretação e escrita dos fenômenos que ocorrem no atendimento clínico psicanalítico. Convém ressaltar que a utilização da construção de fatos clínicos no âmbito da pesquisa acadêmica contribui para que os sujeitos pesquisados sejam mantidos em anonimato, pois os fenômenos investigados aparecem como recortes em destaque sem maiores informações sobre o sujeito (Silva & Macedo, 2016).

Freud (1912/2021) ressalta que o trabalho analítico consiste simultaneamente na pesquisa e no tratamento, mas adverte que “não é bom abordar um caso cientificamente enquanto o respectivo tratamento não tiver sido concluído” (p. 97), pois a pesquisa científica percorre um caminho predefinido por seus interesses e necessidades. Com base nisso, Fulgencio (2013) reitera que “*tratar e produzir conhecimento científico* são dois momentos e dois modos

diferentes de produção do conhecimento, ou dito de outro modo, implicam dois métodos distintos de pesquisa, com exigências e objetivos díspares” (p. 32). Portanto, com o intuito de garantir que o processo terapêutico ocorra fundamentado no método psicanalítico e sem interferência do exercício de construção teórica por parte do pesquisador, é imprescindível que a síntese dos fatos clínicos ocorra após o encerramento do atendimento.

Considerando a necessidade da pesquisa ser realizada após a finalização dos atendimentos psicoterápicos, o presente estudo será realizado com base nos relatos de atendimento em psicoterapia breve psicanalítica, assim possibilitando que a pesquisa seja realizada no período destinado à realização do curso de mestrado.

Quanto à psicoterapia breve psicanalítica cabe destacar o conceito de psicoterapia psicanalítica que com base em Silva, Gasparetto e Campezzatto (2015) “caracteriza-se pela possibilidade de frequência menor, a disposição face-a-face entre terapeuta e paciente e a utilização de intervenções variadas em detrimento da interpretação transferencial” (p. 40). No entanto, assim como no tratamento psicanalítico propriamente dito, a psicoterapia psicanalítica consiste na investigação do funcionamento psíquico com base nos fundamentos da psicanálise.

Em segundo lugar, acrescentando o termo *breve* ao conceito de psicoterapia psicanalítica, Hegenberg (2021) enfatiza que a psicoterapia breve psicanalítica consiste no mesmo método e usufrui das mesmas técnicas que fundamentam o tratamento psicanalítico clássico: associação livre, escuta com atenção flutuante, relação transferencial e contratransferencial e interpretação. No entanto, seu enquadre consiste no estabelecimento do “limite de tempo da terapia, sua focalização em torno de uma problemática central ligada à queixa e à demanda do paciente, a consideração das possibilidades do paciente, do terapeuta e da instituição na qual se dará o atendimento” (Hegenberg, 2021, p. 65). Portanto, considerando a necessidade de utilizar um instrumento que condiz com o tempo previsto para a conclusão da pesquisa e as limitações do contexto de atendimento prestado pela Clínica Psicológica de um

serviço público, a psicoterapia breve psicanalítica se mostra efetiva, especialmente por sua fundamentação psicanalítica.

Gilliéron (1986) ressalta que a “*disposição espaço-temporal*” (p. 88) é o principal aspecto que diferencia a técnica da psicoterapia breve, pois sua duração e disposição do *setting* tomam distância da orientação clássica psicanalítica. Além disso, ressalta-se o compromisso de não perder de vista o enquadre terapêutico como um lugar diferente dos demais, visto que a finalidade do trabalho se relaciona com a possibilidade do paciente se apropriar de “um certo grau de liberdade em relação ao funcionamento social” (p. 83), ou seja, reconhecer os próprios conflitos, integrá-los à própria história e ser capaz de fazer escolhas e tomar decisões.

Ainda fundamentado em Hegenberg (2021), convém salientar que o processo terapêutico ultrapassa o tempo da sessão e o encerramento do atendimento, pois a relação construída entre terapeuta e paciente é contínua e, por isso, permanece como suporte à capacidade do paciente de lidar sozinho com a própria vida. Sob essa ótica, como diz o autor: “Para a psicoterapia breve é fundamental a possibilidade de o cliente continuar o processo de análise sem a presença física de seu analista” (Hegenberg, 2021, p. 67).

2.4.1 Participantes

O presente estudo faz parte de um projeto de pesquisa maior, intitulado “Clínica psicanalítica ampliada: atendimento a gêmeos e familiares”, que coloca à disposição dos gêmeos (independente da idade) e seus familiares o atendimento em psicoterapia breve psicanalítica.

A busca por gêmeos adolescentes foi realizada através da divulgação de um *banner* digital publicado nas redes sociais da Clínica Psicológica da Universidade Estadual de

Londrina. Além disso, o *banner* foi encaminhado para o Núcleo Regional de Ensino de Londrina, o qual divulgou via e-mail para os coordenadores de cada escola.

Os participantes da pesquisa foram dois pares de gêmeos, seus pais e quatro psicoterapeutas. Um par foi nomeado como Maria Lia e Maria Eva (13 anos de idade) e o outro par como Nino e Biba (12 anos de idade) – todos são nomes fictícios. Os adolescentes, os pais ou responsáveis pelos menores de 18 anos e os respectivos psicoterapeutas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), enquanto os próprios menores de idade assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), ambos aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos da Universidade Estadual de Londrina (Parecer 5.626.302; CAAE: 61222322.1.0000.5231).

Determinou-se 12 sessões como limite para a finalização do atendimento, podendo se estender em até 15 sessões em casos específicos. Essa informação foi apresentada e acordada no momento do contrato terapêutico e, conforme aponta Hegenberg (2021), foi lembrada à medida que a data de encerramento do tratamento se aproxima.

2.4.2 Coleta de dados

Os adolescentes e/ou seus pais/responsáveis, interessados no atendimento psicoterápico, se inscreveram no projeto através de contato telefônico com a Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina ou através do e-mail do projeto de pesquisa maior. Em seguida, um dos psicoterapeutas do projeto entrou em contato com os pais ou responsáveis para agendar a primeira entrevista, ouvir o motivo da busca pelo atendimento e elucidar como os atendimentos são realizados. Além disso, os pais ou responsáveis foram informados de que cada cogêmeo teria seu próprio psicoterapeuta e ficariam em salas separadas, indicando a importância do tratamento individualizado. Os atendimentos ocorreram nos consultórios da Clínica Psicológica na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Em relação aos atendimentos de psicoterapia breve presentes nesse estudo, convém mencionar que ocorreram supervisões após cada sessão de atendimento clínico, seguindo o que a prática psicanalítica exige ao dizer de seu tripé. Além disso, o projeto maior era composto por psicoterapeutas-aprendizes, o que reforça ainda mais a necessidade de serem discutidos os casos no intuito de contribuir tanto para a formação dos psicoterapeutas como para garantir que os atendimentos ocorram fundamentados na psicanálise. Convém ressaltar que durante as supervisões, os psicoterapeutas do mesmo par de gêmeos não participaram da supervisão de caso do cogêmeo, pois trata-se de um procedimento que visa evitar qualquer contato com as informações sobre o atendimento com o respectivo cogêmeo.

Os materiais utilizados nas sessões de atendimento psicoterápico, consistiram em uma “caixa lúdica” contendo material gráfico e brinquedos – bonecas de pano, animais de plástico, peças de montar, entre outros. Na Clínica Psicológica/UEL algumas salas possuem armários com gavetas individualizadas, em tais circunstâncias a gaveta destinada ao paciente funciona como caixa lúdica. Assim, atendendo às recomendações de Aberastury (1981) quanto a importância dos detalhes que constituem a sala de atendimento, especialmente ao destacar que os materiais utilizados pelo paciente devem ser colocados dentro de uma caixa de forma individual, portanto, garantindo que somente ele tem acesso, junto com o terapeuta quando ambos estão presentes na sessão.

Justifica-se a disponibilização de materiais lúdicos e gráficos aos adolescentes de menor idade, especialmente aqueles entre 12 e 14 anos, pelo fato de, eventualmente, poderem apresentar a persistência de um funcionamento infantil que se manifesta através da brincadeira. Klein (1953-1955/2020) menciona que o brincar como técnica psicanalítica – com brinquedos “simples, pequenos e não mecânicos” (p. 173) – permite que a criança expresse suas fantasias, ansiedades e experiências. Nessa mesma perspectiva, Winnicott (1971/2019) aponta que a

experiência do brincar é natural, criativa, possibilita o crescimento, capacita para os relacionamentos em grupo e pode ser uma forma de comunicação entre o terapeuta e a criança.

Inicialmente houve o convite para os pais de cada dupla de gêmeos para participarem de entrevistas de triagem, em seguida cada cogêmeo foi atendido em psicoterapia psicanalítica breve por 13 sessões (Maria Livia e Maria Eva) e 14 sessões (Nino e Biba). Ao final, houve sessões de encerramento com a mãe (viúva) do primeiro par e os pais do segundo par.

2.4.3 Análise de dados

Após cada sessão, foram elaborados relatos escritos pelos respectivos psicoterapeutas, constando os fatos clínicos ocorridos ao longo do atendimento, percepções, sensações e reflexões próprias do terapeuta, entre outras observações. Ao encerrar o atendimento psicoterápico, cada terapeuta organizou seus relatos omitindo dados pessoais que pudessem identificar o paciente atendido, os quais foram substituídos por nomes fictícios ou códigos. Esses relatos foram arquivados e no momento oportuno foram disponibilizados para a leitura e seleção de fatos clínicos. Participaram da análise os psicoterapeutas de cada cogêmeo e outros membros do grupo de pesquisa, os quais realizaram a leitura dos relatos, selecionaram os fatos clínicos e contribuíram para a discussão acerca das temáticas percebidas como prevalentes.

Assim, com o intuito de identificar os fatos clínicos vivenciados em cada sessão, os pesquisadores realizam leituras individualizadas sob atenção flutuante e, em seguida, selecionam os fatos clínicos levando em conta o “desejo do pesquisador de investigar acerca de algum enigma e inquietude” (Silva & Macedo, 2016, p. 526).

Posteriormente, os fatos clínicos identificados pelos pesquisadores são organizados em uma tabela e são apresentados ao grupo de pesquisadores do projeto de pesquisa maior, onde se discutem as semelhanças e discordâncias entre os pesquisadores, bem como o conteúdo dos fatos clínicos selecionados. Essa discussão tem como objetivo concluir a seleção de fatos

clínicos psicanalíticos para posterior análise, considerando apenas as seleções em que três ou mais pesquisadores são concordantes.

A etapa seguinte consiste em identificar assuntos que se repetem nos fatos clínicos e organizá-los em categorias temáticas. Posteriormente, será realizada a análise dos fatos clínicos relativos a cada categoria temática com base em fundamentos da teoria psicanalítica, incluindo a interpretação produzida a partir da na relação transferencial e/ou contratransferencial. Retomando as ideias de Vollmer Filho (1994) e Quinodoz (1994), a compreensão *a posteriori* dos fenômenos ocorridos no *setting* possibilita o aprimoramento da interpretação e, conseqüentemente, da concepção do funcionamento psíquico representado na relação transferencial-contratransferencial.

A partir dos dados coletados foram construídas três categorias temáticas de fatos clínicos, as quais serão apresentadas e analisadas a seguir.

2.5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os fatos clínicos prevalentes em ambos os casos foram organizados nas seguintes categorias: *relação fraterna* e *transformações da adolescência*. Em seguida, foram analisados com base nos fundamentos da teoria psicanalítica.

Com exceção das correções ortográficas, procurou-se manter a redação dos fatos clínicos da forma como constam nos respectivos relatórios elaborados pelos psicoterapeutas que conduziram os atendimentos aos gêmeos participantes da pesquisa.

2.5.1 Relação fraterna

A relação entre irmãos se constitui através do laço familiar, este que pode ser consanguíneo ou adotivo. Freud (1917/2014) foi pioneiro ao abordar a relação fraterna associada ao fenômeno edípico, haja vista a compreensão de que a presença de um irmão pode

suscitar sentimentos ambivalentes envolvendo as figuras parentais em função da disputa pela garantia de amor. Por outro lado, o conceito de complexo fraterno apresentado por Kaës (2011) contribui para analisar com mais profundidade a dinâmica da relação entre irmãos e seus efeitos na constituição psíquica, adentrando nas especificidades das experiências vividas entre irmãos.

À vista disso, Mauer (2021) chama atenção para o caráter horizontal da relação fraterna, entendendo como um marcador fundamental para as comparações das semelhanças e diferenças, e discute sobre seus efeitos em casos de irmãos gêmeos, visto que a gemelaridade por si já carrega questões relativas à comparação entre um e o outro.

Na presente pesquisa, a *relação fraterna* foi analisada e organizada em três subcategorias: *diferenciação, comparação e disputa; simbiose e individualização; e a presença de um terceiro*. Prezando por uma melhor organização das ideias, os fatos clínicos selecionados serão apresentados a cada par de gêmeos.

2.5.1.1 Diferenciação, comparação e disputa

Diversos estudos (Winnicott, 1982/1965; Reis, 2015; Morgenstern & Gueller, 2015; Reis et al., 2018; Barbetta & Panhoca, 2019; Gallo et al., 2020; Mauer, 2021) apontam a diferenciação como um exercício necessário entre pares de gêmeos, ressaltando que, embora seja um desafio, é um processo de suma importância que deve advir dos cuidadores primordiais. Isso se deve à compreensão de que o olhar individualizado para cada cogêmeo contribui para um desenvolvimento saudável, respeitando as necessidades individuais de cada um.

Nessa tarefa de diferenciar um e outro, a aparência não é um fator que contribui efetivamente, especialmente quando se trata de gêmeos monozigóticos em que a semelhança é grande. Diante disso, Viotto (1999) destaca que a família pode localizar diferenças no desenvolvimento e no modo como cada cogêmeo interage com o mundo, o que pode levar à percepção de que um é o oposto do outro. Esse modo de diferenciar pode acontecer como uma

prática de comparação que pode fomentar a competição e surtir efeitos na constituição subjetiva dos gemelares. Freud (2017/2014) apresenta a rivalidade como uma dinâmica inerente à relação entre irmãos diante da tentativa de garantir a atenção e o amor dos pais e, apoiada nessa ideia, Reis (2015) acrescenta a precocidade dessa disputa como uma hipótese específica da gemelaridade. Portanto, os gêmeos vivenciam a rivalidade própria da relação entre irmãos, mas também é possível pensar em uma outra experiência: uma disputa narcísica, cuja função é concorrer à posição reconhecida como mais relevante.

As gêmeas Maria Lia e Maria Eva, fisicamente eram bem parecidas e tinham voz semelhante. Na sessão de triagem, a mãe se referia às filhas pelo segundo nome e as diferenciou por suas dificuldades:

“essa aqui (apontou para Maria Lia) tem algumas dificuldades, sabe?”. Relatou que Lia teve bastante dificuldade na aprendizagem e até hoje tem dificuldade com a leitura e escrita. Além disso, descobriu recentemente que a filha tem deficiência auditiva em um dos ouvidos e por isso troca algumas palavras. (...) Contou que desde sempre Lia teve mais problemas de saúde. (...) Sobre Eva, a mãe disse que ela tem uma carne esponjosa no nariz e por isso fala de um jeito diferente, mas em relação aos estudos sempre acompanhou normalmente.

A partir desse fato clínico, é possível perceber que Lia é evidenciada por questões de saúde e aprendizagem, embora a cogêmea também apresente alguma dificuldade. Nesse sentido, a comparação pode funcionar como um modo de classificar os indivíduos do par gemelar como melhor ou pior, especialmente quando se trata do desempenho escolar. Essa ideia foi apresentada por Viotto (1999) ao falar da comparação que culmina na percepção de que há um cogêmeo mais saudável, enquanto o outro apresenta mais dificuldades, e isso fica visível no fato clínico a seguir:

Lia me disse que não realizou o terceiro ano na escola, porque estava na pandemia, então eram só apostilas com atividades que ela fazia em casa. Em seguida, ela acrescentou: “eu fiquei um pouco atrasada, porque é no terceiro ano que aprende a ler, né? Minha irmã aprendeu a ler no primeiro ano, então ela é mais avançada do que eu”. Expliquei que desde o primeiro ano a escola já incentiva as crianças a aprenderem a ler, mas que cada criança aprende de uma forma: umas mais rápido e outras levam um pouco mais

de tempo. Afirmar que isso é particular de cada criança, porque cada uma se desenvolve de forma diferente”.

À vista disso, também é possível dialogar com a exposição de Mauer (2021) sobre a comparação contribuir para a compreensão de que a oposição pode ser complementar, ou seja, um gêmeo consome a falta que há no outro e vice-versa. Nesse sentido, pode haver momentos em que o par gêmeo pode funcionar como uma dupla inseparável que corrobora entre si e/ou que possa ser percebido como um combo indiferenciável. No caso de Lia e Eva, as tarefas domésticas eram realizadas pelas duas sem divisões bem estabelecidas, o que causava certa confusão:

Lia contou que no dia anterior tinha louça para lavar junto com Eva. Conforme o combinado, Lia lavou uma parte e deixou a outra para a gêmea, que estava dormindo. Então, Lia foi dormir também e no outro dia pela manhã a mãe brigou com as duas. (...) Lia acrescentou: “agora a gente tá de castigo, sem poder mexer no celular e na TV até o final de semana”. Perguntei como ela se sentia com essas broncas que deveriam ser direcionadas à irmã. Ela respondeu: “não sei... eu tô acostumada”. Falei: “imagino que deve ser chato né, por que você acha que isso acontece?”. Ela respondeu: “deve ser porque a gente sempre divide o que tem que fazer e aí não dá pra saber quem foi que fez o que, aí minha mãe briga com nós duas”. Perguntei se Lia já pensou em falar para a mãe que não foi ela, quando levou uma bronca por engano e ela respondeu: “ela nem ia ouvir, minha mãe não é tão fácil assim não”. Falei: “sério? Você sente que ela não te ouve?”. Lia respondeu balançando a cabeça com um sim.

A partir desse fato clínico, é possível notar que até mesmo as punições podem ser aplicadas igualmente aos gêmeos, reafirmando a indiferenciação entre os indivíduos do par e a sensação de que alguém está sendo desconsiderado. Contudo, conforme o relato de conformidade de Lia em se responsabilizar e pagar o preço do erro da irmã, mostra-se interessante refletir sobre a satisfação que pode haver em manter essa parceria simbiótica.

Em outro fato clínico é possível observar que Lia tenta justificar a sensação de não ser escutada pela mãe com base na fantasia de que há alguma relação entre a sequência que ela e a gêmea nasceram e a conquista da atenção materna:

Lia disse: “(...) o irmão caçula geralmente é mais mimado”. Falei: “Sério? E como fica isso na sua casa? Porque você e a Eva são gêmeas, têm a mesma idade, não tem um caçula”. Ela respondeu: “tem sim, eu sou um minuto mais nova que a Eva, mas eu acho

que minha mãe cuida muito mais dela do que de mim”. Perguntei o que fazia ela sentir isso e ela respondeu: “por exemplo, hoje a gente ia na minha vó e só ia voltar depois de amanhã, então nem eu e nem a Eva ia trabalhar no lanche, mas a minha tia disse que tá arrumando algumas coisas lá e a gente só vai poder ir amanhã. Então eu vou trabalhar hoje e a Eva não vai trabalhar amanhã”. Falei: “Nossa! Que chato ter que trabalhar enquanto sua irmã não trabalha, né? Mesmo vocês sendo irmãs gêmeas e bastante parecidas, nem sempre vocês fazem a mesma coisa”. Ela respondeu com um sim balançando a cabeça.

Esse fato clínico ilustra o que Short (2021) propõe acerca da ordem de nascimento e a relação entre irmãos gêmeos, visto que um dos resultados de seu estudo é a percepção de que o cogêmeo nascido em segundo lugar é mais dependente do primeiro. No caso de Lia, ela foi a segunda filha a nascer e aparenta se submeter à Eva nas situações em que é a cogêmea quem deveria levar bronca sozinha, além de não expressar seu descontentamento mesmo quando percebe seu próprio incômodo em relação à irmã. Com isso, Lia parece se aglutinar à cogêmea e se sentir desvalorizada pela mãe, o que propicia uma comparação que envolve a atenção da mãe.

Nesse cenário de comparação, Lia demonstra se sentir insatisfeita com a atenção que recebe da mãe e aponta que gostaria que ela a defendesse nos momentos em que Eva a incomoda:

Lia disse: “ah... sei lá... é que minha mãe não entende que eu bato na Eva porque ela me morde, aí ela fica falando que eu que sou chata”. Eu falei que percebia que ela gostaria de uma atenção maior da mãe para se sentir ouvida e perguntei se era isso mesmo. Ela respondeu: “é... pode ser... quem sabe ela mandava a Eva parar de me encher o saco”. Eu falei: “mas você mesmo pode falar para a Eva que você não gosta das mordidas dela e que ela precisa respeitar isso”. Ela ficou em silêncio olhando para o fantoche que estava segurando. Eu falei: “pensa que se agora mesmo esse fantoche te mordesse, o que você ia fazer?”. Ela respondeu: “eu ia mandar ele parar”. Eu falei: “aé? por que?”. Ela respondeu: “porque eu não gosto que me morde”. Eu disse: “hum... acho que a Eva precisa saber disso também, que você gosta de coisas diferentes dela e, nesse caso, ela gosta de morder e você não gosta de ser mordida”. Ela ficou me olhando com cara de quem dizia “e não é que é isso mesmo?”.

Essa disputa aparecia também na relação transferencial, quando no final das sessões Lia percebia que a cogêmea ainda não tinha saído da sala com sua terapeuta:

Saímos da sala e a porta da sala de Eva estava fechada. Lia disse: “ela não saiu ainda, isso é injusto! Queria ficar mais também”. Falei que logo logo ela sairia, porque o tempo é igual para as duas, mas pode acontecer delas não saírem ao mesmo tempo.

Esse fato clínico se repetiu diversas vezes e algumas vezes Lia ameaçava tentar abrir a porta da sala da cogêmea:

Quando saímos da sala, ela queria abrir a porta da sala de Eva para conferir se ela já tinha saído. Eu falei que, como a porta estava fechada, provavelmente ela ainda estava lá com a terapeuta dela. Lia insistiu em querer abrir e eu disse que ela precisava respeitar o espaço da irmã, pois cada uma tinha a sua sala e sua terapeuta. Ela desistiu e foi andando pelo corredor em direção à porta de saída da clínica.

Esses fatos clínicos permitem refletir que, para além de uma disputa por se sentir menos beneficiada que a cogêmea, também há uma dificuldade de separação. Lia demonstra não conseguir respeitar o espaço que é de sua cogêmea, mas, antes disso, parece não compreender que uma é separada da outra. Nesse sentido, convém resgatar o que Prais (2018) menciona sobre a construção da singularidade ser facilitada pela experiência do *setting* terapêutico, tendo em vista a exclusividade do analista ou do terapeuta para cada cogêmeo.

Sobre a construção da singularidade, o seguinte fato clínico se mostra interessante para pensar a relação fraterna no processo de diferenciação:

A mãe disse que no dia anterior elas brigaram por causa do secador de cabelo e Lia explicou: “é porque eu tava usando o secador pra secar minha franja e ela queria usar o secador pra secar a franja dela, mas ela não tem franja! Eu tentei falar que ela não tem franja, mas ela não entende, ficou brigando comigo por causa do secador e eu nem consegui secar minha franja”. Lia acrescentou dizendo que a irmã fala que queria ser bonita como ela e se lamenta por ser feia: “mas ela não é feia!”. Perguntei como ela se sentiu nessa situação e ela respondeu: “Ah! Eu fui lá e fiz uma maquiagem nela pra ela se sentir bonita”.

Com base nesse fato clínico, vê-se o desafio de Eva em se ver diferente da irmã, chegando a interpretar essa diferença como uma categorização de melhor ou pior, superior ou inferior, bonita ou feia. As ideias de Mauer (2022) e Viotto (1999) corroboram com esse fato clínico, visto que tais autores abordam o fato da comparação ser um fator preponderante para a interpretação de que um cogêmeo é o oposto do outro. Sobretudo, é importante ressaltar o

movimento de Lia em auxiliar a irmã a se sentir bem sem a necessidade de ter uma franja como ela, encontrando a maquiagem como saída e mantendo a diferença entre ambas.

Em outro fato clínico, Lia fala sobre julgar importante tratar irmãos gêmeos de forma diferente:

Eva puxou assunto sobre jogos que “imitam a vida real”, contando que está jogando Stardew Valley e completou: “é legal porque a gente imagina como deve ser as coisas... dá pra casar, ter filho.. acho que não dá pra ter filhos gêmeos, mas eu queria se desse”. Falei: “sério? Como você acha que seria?”. Ela respondeu: “eu ia escolher tudo diferente pra cada um, porque tem gente que coloca roupa tudo igual nos filhos só porque é gêmeo”. Falei: “verdade né, eu vejo vários gêmeos vestidos iguais mesmo... o que você acha disso?”. Ela respondeu: “eu acho nada a ver, acho que isso atrapalha porque aí os dois ficam iguais, não tem diferença”. Falei: “verdade! Já são bem parecidos fisicamente, não dá pra ser igual em tudo né? Cada um é cada um... E como era com você e a Eva?”. Ela respondeu: “a gente tinha as mesmas roupas, mas com cores diferentes, então tava tudo bem, dava pra diferenciar”. Com isso, a paciente se lembrou de um vídeo que está circulando na internet, onde uma mãe tirou as pulseiras que diferenciavam os filhos gêmeos bebês e ficou apavorada porque não sabia qual era qual. Falei que eu tinha visto esse vídeo e que deve ser difícil diferenciar quando ainda é bebê, perguntei: “você acha que isso já aconteceu com a sua mãe?”. Ela ficou pensando, respondeu que não sabe e acrescentou: “minha família sempre confunde eu e a Eva e eles já viram nossa cara mais de mil vezes... como ainda acham que a gente é igual?”. Falei: “sério? Parece que você não gosta muito de ser confundida então, né? Você não se acha parecida com ela?”. Lia respondeu: “nem um pouco! Não tem nada a ver uma com a outra”.

No fato clínico acima, nota-se que Lia se percebe de forma individualizada em relação à gêmea, demonstrando haver um senso de independência bem desenvolvido, haja vista sua afirmação sobre se considerar completamente diferente da irmã. Além disso, ela parece valorizar a forma como foi criada e, de certa maneira, apresenta sua concepção sobre a prática de diferenciar irmãos gêmeos, pois diz sobre a experiência de ter sido diferenciada pela mãe através das roupas, embora seja confundida com a cogêmea por outros familiares. Reis et al. (2018) enfatizam que é papel fundamental dos cuidadores reconhecer as características de cada cogêmeo de modo individualizado, contribuindo não só para um desenvolvimento emocional saudável, mas também para uma relação saudável entre par de gêmeos. Nesse sentido,

Cangueiro (2019) reforça que a constituição psíquica dos gêmeos é sensível aos efeitos das tentativas de diferenciação praticadas pela mãe desde o início da vida, compreendendo a dinâmica familiar como fator fundamental.

Quanto ao par de gêmeos Biba e Nino, as diferenças eram evidentes, especialmente pelo sexo e os respectivos aspectos físicos. Biba é uma menina branca, de cabelo castanho claro, e Nino é um menino que pode ser identificado como pardo, de cabelo castanho escuro. Porém, na sessão de triagem, a mãe teve dificuldade de especificar a etnia de Nino:

“Nossa! Difícil, né? Colocar assim numa caixa delimitada. Acho muito difícil definir, porque o Nino é moreno, tem o cabelo mais... Não sei como definir, ele pegou uma parte muito específica da família”.

A partir dessa fala proferida pela mãe, é possível perceber certa dificuldade em afirmar que o filho apresenta características fenotípicas diferentes não só da cogêmea, mas de todo núcleo familiar. Pensando junto com Machado (2022), é possível considerar que essa dificuldade de diferenciar Nino de sua cogêmea tenha alguma relação com a preocupação materna em ofertar os mesmos cuidados aos filhos, na tentativa de evitar qualquer desconforto caso fossem cuidados de forma diferente. No entanto, como discorre Carneiro (2011), convém ressaltar que a etnia é um fator interpretado de modo complexo no contexto brasileiro, o que contribui para que as pessoas não-brancas sejam colocadas à margem ou descoladas de seus traços étnicos para serem aceitas.

Por outro lado, as comparações feitas entre Nino e Biba foram frequentes, tanto por parte da mãe, quanto por parte dos próprios gêmeos. Nessa perspectiva, Biba foi apresentada pela mãe como aquela que ocupa uma classificação inferior em relação ao cogêmeo:

Biba se sente um pouco menos capaz que Nino nas atividades escolares e nos relacionamentos. Diz que Nino é de mais fácil comunicação, tem uma facilidade com isso e também com os estudos. Relata que Nino sempre pega as coisas mais rápido, enquanto Biba tem que se esforçar mais.

Em uma conversa com o terapeuta, a própria Biba também diz dessa sensação de inferioridade na relação com o cogêmeo:

Biba disse: “Eu sinto que ele sempre é melhor que eu na escola, tipo, em tudo ele tira nota maior que eu, e aí eu quero tirar também, porque nunca tirei. (...) Eu fico um pouco com raiva, porque ele nem estuda direito e tira nota melhor, eu estudo muito mais que ele”. O terapeuta perguntou: “E você se compara com mais alguém além de seu irmão?” Biba respondeu: “Não, acho que é só com ele mesmo, não costumo me comparar com outras pessoas”.

Machado (2022) aponta que as diferenças entre irmãos gêmeos podem aparecer através da comparação, cujo cogêmeo pode ser visto como o oposto do outro. Portanto, nota-se que Biba relata a percepção que tem de si mesmo em relação ao irmão, mas demonstra certo sofrimento ao compreender que Nino é seu ponto de referência e as diferenças entre eles são marcadas por essas comparações que denotam um tom pejorativo.

Por outro lado, quando se trata de cumprir as regras da mãe, Biba parece se ver melhor que o cogêmeo. Contudo, mesmo seguindo as expectativas da mãe, Biba acabava sendo colocada no mesmo pacote da retaliação, visto que Morgana (nome fictício da mãe) ficava brava e/ou se chateava com ambos, independente de quem fosse o responsável:

Biba fala sobre como o Nino pisa muito na bola mesmo, mais que ela, mas que sempre sobrava para ela também. (...) O terapeuta perguntou: “E ela [Morgana] costuma ficar triste com frequência com vocês?”. Biba respondeu: “Ah! Com meus irmãos é mais e comigo é menos”. O terapeuta perguntou: “Então o que faz ela ficar triste? O que você faz que ela fica menos triste?”. Biba respondeu: “Eu sou muito organizada, meus irmãos não. (...) Eles são muito folgados eu acho, eles deixam tudo bagunçado, não arrumam as coisas, deixam tudo jogado”.

Convém mencionar que além de Biba e Nino, o núcleo familiar era composto por outro irmão com diferença de um ano de idade e a relação entre eles será abordada com mais profundidade em outra categoria. Contudo, na presente categoria, naqueles fatos clínicos em que os três irmãos são mencionados, todos os três são tratados como se fossem um só, especialmente nas situações em que um deles descumpra algum combinado ou quebra alguma regra:

Biba diz: “ela (Morgana) sempre dá um jeito de me colocar no meio da situação”. Perguntei como é isso e ela diz que acontece com frequência, que os irmãos fazem coisas erradas e ela não, mas ela sempre sai como errada também. (...) Questiono como ela se sente nessas situações e ela diz que fica se sentindo injustiçada, pois ela não faz parte disso, mas a culpa sempre sobra para ela também. Diz também que tem muitas coisas

que ela vê os irmãos fazendo errado e que pensa em contar para a mãe, mas que não conta pois não quer também ficar como “dedo duro”. Eu digo “mas então você quer contar para sua mãe?”. Ela diz que sim, que gostaria, e que às vezes ela até fala para os irmãos que irá contar, mas que depois não tem coragem de falar. Pergunto o porque ela não tem coragem, ela diz que isso pode deixar a mãe brava e que pode sobrar para ela também, pois quando a mãe está brava ela desconta também nela também.

Quanto à disputa entre Biba e Nino, os fatos clínicos apresentam tanto a disputa pela atenção da mãe quanto em relação ao desempenho escolar. Como foi mencionado acima, os gêmeos são diferenciados especialmente pela capacidade intelectual evidenciada nas experiências de premiação escolar e isso provoca inveja em Biba, que expressa em fatos clínicos tais como a seguir:

Biba disse: “meu irmão ganhou esse prêmio [de melhor aluno da sala] há algumas semanas atrás. É o prêmio de quem tem as melhores notas e ele tirou 10 em um monte de matéria, e aí ganhou esse prêmio”. O terapeuta perguntou: “e como foi isso pra você?”. Biba respondeu: “ah... eu fiquei feliz por ele, mas ele ficou muito exibido! Meu irmão (Zequinha) chegou de viagem e ele foi mostrar o certificado para o meu irmão, ficou falando ‘olha, olha, eu ganhei o prêmio de melhor aluno da sala!’ e aí eu achei ele exibido. Tipo, eu fico feliz por ele, mas acho que ele ficou se achando”. O terapeuta perguntou: “será que você ficou só feliz Biba? Parece que tem algo a mais aí, não tem?”. Ela riu um pouco e disse: “É, verdade... Eu fiquei um pouco com inveja também, porque eu também queria ganhar e aí ele fica com isso de prêmio pra lá e pra cá e ele consegue ir bem nas matérias”.

Reis (2015) aponta que a inveja é um sentimento que tem relação com a disputa pela atenção materna e, no caso de gêmeos, essa dinâmica ocorre precocemente. À vista disso, é possível que a experiência de não obter o que o cogêmeo desperta a fantasia de que um é melhor que o outro.

Em relação ao Nino, a disputa pela atenção da mãe é o que mais se destaca, especialmente em relação à aplicação dos castigos. Em uma sessão individual, ele contou que Biba cometeu um erro e não recebeu punição tal como ele recebe nas vezes em que desrespeita as regras da mãe:

Nino disse se sentir injustiçado ainda, pois Biba quebrou o *tablet*, desafiou a mãe e, ainda, amassou as roupas dela, mas pôde ver televisão com os irmãos. Nino se sentiu indignado por isso, já que quando ele está de castigo, o tratamento não é esse.

Na presente subcategoria, foi possível notar que a diferenciação acontecia com base na

comparação e isso culminava na disputa entre cogêmeas e cogêmeos.

Entre Maria Lia e Maria Eva, a comparação era feita com base no histórico de saúde e aprendizagem, visualizando Lia como menos saudável e com mais dificuldades no desempenho escolar. Ademais, as gêmeas viviam como se fossem complemento uma da outra, o que contribuía para que fossem penalizadas igualmente e somassem o dinheiro recebido para comprar uma única coisa para as duas. Nesse cenário, Lia demonstrava se sentir anulada e desprovida de atenção por parte da mãe, o que mobilizava uma certa disputa entre as cogêmeas. Essa disputa também aparecia na relação transferencial, haja vista a tentativa de Lia interromper as sessões de Eva quando elas não saíam de suas respectivas salas de atendimento no mesmo momento. Ademais, foram apresentados fatos clínicos referentes à relação fraterna associada ao processo de diferenciação, visto que Eva se sentiu inferior à Lia quando se deparou com a diferença entre o cabelo delas.

Entre Biba e Nino não haviam grandes impasses quanto à diferenciação, haja vista o fato de serem um par de gêmeos de sexos diferentes, bem como pelas diferenças no aspecto físico. Ainda assim, foi possível notar certa dificuldade da mãe em diferenciar Nino, especialmente ao dizer sobre a cor de sua pele. Além disso, embora fossem nitidamente diferentes entre si, Biba e Nino eram comparados e se comparavam no quesito escolar, sendo um visto como melhor que o outro. A disputa pela atenção da mãe também era algo recorrente. Outro ponto interessante é a existência de um terceiro irmão com idade próxima, o qual parece ser colocado como parte da relação gemelar (gêmea-cogêmeo-irmão não gêmeo) e contribui para um tratamento indiferenciado para os três.

2.5.1.2 Simbiose e individualização

Conforme apresentado anteriormente, o vínculo entre irmãos gêmeos se inicia desde a vida intrauterina e se transforma na relação fraterna posteriormente, produzindo efeitos na

constituição subjetiva e psíquica (Mauer, 2021; Berlfein et al., 2023; Kaës, 2011). Essa relação experienciada de modo tão estreito pode contribuir para a dificuldade de separar do cogêmeo, tendo vista o desenvolvimento da individualidade.

Maria Lia e Maria Eva compartilhavam interesses semelhantes: ambas gostavam de assistir animações de origem japonesa e séries de origem coreana, além de serem fãs de um grupo musical sul-coreano chamado BTS. Dessa forma, acabavam consumindo os mesmos conteúdos de entretenimento juntas:

Para ver novos episódios de alguma série, Maria Lia diz que espera a irmã: “eu espero ela terminar pra continuar assistindo ou então eu volto tudo pra assistir de novo com ela, daí é meio chato. Mas também acontece dela ter que fazer isso pra mim, porque ela sabe que eu faço pra ela”.

Com base em Short (2021), gêmeos monozigóticos costumam se relacionar com mais proximidade e dependência. À vista disso, é possível pensar no quanto a semelhança entre os gostos e preferências de Lia e Eva pudessem estar associados ao vínculo de ambas.

No fato clínico apresentado, Maria Lia menciona um impasse diante do costume de assistir a mesma série junto com a irmã, mas demonstra haver um combinado entre elas. Ao mesmo tempo, Maria Eva também parece sentir certo desconforto, conforme ilustra o fato clínico a seguir:

Retomou que Lia gosta muito do tablet e, quando Eva está usando o tablet, Lia quer assistir junto com ela quando está usando, mesmo tendo uma TV em casa. Conta que tentaram dividir os dias para cada uma usar o tablet: o dia que Eva trabalha, o tablet é da Lia e vice-versa. Porém, da última vez Lia não cumpriu o combinado. Perguntei como Eva lidou com isso e ela respondeu que ficou irritada, mas não falou nada, deixou ela ficar.

A partir desse fato clínico, é possível dialogar com Barbetta e Panhoca (2019), considerando que a semelhança entre os gêmeos monozigóticos pode contribuir para a valorização da prática de manter a ilusão de igualdade. Dessa forma, chama-se atenção para a importância de favorecer a diferenciação, cujo efeito se dá na construção da identidade de forma individualizada e singular.

Nessa dinâmica de cumplicidade, as gêmeas também guardavam juntas o dinheiro que recebiam da mãe:

Lia disse que ela e sua cogêmea ganham R\$150 cada uma mensalmente por ajudar a mãe na lanchonete e complementa: “daí nós duas juntamos esse dinheiro, porque aí fica mais né, fica R\$300 e aí a gente pode comprar o que a gente quiser”. Perguntei o que elas costumam comprar e ela respondeu: “coisas de decoração pro nosso quarto, porque a gente ama dorama e BTS”. Lia disse que ela e Eva dormem no mesmo quarto, mas em camas separadas. Além disso, em dado momento, Lia disse que divide o celular com a irmã, pois o celular de Eva quebrou e elas estão juntando dinheiro para comprar uma tela original.

À vista disso, convém mencionar a dinâmica de complementaridade que alguns autores (Ramos, 2021; Gallo et al., 2020; Mauer, 2021) identificaram como parte da relação gemelar e dos ideais socialmente construídos a respeito da gemelaridade. Nesse cenário, é possível perceber que diversos fatores contribuem para que se mantenha uma simbiose entre Lia e Eva, podendo ser observado em fatos clínicos recorrentes, tal como o seguinte:

Lia disse que a casa dela está reformando e que em breve elas vão ter dois quartos para elas: “em um vai ficar as duas camas e na outra vai ficar o guarda-roupa, como se fosse um closet, e uma escrivaninha com computador e tablet”. Falei “ah... então vocês vão ter dois quartos, mas vão continuar dormindo no mesmo quarto?”. Lia respondeu sorrindo que sim e acrescentou: “a gente gosta de dormir no mesmo quarto e ficar junto”.

Sob a perspectiva de Eva, também aparecem questões relacionadas à resistência de separação entre ambas:

Eva disse que possuem o mesmo guarda-roupa, mas que não dividem as mesmas roupas, pois não é a mesma numeração. Também me contou que possuem duas camas de solteiro, mas que no começo do frio juntaram essas camas para dormirem juntas. Perguntei se ela gostava de dividir a cama com a irmã e ela respondeu que não, porque acorda sem nenhuma coberta. Perguntei se, então, pretendem separar as camas, mas Eva respondeu que não, pois daria muito trabalho, pois tinha uma mesa que ficava no centro e precisava arrastar ela também, o que faria muita bagunça. Perguntei se ela tinha alguma perspectiva para separarem as camas novamente e Eva respondeu: “até quando minha mãe aguentar”. Perguntei “como assim?”. Eva me disse que toda noite a mãe vai dar um beijo de boa noite nas duas e fica uma bagunça perto da cama porque usam a extensão para o *tablet*. Então, quando a mãe não aguentar mais isso elas vão se separar. Perguntei: “Então precisaria de uma outra pessoa para separar você e sua irmã?”. Eva diz que sim.

Na sessão de triagem, Lia e Eva relataram que estudam em salas separadas e, apesar de saberem o que culminou essa divisão, não entendem muito bem o motivo:

As gêmeas estudam em salas separadas, porque a escola diz que irmãos gêmeos idênticos geralmente se atrapalham. Enquanto a mãe falava sobre isso, elas interromperam: “nunca entendi isso”.

Em uma sessão individual, Lia contou o possível motivo para terem sido colocadas em sala de aula diferente:

Lia falou: “minha mãe disse que a gente parou de estudar junto porque um menino brigou com a Eva e eu fui lá e mordi ele”. Perguntei se ela lembrava o que havia acontecido para que o menino brigasse com Eva e ela disse que não se lembra, apenas sabe da história porque a mãe contou. Falei que parecia que ela tinha mordido o menino para defender a irmã e perguntei se era isso, ela respondeu: “sim, é verdade. A Eva não tem amigos. Ela acaba virando amiga dos meus amigos”. Perguntei como ela se sentia em compartilhar os amigos com Eva e ela respondeu: “ah, eu não ligo, acho legal. Eu sei que ela vai tá comigo sempre”.

Ferreira (2020) aponta os conflitos entre irmãos gêmeos como um dos aspectos que motivam a decisão de colocar os cogêmeos em salas de aula diferentes. Além disso, percebe-se que o fato de Eva não construir laços de amizade com pessoas diferentes do círculo de amizades de Lia assegura a união entre ambas.

Ademais, em diversos fatos clínicos é possível perceber que Lia se colocava como quem toma as decisões pela dupla. Na sessão de triagem, no momento em que as terapeutas estavam se apresentando para as gêmeas e para a mãe, ocorreu o seguinte fato clínico:

“Lia disse: ‘eu sou a Lia e ela é a Eva’. Então, a mãe chamou atenção dizendo que não era para que Lia falasse por sua irmã”. Em outra situação, Lia conta sobre a escolha do tema de aniversário das duas: “Perguntei como aconteceu a escolha do tema e Lia respondeu: ‘foi eu que escolhi, a Eva não sabe escolher as coisas’”.

Por outro lado, Eva comenta sobre seu incômodo em relação à cogêmea:

Eva me contou que ela brinca criando histórias na cabeça e Lia gosta de controlar essas histórias, então ela precisa se adaptar a isso e prefere quando faz sozinha, que suas histórias fluem muito mais.

Essa diferença de percepção entre Lia e Eva é bastante interessante, pois transmite a ideia de que enquanto uma delas acredita que está tomando a frente na tentativa de dar suporte à cogêmea, a outra interpreta como controle. Esse movimento de Lia tentar dar suporte à irmã fica visível a partir do fato clínico a seguir:

Ao passar pelo corredor em direção à sala, Lia abraçou a irmã e foi caminhando como quem quisesse dar uma força para continuar andando. Chegando em frente a porta, Lia empurrou a cogêmea para dentro da sala dela e foi para a sua.

No caso de Biba e Nino, é possível perceber que há uma individualidade bem estabelecida, visto que não parece haver grandes questões relacionadas à dificuldade de respeitarem o espaço um do outro e/ou de se sentirem dependentes um do outro:

Pergunto então como era a dinâmica dela e do irmão na escola, dentro da sala, como ela se sentia com ele lá... Ela fala que tem parte que ela gosta e tem parte que não gosta, diz que eles ficam bem separados, mas que acha bom ter ele na mesma sala pois eles conseguem se ajudar nas tarefas de casa, que as vezes ela sabe de alguma coisa que ele não e vice versa e eles conseguem se ajudar e isso ela acha legal. Pergunto se ela se sente mal em algum momento na aula por ter o irmão presente, se isso traz alguma vergonha, algo assim. Ela diz que não, que nunca sentiu nada disso, que é bem tranquila a relação deles na sala. Fala “outro dia ele quase ficou na minha frente, porque sempre tem mudança dos alunos na sala, eles geralmente pegam gente que não conversa e troca de lugar com gente que está conversando muito, aí esse dia me colocaram atrás de um amigo meu, era para ser o Nino mas aí eu disse que não queria, porque eu acho estranho”. Pergunto o que é estranho, ela diz que é porque eles ficam em casa junto muito tempo já, se ficasse na escola também seria estranho.

Nesta subcategoria, notou-se que Maria Lia e Maria Eva tinham uma relação de proximidade e dependência bastante intensa, demonstrada pelos gostos parecidos e atividades realizadas em dupla. No entanto, foi observado que Maria Lia era relativamente mais independente que Maria Eva, pois tinha mais facilidade em fazer amizades, afirmava que se via diferente da irmã e se colocava como a líder da dupla. Com relação à Biba e Nino, a individualidade parecia estar bem estabelecida, pois não apresentavam problemas relacionados a uma relação estreita e dependente.

2.5.1.3 A presença de um terceiro

Na presente subcategoria, serão expostos fatos clínicos que ilustram os conflitos presentes nas relações triangulares. Freud (1924/1976) apresenta o conceito de complexo de Édipo para ilustrar como ocorre a constituição do sujeito, enfatizando a relação triangular

(figura paterna, materna e a criança) como sendo fundamental. No caso de gêmeos, Reis (2015) propõe pensar nessa triangulação de outras formas, começando pela relação mãe-gêmeo-cogêmeo.

A partir disso, é possível refletir sobre as relações triangulares das quais os gêmeos possam vivenciar ao longo da vida, haja vista que tais relações incluem o par gemelar e uma terceira pessoa (mãe, irmão ou irmã não-gemelar, amigos, entre outros).

Dentre os fatos clínicos detectados nos relatos de atendimento à Biba, foram selecionados alguns que, repetidas vezes, apresenta uma triangulação composta por gêmea-cogêmeo-irmão não gêmeo e denotam as nuances da relação fraterna:

Biba coloca também que Nino “sempre vai para os dois lados”, porque ele e Zequinha (irmão mais novo) quase sempre estão de um lado, enquanto ela está do outro. Pergunto a ela em que situações isso ocorre. Ela diz que essa do jogo é uma delas: “até pouco tempo, Nino estava junto com Zequinha, agora ele tá junto comigo, mas aí quando eu tô brava, por exemplo, ele vai e fica com o Zequinha e quando Zequinha está bravo, ele vem e fica comigo, mas a maioria das coisas ele faz junto com Zequinha”. Diz que atualmente, ela está dormindo junto com eles, pois está muito calor e no quarto deles tem ar-condicionado, e no dela não tem. Pergunto, então, se eles dormem juntos. Ela diz que sim, que sempre dormiram, e durante um tempo ela dormia também, mas isso já fazia um tempo que não acontecia, pois ela foi acumulando muitas roupas, coisas dela, então ela passou a ter um quarto separado. Eles, no entanto, dormem juntos e compartilham do mesmo guarda-roupa, inclusive tendo roupas iguais e pegando roupas um do outro. Pergunto como é isso. Ela diz: “minha mãe compra muitas roupas iguais para os dois, pois muitas vezes sai mais barato, aí eles até tem cada um a sua roupa, mas muitas são iguais. E também pegam tênis um do outro, roupa um do outro, essas coisas”. Eu digo “engraçado né, parece que eles que são gêmeos”. Ela concorda, e continua dizendo: “Então, e aí mudei de quarto porque fui tendo bastante roupa e não dava mais pra ficar com eles, mas agora aí eu estava em um quarto super grande, lá tinha ar condicionado, mas era muito grande, então eu mudei meu quarto para o closet, que era menorzinho, mas lá não tem ar condicionado, e eu não tô conseguindo dormir sem esses dias, aí tô indo dormir lá com eles. Mas aí o Nino não quer. O dia que fui, ele ficou mandando eu sair, mas eu já tinha conversado com o Zequinha e ele tinha deixado eu dormir lá, mas o Nino não gostou muito”.

A partir desse fato clínico, nota-se que Biba vivencia uma triangulação que inclui seu cogêmeo e o outro irmão. Nesse cenário, ela se coloca como a terceira excluída, visto que os irmãos compartilham o quarto e o armário de roupas, enquanto ela tem um quarto separado e se sente escolhida pelo cogêmeo apenas quando há algum conflito entre ele e Zequinha. Kaës

(2011) enfatiza que a relação entre irmãos está essencialmente ligada aos conflitos inconscientes e possibilita refletir sobre o modo de organização psíquica dos indivíduos que compõem o núcleo familiar diante de experiências que não incluem os pais, convidando a pensar no complexo fraterno de forma análoga ao complexo de Édipo e, portanto, não resumido à sua extensão ou deslocamento.

Nesse sentido, Reis (2015) menciona a relação fraterna aliada à noção de complexo de Édipo, haja vista os efeitos da entrada de um terceiro elemento na relação mãe-bebê: ciúme, inveja, agressividade e disputa por atenção. Para a autora, os gêmeos se sensibilizam em relação ao terceiro elemento de forma precoce, pois desde a vida intrauterina há a presença de um irmão. Além disso, apresenta a possibilidade de haver diferentes configurações de relações triangulares quando se trata de gêmeos: 1) pai-mãe-gêmeos; 2) gêmeo-cogêmeo-pais; 3) gêmeo-cogêmeo-mãe; 4) gêmeo-cogêmeo-pai. Nota-se que, de acordo com a autora, ora os gêmeos ocupam o mesmo vértice da relação triangular e os pais compõem os outros vértices de forma separada, ora os gêmeos ocupam vértices diferentes e o pai ou a mãe compõem o outro vértice.

Contudo, considerando que os laços fraternos se mostram imbricados à vivência do complexo fraterno, conforme indica Kaës (2011), é possível conjecturar, também, sobre a possibilidade de um dos vértices ser composto por um irmão que não esteja inserido no par gemelar: 1) gêmeo-cogêmeo-irmão; 2) gêmeos-mãe-irmão; 3) gêmeos-pai-irmão. Tal qual evidenciado no fato clínico que se segue, em que é possível perceber que Biba também se sente a terceira excluída quando a mãe faz parte da triangulação:

Retomo a fala dela, de dizer que ela estava acostumada a ficar mais com a mãe, pergunto como é isso para ela, como era para ela estar com a mãe boa parte do dia, pois como ela tinha dito, a mãe trabalhava em casa e ela acabava passando muito tempo com ela. Ela diz que vê que é muito importante, e que foi muito importante para o desenvolvimento deles, ainda mais por serem 3 irmãos, que essa presença dela ajudou muito, que ela ajuda muito. Cita o exemplo que nas lições de casa ela sempre ajuda, se eles têm alguma dúvida. Diz também que hoje ela dá um pouco mais de atenção para Zequinha, mas diz “eu entendo também, porque ele ainda é criança né, quer dizer eu e Nino também é criança, mas aí ele ainda é mais novo, então precisa dessa atenção a mais”. Falo: “é? E como você se sente com essa

atenção que ela dá a mais ao seu irmão?”. Ela diz que vê que ele precisa mais mesmo, que os irmãos muitas vezes precisam mais, porque fazem mais coisas erradas, “pisam mais na bola”, e ela pisa menos na bola.

Quanto aos fatos clínicos detectados nos relatos de atendimento ao Nino, com frequência ocorriam situações relacionadas ao sentimento de ser o terceiro excluído em relação à mãe.

Nino conta que há uma disparidade no tratamento da mãe com os irmãos. Nino diz que recebe pouca atenção da mãe, em relação a seus irmãos. “Pelo Zequinha ser mais novo e a Biba ter mais dificuldade na escola, mal tenho tempo com minha mãe” (sic). Ele relata que a mãe, no máximo, lhe dá parabéns por ter tirado uma nota boa. Pergunto se ele se sente injustiçado e ele afirma, com cabeça. Diz que entende, mas parece que ele faz tudo certo e não é reconhecido por isso.

Nino tenta justificar a questão de sentir que não recebe atenção da mãe como gostaria, mas deixa visível seu incômodo e o quanto se esforça, principalmente através dos estudos, para ser reconhecido por ela. Conforme Reis (2015) observou, mesmo havendo a capacidade de compreender que o cogêmeo também necessita de cuidados, há uma disputa para “ser a figura em destaque na situação triangular” (p. 98). Nesse caso, além da cogêmea, Zequinha também aparece como um rival em potencial, o que possibilita pensar nas seguintes configurações triangulares: gêmeo-cogêmea-mãe e gêmeo-mãe-irmão.

Curiosamente, os relatos de sessão mostraram que as falas de Nino traziam com muita frequência a presença de Zequinha, enquanto Biba, sua cogêmea, era mencionada com uma frequência irrisória. Por outro lado, Biba falava sobre seu cogêmeo em todas as suas sessões. Essa observação levanta questões sobre as especificidades do par gemelar que é composto por indivíduos do sexo oposto, pois, no caso de Nino e Biba, o gênero parece ser um fator que contribui para a união do menino com o irmão mais novo e, conseqüentemente, para o afastamento de Biba.

No caso de Maria Lia e Maria Eva, frequentemente os conflitos da relação triangular apareciam envolvendo os amigos da escola. Um fato interessante é que uma das amigas de Lia se chamava Eva, assim como sua cogêmea. A seguir, é possível observar os conflitos de uma

das relações triangulares de Lia:

Lia disse que está se irritando muito com a amiga Bruna, porque ela faz Eva (sua amiga) se afastar dela, pois a Bruna exclui Lia quando está junto da amiga Eva. Lia seguiu o assunto dizendo que não gosta quando Eva fica grudada na Bruna, pois ela não gosta de Bruna e sente ciúme quando elas estão juntas. Eu disse: “imagino que deve ser ruim ver sua amiga com alguém que você não gosta, mas por que você sente ciúme? Consegue me explicar?”. Ela respondeu: “é que elas sendo amigas, eu acabo ficando sem dupla”.

No entanto, também foram identificados fatos clínicos que evidenciam os conflitos da relação triangular envolvendo a mãe e o padrasto, o qual ambas chamavam de tio:

Eva conta que antes do seu tio (padrasto), dormia na mesma cama que sua mãe e sua irmã e que sente falta disso, pergunto se ela não dorme junto da irmã ainda, ela disse que sim, mas que sente falta de dormir com a mãe, e que vai ficar pra sempre junto de Lia. Perguntei “como assim vai estar sempre junto de Lia?” (me lembrei dela dizendo que não gostaria). Ela disse que desde o nascimento estão juntas, dividiram o mesmo útero, dividem o mesmo quarto e vai ser sempre assim. Perguntei se seria assim até quando adultas, e ela me disse que não sabe. Perguntei se ela gostaria e ela me disse que não, visto que Lia rouba sua coberta e também gostaria de decorar seu quarto do seu jeito. Disse a ela então que no futuro ela pode ter essa separação da irmã, e que atualmente ela pode encontrar maneiras de decorar o quarto da forma que gostaria. G2 concordou.

A partir desse fato clínico, pode-se pensar na configuração triangular em que as gêmeas ocupam o mesmo vértice: gêmeos-mãe-padrasto. Além disso, fica evidente a dificuldade de se separar da cogêmea.

Nesta subcategoria, na qual foram abordadas questões relacionadas à triangulação, verificou-se que no par Biba e Nino, havia momentos em que o terceiro vértice era a mãe e em outros o irmão mais novo. Quando a mãe participava da triangulação, as queixas pairavam sobre a disputa pela atenção da mãe. Quando o irmão mais novo participava da triangulação, as queixas eram sobre a sensação de exclusão da relação gemelar.

Por outro lado, embora Maria Lia e Maria Eva, estudassem em salas separadas, Eva se relacionava com as amigas de Lia. Nesse cenário, a triangulação se dava de forma intensa quando uma terceira pessoa aparecia como ameaça de interferir em uma dupla. Contudo, fatos clínicos envolvendo a mãe e o padrasto também foram apresentados. Lia e Eva demonstraram grande dificuldade em renunciar à relação triangular gêmea-cogêmea-mãe.

2.5.2 Transformações da adolescência

A adolescência é um período marcado por transformações biológicas, sociais e psicológicas que podem ser entendidas como específicas dessa fase, mas precisam ser pensadas em relação ao contexto social, cultural e os demais marcadores sociais (Outeiral, 2012b; Gomes, 2017; Moraes & Weinmann, 2020; Pierangeli, 2023).

Nesse cenário de transformações, o adolescente vivencia a complexa tarefa de conceber as mudanças no corpo, as novas perspectivas em relação à família, a necessidade de tomar decisões quanto ao futuro e se responsabilizar por elas, bem como começar a ser visto de forma diferente da infância (Winnicott, 1963/2022; Aberastury, 1981; Knobel, 1981; Ungar, 2009). Além disso, florescem as questões referentes à sexualidade (Freud, 1905/2016) e as crises de identidade (Erikson, 1976; 1998) que mobilizam o sujeito a encontrar novos grupos e preferências.

A presente categoria foi analisada e organizada em duas subcategorias: *luto pela infância perdida e reconhecimento/pertencimento*. Assim como na categoria anterior, segue-se a ordem de apresentação dos fatos clínicos vivenciados no atendimento psicoterapêutico a cada dupla de gêmeos.

2.5.2.1 Luto pela infância perdida

Nessa subcategoria, serão apresentados os fatos clínicos que ilustram a complexa tarefa de migrar da infância para a adolescência, sobretudo as dúvidas em relação ao que é apropriado/permitido ou não para essa fase. Erikson (1998) e Calligaris (2000) chamam de moratória o período que engloba tempo e trabalho de luto, aspectos que caracterizam o processo de crescimento na adolescência e propiciam uma insegurança quanto ao lugar que ocupam na

família e na sociedade. A dúvida que paira parece ser: agora que não sou mais o mesmo de antes, como me veem e como devo me portar?

O fato clínico a seguir ilustra os efeitos emocionais desse período da transição da vida infantil para a vida adulta:

Biba disse: “(...) a gente brinca ainda, coisa que a maioria não faz”. Perguntei se ela gosta de brincar e ela respondeu que sim, pois ainda acha muito divertido. (...) Perguntei se ela ainda se sentia como uma criança e ela respondeu que sim, apesar de saber que já é um pouco mais velha. Perguntei se ela gostava de ser criança. Biba respondeu que sim (...) e que as outras pessoas da sua idade não fazem mais muito isso, o que também faz ela e o irmão serem diferentes dos demais.

Vivenciar o luto pela infância é se despedir de diversos aspectos, inclusive alguns hábitos e preferências. No caso de Biba, a brincadeira aparece como uma marca da infância da qual se quer permanecer, pois ela expõe a ambivalência presente na percepção de si como alguém que cresceu. Nesse sentido, convém resgatar o que Knobel (1981) disse sobre a busca do adolescente em se refugiar no passado, haja vista a árdua experiência de construir sua identidade à medida que modificações internas e externas vão acontecendo.

A seguir um fato clínico que ilustra um marco do desmanche da imaginação infantil:

Biba disse que parou de acreditar no Papai Noel faz muito tempo, mas que até ano passado a mãe falava do Papai Noel. Pergunto quando ela parou de acreditar e ela respondeu que acha que com uns 7 anos, pois foi quando viu a mãe colocando os presentes de Natal dentro do box. Perguntei como tinha sido depois que ela descobriu e Nina respondeu que até os 10 anos, mais ou menos, ela e os irmãos fingiam que acreditavam. Perguntei por que fingiam e ela respondeu que é porque achavam que a mãe gostava que eles acreditassem no Papai Noel.

A partir desse fato clínico, é possível observar o que Aberastury (1981) chama de desidealização, um processo inerente à construção da identidade e que consiste no distanciamento do que foi vivenciado ao longo da infância, especialmente o modo como os adolescentes veem as figuras parentais. Esse movimento desperta nos pais a dificuldade de lidar com o crescimento dos filhos e intensificar o controle e autoridade, o que pode ser observado no fato clínico a seguir:

Biba utiliza muito a palavra “tipo” enquanto fala. Ela disse: “tipo, minha mãe fala muito para eu parar de falar *tipo*, mas tipo, todos nós tivemos uma fase acho... tipo... de falar *tipo* e minha mãe não gosta disso, ela diz que é feio ficar falando *tipo*”. Nesses momentos, sempre que ela dizia “tipo” ela colocava a mão na boca, às vezes pedindo desculpa. Eu disse para ela que não precisava se desculpar por isso e pergunto se ela achava feio falar “tipo”. Ela disse: “eu não ligo, mas sei que é errado não é?” (...) Perguntei se era ela mesmo que pensava isso ou se era algo que vinha direcionado da mãe como a questão da etiqueta na mesa, pois parecia que tinham muitas regras que Biba não via muito sentido, mas aceitava porque alguém disse que seria o certo. Ela respondeu: “é, é meio que isso, mas a da mesa eu até entendo, porque é de fazer ‘nunca, às vezes, sempre’”. Eu disse: “tá, você pode até entender, mas você concorda?”. Biba respondeu que muitas vezes não e que, às vezes, gostaria de dizer para a mãe como elas vivem em gerações muito diferentes e, por isso, tem certas coisas que se fazem agora, mas no tempo dela não existia, por exemplo, o uso de telas que ela gostaria de ter acesso por mais tempo.

Winnicott (1963/2022) entende que o adolescente é saudável quando conquista a capacidade de se ser si mesmo à medida que se responsabiliza por seus impulsos e escolhe preservar ou retificar os aprendizados transmitidos de geração em geração. A partir do fato clínico acima, é possível perceber a tentativa de Biba se apropriar de uma linguagem que faz parte do perfil adolescente e questionando a contrariedade da mãe em relação a isso. Além disso, Biba também menciona o incômodo relacionado à dificuldade da mãe de se atualizar, o que denota não só as questões da adolescência contemporânea, mas também as necessidades atuais de Biba.

Nino demonstrava um grande interesse em ter um celular, mas sua mãe não permitia. Ao longo das sessões, Nino criava diversas justificativas para compreender as regras de sua e, assim, tentar lidar com o dilema de não ter o que ele gostaria.

Nino relata: “sei que as pessoas da minha idade não podem ter acesso a isso, que é prejudicial”. Em seguida, lhe perguntei o que ele acha que as crianças de 12 anos deveriam fazer. Ele me respondeu vagamente: “brincar, jogar bola, fazer algum esporte e estudar”.

A partir desse fato clínico, é possível perceber a preocupação de Nino com a possibilidade de se prejudicar por ter um celular, o que faz sentido para as discussões contemporâneas a respeito do uso excessivo de telas. Contudo, abre-se uma questão acerca do que é esperado para quem tem 12 anos de idade, como se houvesse um protocolo que

especifique e determine os deveres de determinada faixa etária. Gomes (2017) e Matheus (2020) discutem sobre a ideia de conceber a vida humana dividida em períodos conforme a idade, o que corrobora para a atribuição de características que estabelecem uma norma para cada período.

Conforme Calligaris (2000), Moraes e Weinmann (2020) e Pierangeli (2023) apontam, é fundamental considerar a cultura e a sociedade na qual o adolescente está inserido para compreender suas manifestações. No caso de Nino, o uso do celular pode ser interpretado como um marco para a entrada na adolescência, pois é uma questão contemporânea refletir sobre quando os responsáveis devem permitir o uso de tecnologias e redes sociais, bem como a forma mais adequada para monitorar esse uso.

Com Biba é possível perceber os efeitos dessa normatização da adolescência quando ela apresenta questões relacionadas ao uso de maquiagem, o que também tem relação com o que é esperado do gênero feminino:

Perguntei para Biba como era isso de maquiagens para ela. Biba disse que não gosta muito e a mãe também fala que faz mal, estraga a pele e ela não precisa. Biba diz que concorda e acha que faz mal mesmo, além dela ser nova para isso. Perguntei se tem momentos em que ela passa maquiagem e ela respondeu que sim, quando tem uma festa, por exemplo, em lugares chiques, ou em ocasiões especiais. (...) Perguntei se as amigas usam maquiagem sempre e ela disse que sim, que elas usam todo dia para ir para escola e ela não entendia o motivo, além de achar que vai ter que passar a vida toda fazendo maquiagem e, por isso, não precisa ter pressa de usar agora. Perguntei: “quando for adulta, você acha que vai ter que usar maquiagem sempre?”. Biba disse que sim, “que toda mulher quando fica adulta tem que passar maquiagem, então eu acho que vou ter que usar sempre”. Então, perguntei: “as mulheres adultas que você conhece usam maquiagem?”. Ela respondeu: “minha mãe usa, usa sempre. Quando ela tá em casa ela não usa, mas quando vai sair ela sempre passa maquiagem para esconder as imperfeições”.

Levy (2021) comenta sobre a angústia e estranheza sentida pelo adolescente em relação ao próprio corpo, haja vista a necessidade de lidar com as modificações que escancaram a despedida da infância e assimilar que esse corpo é próprio do sujeito. Assim, o autor destaca as experiências destrutivas para ilustrar a compreensão de que o corpo se mostra como um terreno

fértil para os rituais de passagem. Contudo, é possível pensar o corpo como via para os rituais de passagem através da estética, que no caso de Biba está ligada ao uso de maquiagem.

A seguir, é notável que uso de maquiagem, associado ao dilema da adolescência, também aparece em um fato clínico no atendimento com Maria Lia:

No último final de semana aconteceu a crisma dela e de Maria Eva e elas queriam fazer uma “maquiagem leve”, mas a madrinha e a mãe não deixaram porque “não pode ir de maquiagem na igreja”. Lia disse com um certo tom de injustiça: “chegamos lá e tava todo mundo de maquiagem, até minha catequista, até o padre se duvidar... todo mundo de maquiagem menos eu e a Eva”. Ela tentou falar para a mãe a madrinha que podia fazer “maquiagem leve”, mas elas não deixaram mesmo assim.

Com esse fato clínico, para além de conceber a ideia de passagem da infância para a adolescência, também é possível refletir acerca da importância de se sentir pertencente ao grupo. Quando Lia fala sobre todo mundo estar de maquiagem menos ela e a cogêmea, manifesta-se a sensação de estar impedida de fazer parte do grupo. Knobel (1981) aponta a tendência grupal como um dos aspectos que se manifestam na adolescência, entendendo que a identificação com as pessoas do grupo culmina em uma certa sensação de segurança ao se distanciar do que diz respeito ao núcleo familiar.

Aberastury (1981) afirma que viver a adolescência é experienciar um processo de luto à medida que caminha em direção à identidade adulta. O sentimento de medo pode caminhar ao lado desse processo e se manifestar como uma resistência ao crescimento:

Lia falou: “que tal a gente desenhar enquanto conversa? Eu faço isso na escola, converso enquanto estudo”. Na sala havia uma mesa maior com duas cadeiras e uma mesa infantil com um banquinho. Lia preferiu sentar no banquinho e desenhar na mesa infantil.

Essa dificuldade também apareceu nos atendimentos de Eva, quando ela demonstra certa ambiguidade quanto ao modo como se reconhece:

Perguntei: “então você não se vê como adolescente?”. Ela disse: “é mesmo, eu sou meio a meio”. Eu pedi para ela me explicar o que é ser meio a meio. Então, ela me disse que às vezes era mais criança e às vezes adolescente. Então, pedi para Eva me contar quando era criança e quando era adolescente. Ela disse que seu jeito é mais de criança e seus gostos por animes e gatchas caracterizam mais adolescentes, embora também sejam para crianças.

Tal fato clínico ilustra o período de transição que compreende a adolescência e coincide com o pensamento de Calligaris (2000) sobre vivenciar a sensação de um lugar indefinido. Essa dúvida é apresentada por Lia no fato clínico a seguir:

Logo em seguida, contou que ela e a irmã ficam brincando de inventar anime, já que estão de castigo e não podem mexer no celular ou assistir televisão. Porém, a mãe comenta que essa brincadeira “é coisa de criança” e Lia reivindica: “aí eu não entendo, mexer no celular e assistir TV não pode, a brincadeira ela não gosta porque parece de criança! Vamo fazer o que então?”.

Outro ponto importante, foram os fatos clínicos relacionados à sexualidade, que Sardagna et al. (2024) identificou como um dos assuntos proeminentes no atendimento psicanalítico com adolescentes. Freud (1905/2016) elucida que a puberdade traz consigo a retomada da investigação sexual da primeira infância e, portanto, a reedição do complexo de Édipo. Portanto, atendendo à moralidade que prega a barreira do incesto, deve ocorrer a busca por um novo objeto de amor que reúna o amor erótico e o fraterno. No entanto, conforme aponta Erikson (1976) e Calligaris (2000), o adolescente é impelido a esperar devido a sua condição de amadurecimento.

Lia estava tentando lembrar o nome de um menino de sua sala de aula que está gostando de uma menina da sala que ela também não lembrava o nome. Enquanto ela tentava lembrar, a mãe disse: “desde que não seja você”. (...) Sônia relatou que explicou para as filhas que elas são muito novas para namorar e até mudou elas de escola, porque na antiga escola as pessoas eram muito “pra frente”.

Freud (1905/2016) diz que, no período de latência, em decorrência do adiamento da função reprodutiva, são manifestadas formações reativas como o nojo, a vergonha e a moral. Considerando a idade dos gêmeos participantes dessa pesquisa, entende-se que estão vivenciando o início da adolescência e, de certa forma, a saída do período de latência. Essa observação é ilustrada pelos fatos clínicos a seguir:

Biba disse: “ficam me *shippando* e eu me irrita muito com isso, porque não quero nada com ninguém, aí fico muito irritada com isso. E tenho amigos homens também, aí ficam *shippando* e *shippando* os outros também, isso me irrita! Mas na minha sala até que não tem muito *ship*, na outra sala tem mais”. Eu perguntei: “Nossa, mas por que será que te irrita tanto assim, se você mesmo disse que não tem interesse nessas coisas?”. Biba respondeu: “não sei, mas tenho nojo”. Eu perguntei: “Nojo? Por quê?”. Biba respondeu: “Ah, porque não tô na idade de pensar nessas coisas né? Criança não é para ficar

pensando nisso”. Eu disse: “mas você pensa né? Se você diz que suas séries favoritas são de romance, alguma coisa aí você acha legal né?”. Biba respondeu: “É... talvez, não sei bem”.

Convém mencionar que “shippar” é um termo usado pelos adolescentes atualmente para se referir ao ato de formar casais. Então, diante de um par, geralmente composto por um menino e uma menina devido à cultura que normaliza a relação heterossexual, os adolescentes fantasiam a possibilidade de que formem um par amoroso. Assim como Biba, Lia também comenta sobre esse costume no grupo dos adolescentes do qual faz parte e demonstra uma certa agressividade:

Contou sorrindo e um pouco envergonhada que tem um menino novo na sala chamado Marcos e estão “shippando” eles dois. Perguntei o que era shippar, mesmo já sabendo, e ela respondeu que é “ficar zoando” e isso dá vontade de bater em todo mundo.

Nesse cenário de transformação e exploração da sexualidade, surgem dúvidas referentes ao corpo e diferença entre os sexos. Tais questões podem ser observadas no fato clínico a seguir:

Lia falou que tem uma amiga que desenha bem e está ensinando ela a desenhar menino, porque ela já sabe desenhar menina. Perguntei qual era a diferença entre desenhar menino e menina e ela respondeu: “menina é mais fácil, menino é mais reto, menina tem mais detalhe, tem mais coisas... eu não sei colocar roupa em menino, aí tem que fazer corpo primeiro e depois a roupa... e menino tem que fazer primeiro o corpo e depois a cabeça, porque senão a cabeça pode ficar maior que o corpo”.

Knobel (1981) fala sobre a intelectualização e a fantasia como saídas necessárias para o adolescente diante das transformações internas e imposições externas que culminam em duras perdas nessa fase. O autor menciona que a identidade adolescente é marcada por oscilações que causam angústia e “obrigam a um refúgio interior” (p. 39).

Embora Lia recusasse de forma consciente as brincadeiras de formar um casal, internamente ela fantasiava sua vida amorosa:

Lia contou que tem quatro maridos e cinco namorados: os personagens de anime e os cantores do BTS. Perguntei como era namorar personagens, já que ela não os via e eles não a conhecem. Ela respondeu que imagina tudo na cabeça dela: “imagino a gente entrando de mão dada no restaurante, sentando juntos, comendo”. Falei que percebia que ela achava mais fácil lidar com os maridos da imaginação ao invés dos meninos da escola e perguntei se era isso mesmo. Lia ficou me olhando, sorrindo e balançando a cabeça com um sim.

Knobel (1981) diz que “o amor apaixonado é também um fenômeno que adquire características singulares na adolescência” (p. 45), pois se manifesta como uma experiência intensa de idealização, o que impossibilita sua concretização. Isso pode ser observado no fato de Lia se dizer namorada, casada e apaixonada por personagens, atores e cantores que ela sequer terá algum contato.

Os fatos clínicos em que Lia e Eva falavam a respeito do “apaixonar-se” pelos personagens e artistas que acompanhavam foram frequentes, demonstrando a intensidade da recusa à possibilidade de pensar sobre a aproximação da sexualidade adulta. Além disso, relacionado ao crescimento das gêmeas, também foram identificados fatos clínicos acerca da dificuldade de se separar da mãe, especialmente quando ela fala sobre o relacionamento com o padrasto delas:

Sônia disse: “elas precisam entender que elas já estão grandes, não cabe mais nós três na mesma cama e eu tenho marido”. Olhando pra filha, ela disse: “preciso ficar com o tio”. Lia cruzou os braços e com uma voz mais infantilizada disse: “mas a gente quer dormir com você! Cabe sim, o tio dorme lá sozinho, ué!”. A mãe disse: (...) “você gostam do tio mesmo? Porque vocês falam que gostam, mas eu não vejo isso. Tudo bem que ele tem um jeito mais grosseirão, na dele, mas ele tem um bom coração, faz um monte de coisa por vocês”. Lia respondeu: “não é que a gente não gosta, a gente gosta, mas a gente não quer dividir nossa mãe”. A mãe disse: “mas vocês precisam entender que ninguém toma o lugar de vocês. Se for pra falar em ordem de que eu amo mais, primeiro eu amo Deus, depois eu mesma, depois vem vocês... o tio tá lá em último (...)”. Lia disse: “vem eu e a Eva junto? quem vem antes de quem?”. A mãe respondeu: “eu amo as duas do mesmo jeito”.

Retomando o que Freud (1905/2016) disse sobre a reedição do complexo de Édipo e a escolha de um novo objeto amoroso, nota-se que Lia se esforça para manter a mãe como objeto amoroso, bem como manter a relação triangular gêmea-cogêmea-mãe.

Quanto à Biba, essa dificuldade também aparece quando ela diz sobre seu interesse em assistir doramas (séries de origem coreana marcadas pelo gênero romântico):

Biba disse: “(...) às vezes eu quero ver algo na TV, por exemplo, minhas séries e tal. Aí, quando eu tô vendo, ela passa e fala ‘nossa, você só vê isso agora, né? só fica assistindo essas séries. (...) Eu gosto de ver doramas e muitas vezes tem um romance envolvido e

acho que minha mãe fica pensando que é só isso, é só coisa de namoro como ela fala, mas não é só isso, tem outras coisas também”. Eu perguntei: “O que mais que tem?”. Ela respondeu: “Ah, é engraçado e, muitas vezes, é sobre adolescentes. Aí, tem drama, tem comédia... agora eu tô vendo um que é bem legal e tem um casal lá, aí acho que minha mãe pensa que é só isso e não gosta muito”. Perguntei: “e você acha que sua mãe tem medo de vocês verem esses namoros?”. Biba respondeu: “não, não, não (fez uma cara de nojo) credo! A gente não gosta dessas coisas!”.

Mesmo se interessando pelos enredos amorosos, Biba reitera suas dificuldades e temores em pensar sobre o assunto ao dizer que tem nojo e se apoia na resistência da mãe em vê-la crescer e se interessar por assuntos de adolescentes. Portanto, fica evidente o conflito em aceitar ou não aceitar o que há de vir nos possíveis relacionamentos amorosos atuais e/ou futuros. Assim, de certa maneira, tais fatos clínicos sinalizam a dificuldade em se despedir da infância e vivenciar a adolescência.

Os fatos clínicos expostos na presente categoria demonstram, de certa forma, os novos desafios e vivências emocionais ao longo da adolescência, especialmente relacionados aos aspectos que marcam os novos ritos de passagem para a adolescência e o árduo processo de abdicar dos preceitos familiares. Ademais, vê-se a manutenção do cogêmeo como parte da relação primordial infantil (gêmeo-cogêmeo-mãe), o que denota certa dificuldade em se separar também do irmão gêmeo. Além disso, nota-se o dilema ambíguo dos cuidadores, que desejam que os filhos cresçam, mas demonstram as dificuldades em reconhecer e aceitar esse processo.

A partir das análises relativas à categoria *transformações da adolescência*, foi possível constatar especialmente na primeira subcategoria – nomeada como *luto pela infância perdida* – as dificuldades de ambos os pares de gêmeos em vivenciar a passagem da vida infantil para a vida adulta. Embora manifestassem a concepção de que já não eram mais tão crianças como antes, Biba e Nino se sentiam excluídos do mundo adolescente por serem os únicos a não terem celular, objeto do qual os amigos da escola tinham e faziam uso livremente. Outro ponto importante é a marca do crescimento através das transformações da imagem, como o uso de maquiagem e corte de cabelo, coisas das quais Biba e Nino eram cerceados. Lia e Eva também

apresentaram questões relacionadas ao uso de maquiagem, demonstrando certa revolta em não serem permitidas de usar.

Contudo, percebe-se a ambivalência dessa transição, pois, ao mesmo tempo que ambos os pares reivindicavam o reconhecimento de seu crescimento, também se escondiam atrás do medo de crescer. Lia e Eva afirmavam que não se viam como adolescentes e se refugiavam nas fantasias amorosas com seus ídolos idealizados, enquanto Biba recusava a possibilidade de aceitar as brincadeiras que os colegas de classe faziam referente à formação de casais.

2.5.2.2 Reconhecimento/pertencimento

À medida que o amadurecimento avança, o adolescente aproxima cada vez mais das características de um adulto, tanto pelas mudanças no corpo, como pelas preferências, que não são mais tão infantis, e as manifestações da sexualidade. Calligaris (2000) aborda a sensação de indefinição de si como efeito dessas experiências de mudanças, sobretudo porque os pais demonstram uma espécie de recusa em ver os filhos crescendo. A partir disso, a busca por uma nova identidade mobiliza o adolescente a experimentar papéis sob a condição de liberdade advinda dos pais, os quais precisam exercer a função de apoio (Winnicott, 1968/2021; Erikson, 1976; Aberastury, 1981; Ungar, 2009). Além disso, Knobel (1981) chama atenção para a tendência a formar e/ou participar de grupos, a qual consiste na identificação intensa entre pares e uma saída para a construção de uma identidade diferente ou até mesmo oposta aos preceitos familiares.

No fato clínico a seguir, Lia ilustra a estranheza vivida pela família diante desse contexto de transformações e apropriação de uma nova identidade:

Lia disse: “O povo da minha família fica falando do jeito que eu ando, do jeito que eu como, do jeito que eu falo, da roupa que eu visto. Nunca tá bom. E minha mãe concorda com eles”. Falei: “nossa! Mais uma vez parece que você fica sozinha, né? No jogo de basquete você saiu porque precisava sair uma pessoa, e nesses comentários da sua

família você também fica sozinha, do lado que não concorda com os comentários. O que a Eva acha desses comentários?”. Lia respondeu: “não acha nada, ela não fala nada! E geralmente esses comentários são pra mim”. Eu respondi: “nossa... parece ruim sentir que não tem ninguém para te defender, não conseguir se defender sozinha”. Ela respondeu: “é uma injustiça!”.

Conforme aponta Aberastury (1981), o afastamento do que foi construído ao longo da infância escancara a passagem do tempo, o crescimento da prole e a conquista progressiva da independência, culminando na negação dos pais e/ou familiares diante da sensação de perda de controle sobre seus descendentes. De acordo com o fato clínico anterior, Lia parece se sentir irreconhecível para a família, que faz comentários sobre o modo como ela tem se colocado. Além disso, é possível perceber que, do ponto de vista adolescente, há o conflito em ocupar esse lugar de independência, cujos efeitos podem ser as sensações de incompreensão, falta de reconhecimento e solidão.

Em outro fato clínico, Lia fala sobre ter cortado a franja, uma atitude bastante recorrente entre meninas na fase da adolescência:

Perguntei: “você gostou?”. Lia balançou a cabeça com um sim e respondeu: “sempre pedi pra minha mãe fazer, mas ela sempre falava que depois fazia, depois fazia, depois fazia e nunca fazia! Aí, ontem ela resolveu fazer, pegou a tesoura e ela mesmo que cortou”. Falei que combinou muito com ela e que eu achei que ela tinha ficado muito bonita. Ela agradeceu com certa timidez e disse: “agora vão me perceber! Às vezes filmam a gente na escola e passa na TV, agora vão me perceber na TV”. Perguntei: “por que? Você acha que não te percebem?”. Ela respondeu: “é porque agora eu tenho franja e a Eva não tem”. Falei: “ahhh, a franja diferencia vocês agora, né? Acha que por serem gêmeas ninguém te percebe?”. Ela respondeu: “percebe, mas confunde”.

As mudanças no corpo do adolescente acontecem naturalmente e são as manifestações mais nítidas para os adultos. No entanto, mudanças estéticas podem ser realizadas a partir do próprio desejo do adolescente, como um corte e/ou pintura no cabelo, uso de maquiagens e acessórios, tatuagens, entre outros. Levy (2021) diz que o uso do corpo como entrada na adolescência é constituído por práticas que proporcionam a sensação de propriedade sobre esse corpo com novidades estranhas. Para além disso, é possível perceber que Lia se utiliza dessa mudança também para se diferenciar da cogêmea, mencionando a dificuldade que as pessoas

têm em reconhecer quem é ela e quem é Eva. À vista disso, é possível resgatar o que Reis et al. (2018) disseram sobre o processo de individualização em gêmeos ocorrer de forma mais intensa no período da adolescência, visto que as escolhas e preferências de cada cogêmeo caminham pelo reconhecimento da própria identidade.

Diante do quesito pertencimento, Eva expressa certa insatisfação:

Perguntei se Eva costumava sair com os amigos para além da escola. Ela disse que não, pois gostava de ficar em casa, em seu quarto vendo anime e dorama. Eva completou dizendo que só os animes entendiam ela (...). Perguntei: “como assim só os animes te entendem?”. Ela respondeu que as histórias que acontecem se assemelham à sua vida, então ela consegue trazer esses pontos para lidar com sua própria vida.

Knobel (1981) disserta sobre a importância da tendência grupal na fase da adolescência, pois “o grupo constitui assim a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta” (p.37). Diante do fato clínico selecionado no caso de Eva, é possível perceber que ela não se sente pertencente a nenhum grupo, se mantendo reclusa e bem acompanhada pelos programas de TV que mais gosta.

Com Nino, nota-se o desejo de realizar modificações estéticas com a finalidade de se sentir reconhecido pelos amigos, mas também há um impasse:

Nino disse que gostaria de cortar o cabelo para se sentir mais acolhido e mostrar para seus amigos. Conclui dizendo que justamente por ser o corte que está na moda, sua mãe está enrolando e que tem certeza de que quando entrar de férias ela vai fazer os irmãos cortarem o cabelo, somente para não mostrar a ninguém, pois estarão de férias. Nino disse que pede pelo menos uma vez por semana e a mãe desconversa, inventando desculpas e compromissos falsos toda vez.

O mesmo impasse aparece no fato clínico a seguir:

Sobre os amigos da escola, Nino diz que se sente deslocado algumas vezes com eles, pois, devido a sua mãe lhe barrar o acesso às tecnologias, como o celular e a televisão, ele relata não conseguir interagir com os assuntos derivados dessas tecnologias e afirma: “me sinto excluído”.

Biba, cogêmea de Nino, também parece vivenciar esse sentimento de exclusão e não pressentimento ao grupo de amigas da escola:

Biba disse: “Dizem que eu me acho, que sou exibida, que sou chata”. Eu perguntei: “Por que você acha que elas falam essas coisas?”. Ela respondeu: “Porque eu sou diferente. Eu e meus irmãos somos diferentes, é isso”. Eu perguntei: “Vocês são diferentes como?”. Biba respondeu: “Ah, tipo, a gente não vê TV, não temos celular”. Perguntei: “É apenas isso que fazem de vocês diferentes?”. Biba respondeu: “Não, não.. é que essas meninas todas tem a mochila tal. Eu e meus irmãos não andamos com mochila de marca, (...) mas vejo que isso não tem importância, não importa se elas tem a bolsa tal. Eu sou eu, é isso que eu sou, não sou igual a elas e também não quero ser igual, eu não preciso dessas coisas. (...) Eu disse: “Entendo, mas como você se sente ao ver essas meninas com as bolsas de marca, usando maquiagem e você não?”. Biba respondeu: “às vezes vezes eu queria ter também, mas não sempre, minha mãe vê que não precisa dessas coisas”.

Diante desses fatos clínicos, nota-se o quanto Nino não se sente parte do grupo de amigos da sua idade, pois parece ser impedido de modificar seu visual e de utilizar os recursos tecnológicos da atualidade. Aberastury (1981) fala sobre o sentimento de desvalorização e rejeição que podem advir do não reconhecimento dos pais acerca das conquistas dos filhos. Nesse caso, pode-se entender como conquista o fato de Nino estar seguindo o fluxo comum do amadurecimento e buscando construir sua identidade através dos grupos que participa. Para isso, com base em Winnicott (1968/2021), faz-se necessário que os pais sustentem as experimentações que seus descendentes fazem em direção à identidade adulta. Tal consideração não sugere que sejam permitidas todas as demandas do adolescente, mas que haja uma “liberdade com limites” (Aberastury, 1981, p. 22), que permita o acolhimento das necessidades dos filhos sob a condição de que os responsáveis assegurem a viabilidade.

Com Biba, também é possível perceber certo conflito em relação à liberdade cerceada pelos pais:

Volta a dizer sobre a irritação dela quanto às séries, pois os pais não queriam que ela visse. Então, disseram que ela poderia ver apenas um episódio dessa série e depois teria que escolher outra coisa para ver. Eu questionei se essa outra coisa ela teria liberdade para escolher. Ela respondeu que poderia ser qualquer coisa, desde que não fosse aquele tipo de série. Perguntei qual era o tipo da série e ela respondeu tem tinha vergonha de dizer, pois tem assuntos na série que são errados. Perguntei: “Errados? Você acha errado?”. Ela respondeu que “mais ou menos”, pois como ninguém da família gostava, ela achava isso.

Outro ponto possível de observar no fato clínico acima é o conflito entre certo e errado com base na percepção dos pais sobre os diversos temas, conceitos e/ou crenças. Levando em conta o desenvolvimento de uma nova identidade, o adolescente prossegue seu amadurecimento à medida que questiona o que aprendeu durante a infância com sua família (Erikson, 1976). No entanto, Biba também exprime o senso de pertencimento quando se coloca como alguém que procura agir de forma semelhante aos seus pais.

Nesta última subcategoria analisada, foi possível refletir sobre algumas dificuldades vivenciadas apresentadas pelos pais em reconhecer o crescimento de sua prole, culminando com o sentimento de rejeição e falta de reconhecimento do ponto de vista dos adolescentes. Além disso, foram apresentados fatos clínicos que evidenciam a necessidade do adolescente de fazer parte de grupos para se sentir reconhecido e pertencente, haja vista a desorganização que as transformações desse período da vida causam.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como as transformações causadas pelo processo de amadurecimento, o percurso de construção da presente pesquisa resultou em múltiplos efeitos transformadores, os quais peço permissão aos leitores para comunicar em primeira pessoa, de forma singular. Minhas inquietações permitiram sustentar o desejo que mobilizou todo o trabalho e encarar os desafios decorrentes das leituras, atendimentos e supervisões, contribuindo para as transformações na minha identidade de pesquisadora, psicóloga clínica e pessoa em constante amadurecimento. Além disso, o contato com as experiências de gêmeos me mostrou a intensa intimidade entre a constituição de si mesmo e as relações familiares, especialmente a relação entre irmãos. Eu, como filha única, me aprofundei nas relações fraternas e descobri o quão rico pode ser o vínculo entre irmãos, mesmo diante de conflitos.

Ao finalizar a condução da pesquisa e redação dessa dissertação, foi possível verificar o alcance dos objetivos propostos ao investigar questões afetivo-emocionais de adolescentes atendidos em psicoterapia breve psicanalítica. Ademais, convém destacar que, um dos importantes aspectos do estudo, consistiu em possibilitar que cada adolescente pudesse discorrer sobre suas próprias vivências e descrever a respectiva adolescência de acordo com o seu ponto de vista.

A partir do primeiro capítulo, foi possível constatar que existem especificidades inerentes à experiência gemelar, tanto para os próprios indivíduos do par de gêmeos, como para as gestantes, mães e demais familiares. Além disso, considerando os fatos clínicos relacionados à aprendizagem e os trabalhos mencionados que abordam questões escolares, vê-se a importância de estender ao campo da educação as discussões sobre aspectos da gemelaridade. Nesse sentido, o capítulo discorre sobre a relação mãe-bebê-cogêmeo, a relação fraterna, o desenvolvimento emocional e psíquico e o processo de identificação e construção de identidade.

No segundo, a finalidade era discorrer sobre a adolescência, que é um fenômeno psicossocial que acontece a partir da emergência da puberdade e é visto usualmente de forma pejorativa. Portanto, foram apresentadas diversas concepções acerca da definição da adolescência, incluindo a concepção histórica que compreende a construção social e política dos períodos da vida. Desse modo, reitero a relevância de compreender a adolescência atrelada não só às transformações biológicas, mas também ao contexto social, cultural e contemporâneo.

De modo geral, as transformações vivenciadas nessa fase da vida são entendidas como marcas da passagem da vida infantil para a vida adulta e são vivenciadas de forma conflituosa, produzindo efeitos no próprio adolescente, na família e na sociedade. O corpo se mostra como um emaranhado de mudanças que precisam ser apropriadas e elaboradas psiquicamente, sobretudo à medida que se elabora o luto pelas concepções infantis (imagem de si, dos pais e do mundo). Nesse cenário, o adolescente busca recursos para construir uma nova identidade: rituais de passagem, experimentação de papéis, novas identificações, pertencimento a grupos, entre outros. Ademais, chamo atenção para a importância de os adolescentes obterem apoio dos cuidadores e demais familiares.

Quanto à busca por uma nova identidade, a literatura psicanalítica relativa ao complexo de Édipo foi crucial para refletir sobre a constituição psíquica e o processo de identificação com as figuras parentais, que se reatualiza na adolescência, reaviva a sexualidade e impele a busca por um novo objeto amoroso. Essa busca remete à separação das figuras primordiais – constituintes da relação triangular (figura materna-figura paterna-criança) – e a preparação para o exercício da sexualidade adulta. Dessa forma, foram levantadas questões acerca de como se dá adolescência em caso de irmãos gêmeos, visto que há uma relação triangular precoce (mãe-gêmeo-cogêmeo) que marca a necessidade de lidar com uma dupla separação.

Participaram da pesquisa dois pares de gêmeos, os quais foram apresentados com nomes fictícios: Maria Lia e Maria Eva (13 anos), Nino e Biba (12 anos). De modo geral, foi notável

a existência de questões semelhantes em ambos os pares de gêmeos, considerando as especificidades da gemelaridade e as questões da adolescência. Esses resultados corroboram com os dados obtidos na literatura. No entanto, também foi possível perceber diferenças que podem estar relacionadas ao sexo, gênero e zigosidade. Tais diferenças poderiam ser observadas em estudos posteriores, que porventura sejam realizados visando o aprofundamento de pesquisas sobre a temática.

Ressalta-se, também, que a partir da análise dos fatos clínicos detectados na presente pesquisa, foi possível constatar diversos sentimentos vivenciados pelos respectivos gêmeos, especialmente no que tange às questões relativas à *relação fraterna* e às *transformações da adolescência*. Além disso, chama-se atenção para a necessidade de fornecer um espaço para que os gemelares sejam ouvidos em sua individualidade e, nesse caso, especialmente os que estão vivendo as turbulências da adolescência e necessitam de apoio para a construção de uma nova identidade.

À vista disso, espera-se que esse estudo contribua não só para os gêmeos que buscam informações sobre a gemelaridade, mas também para pais/familiares e a população geral, pois é notória suas dificuldades em lidar com a adolescência de seus filhos. Em se tratando de gêmeos, ressalta-se que há uma complexidade maior ao atravessar o período da adolescência, haja vista a vivência do processo de separação e individualização não apenas em relação aos pais, mas também dos cogêmeos. Ademais, reitera-se a importância dos psicoterapeutas se atentarem ao tratamento psicoterapêutico com gêmeos adolescentes, pois a gemelaridade é um aspecto significativo para compreender a constituição psíquica desses indivíduos, bem como para compreender o modo com experienciam a adolescência.

Nesse sentido, convém ressaltar a extrema necessidade de estudos científicos que disseminem informações sobre as especificidades de atendimento aos gêmeos. Assim, visando otimizar a oferta de atendimentos especializados que permitam a prevenção e a elaboração das

questões afetivo-emocionais que permeiam o universo da gemelaridade.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A. P., & Naffah Neto, A. (Orgs.) (2020). *A pesquisa em psicanálise na universidade: um enfoque no método por meio de exemplos*. São Paulo: EDUC.
- Aberastury, A. (1981). O adolescente e a liberdade. Em *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico* (p. 13–23). Porto Alegre: Artmed.
- Bakker, P. (1987). Autonomous Languages of Twins. *Acta Geneticae Medicae et Gemellologiae: Twin Research*, 36(2), 233–238. doi:10.1017/S0001566000004463
- Barbetta, N. L., Panhoca, I. & Zanolli, M. D. L. (2008). Gêmeos monozigóticos: Revelações do discurso familiar. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 13(3), 267–271. doi: 10.1590/S1516-80342008000300011
- Barbetta, N. L. & Panhoca, I. (2019). Desenvolvimento de gêmeos monozigóticos: linguagem e outras especificidades. *Estudos da Língua(gem)*, 17(1), 93-107. doi: 10.22481/el.v17i1.5315
- Beiguelman, B. (2004). *O estudo de gêmeos*.
- Berlfein, E. S., Gaspari, R., Gomel, S., Matus, S., Moscona, S. & Sternbach, S. (2023). *Entre Hermanos: Sentido y efectos del vínculo fraterno*. Ediciones Conjunto. Buenos Aires: Ediciones Conjunto.
- Brandão, F. I. B. (2017). *Orientação sexual de gêmeos no Norte do Brasil*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual do Pará, Belém.
- Calligaris, C. (2000). *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Cangueiro, L. (2019). *Especificidades na constituição psíquica de gêmeos: um estudo exploratório* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. doi: 0.11606/D.47.2019.tde-25062019-152451
- Cardoso-dos-Santos, A. C., Boquett, J., Oliveira, M. Z. D., Callegari-Jacques, S. M., Barbian, M. H., Sanseverino, M. T. V. & Schuler-Faccini, L. (2018). Twin Peaks: A spatial and temporal study of twinning rates in Brazil. *PLoS ONE*, 13(7), 1-14. doi: 10.1371/journal.pone.0200885
- Carneiro, S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.
- Carvalho, L. Q. D. (Org.) (2021). *Literatura e educação: diálogos plurais*. Vitória, ES: Edifes Acadêmico. <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/1210>
- Casseb, A. (2024). Parceria e turbulência na análise de adolescentes: upgrade e download. In *A turbulência adolescente: Estudos psicanalíticos* (25-48). São Paulo: Blucher.

- Cassorla, R. (Org.). (2024). *A turbulência adolescente: Estudos psicanalíticos*. São Paulo: Blucher.
- Castro, C. L. & Reis, M. E. B. T. (2023). Gestante com deficiência auditiva em internação hospitalar: desafios da escuta psicanalítica. *Mudanças*, 31(2), 89-97. doi:10.15603/2176-0985/mu.v31n2p89-97
- Cavalcante, L. T. C., & Oliveira, A. A. S. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, 26(1), 83-102. doi:10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100
- Coelho, J. G. (2020). Mente consciente, cérebro e corpo: casos de gêmeos siameses. *Princípios: Revista De Filosofia (UFRN)*, 27(53), 91–113. doi:10.21680/1983-2109.2020v27n53ID20050
- Donard, V. (2022). A contratransferência como instrumento norteador da pesquisa. *Pesquisas acadêmicas em Psicanálise: Reflexões teóricas e ilustrações práticas* (pp. 51-60). São Carlos: Pedro & João Editores.
- Dornelles, C. P. & Schimdt, V. Z. (2015). Relação materna na construção da identidade de gêmeos. *Revista de Psicologia da IMED*, 7(2). doi: 10.18256/2175-5027/psico-imed.v7n2p48-57
- Erikson, E. H. (1976). Identidade *versus* confusão de papel. Infância e sociedade (G. Amado, Trad.) (pp. 240-242). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1963).
- Erikson, E. H. (1998). Estágios maiores do desenvolvimento psicossocial. *O ciclo da vida completo: Uma revisão ampliada com novos capítulos sobre o nono estágio do desenvolvimento* (pp. 51-71, M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1997)
- Fernandes, E. D. S. (2021). *Bem-estar subjetivo e personalidade: Um estudo com irmãos gêmeos* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/D.47.2021.tde-13092021-153444>
- Fernandes, E. de S., Ferreira, I. F., de Felipe, R. P., Segal, N. & Otta, E. (2024). Brazilian Twin Studies: A Scoping Review. *Twin Research and Human Genetics*, 27(2), 105–114. doi:10.1017/thg.2024.17
- Ferreira, I. F. (2020). *Perspectivas maternas sobre separar ou não gêmeos na escola: uma abordagem psicoetológica das causas e consequências*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Figueiredo, L. C. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: Algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278.
- Freud, S. (2014). O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. Em *Obras completas volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)* (pp. 424-449). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917).

- Freud, S. (2016). *Obras completas volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso Dora") e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2021). A questão da análise leiga. Em *Fundamentos da clínica psicanalítica* (p. 205-314). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1926).
- Freud, S. (2021). Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. Em *Fundamentos da clínica psicanalítica* (pp. 93-106). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1912)
- Fulgencio, L. (2013). Metodologia de pesquisa em psicanálise na universidade. Em Serralha, C. A. & Scorsolini-Comin, F (Orgs.), *Psicanálise e universidade: Um encontro na pesquisa* (27-67). Curitiba: CRV
- Gallo, B. C., Reis, M. E. B. T. D., & Cordeiro, S. N. (2020). Individualização em gêmeos: uma revisão integrativa. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(1), 1-10.
- Galton, F. (1876). The history of twins, as a criterion of the relative powers of nature and nurture. Em *The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, vol. 5, 391-406. doi:10.2307/2840900
- Giguer, F. F. & Silva, M. D. R. (2024). Uma travessia no contexto da prematuridade: da UTI-neonatal até a casa. *Psicologia em Estudo*, 29.
- Gilliéron, E. (1986). *As psicoterapias breves*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gregório, G. D. S. & Amparo, D. M. do (2022). A pesquisa Psicanalítica na Universidade: Estratégias Metodológicas de Investigação. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 38, e38414. doi:10.1590/0102.3772e38414.pt
- Gomes, V. R. R. (2017). A adolescência sob a lente da psicanálise articulada ao social. *Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, 22(2), 247. doi:10.17765/1516-2664.2017v22n2p247-263
- Hegenberg, M. (2021). *Psicoterapia breve psicanalítica*. Belo Horizonte: Artesã Editora.
- Iwashima, D., Reis, M. E. B. T., & Santiago, T. (2019). Emoções vivenciadas pelo psicoterapeuta aprendiz na clínica psicanalítica com adolescentes: um estudo exploratório. *Revista de Psicologia*, 10(2), 37-50.
- Klein, M. (1928/2023). Estágios iniciais do conflito edipiano. Em *Amor, culpa e reparação (1921-45)* (pp. 239-254, A. Cardoso, Trad.). São Paulo: Ubu Editora.
- Klein, M. (1952/2023). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. Em *Inveja e gratidão e outros ensaios (1946-63)* (pp. 94-132, B. Mandelbaum, M. E. S. Brito, O. B. Salles, M. T. Godoy, V. Starzynski, W. M. M. Dantas, Trans.). São Paulo: Ubu Editora.

- Klein, M. (1953-1955/2020). A técnica psicanalítica do brincar: sua história e significado. Em *Inveja e gratidão e outros ensaios (1946-63)* (pp. 167-188, B. Mandelbaum, M. E. S. Brito, O. B. Salles, M. T. Godoy, V. Starzynski, W. M. M. Dantas, Trans.). São Paulo: Ubu Editora.
- Klein, M. (1955/2023). Sobre a identificação. Em *Inveja e gratidão e outros ensaios (1946-63)* (pp. 189-228, B. Mandelbaum, M. E. S. Brito, O. B. Salles, M. T. Godoy, V. Starzynski, W. M. M. Dantas, Trans.). São Paulo: Ubu Editora.
- Klein, M. (1960/2023). Sobre a saúde mental. Em *Inveja e gratidão e outros ensaios (1946-63)* (pp. 339-346, B. Mandelbaum, M. E. S. Brito, O. B. Salles, M. T. Godoy, V. Starzynski, W. M. M. Dantas, Trans.). São Paulo: Ubu Editora.
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. Em *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico* (pp. 25-62). Porto Alegre: Artmed.
- Levisky, D. L. (2021). Famílias e adolescentes: desafios contemporâneos - Contribuições da psicanálise vincular. Em *A turbulência adolescente: Estudos psicanalíticos* (pp. 155-168). São Paulo: Editora Blucher.
- Levy, R. (2021). Adolescência: o corpo como cenário para dramas não simbolizados. Em *A turbulência adolescente: Estudos psicanalíticos* (pp. 171-191). São Paulo: Blucher.
- Lourenço, F. W. B. (2022). Marcas da dor: estudo psicanalítico sobre autolesão em adolescentes. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Machado, S. E. (2015). A conjugalidade na gestação de gêmeares com diagnóstico de malformação. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
- Machado, G. M. A. (2015). Percepções e expectativas maternas acerca das habilidades sociocomunicativas e linguísticas de bebês gêmeares. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Machado, G. M. A., Nunes, L. de L. & Aquino, F. de S. B. (2022). Gestação e Desenvolvimento Inicial de Gêmeos: Um Estudo a partir de Relatos Maternos. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, 22(2), 752–772. doi:10.12957/epp.2022.68651
- Matos, F. V. D. (2015). Um estudo psicossocial sobre formação e transformação identitária com gêmeos univitelinos. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Matheus, T. C. (2020). *Adolescência: história e política do conceito na psicanálise*. Belo Horizonte: Artesã.
- Mauer, S. K. (2021). Configurações gêmeares: Tensões entre o semelhante, o diferente e o alheio. *Revista PsiRelacional*, 169-199.

- Mello, C. O. (2000). Hipocondria: medo ou tentativa de solução de um problema? *Revista Brasileira de psicoterapia*, 277-288.
- Mioto, I. L. (2023). Análise do ensino do comportamento de ecoico em gêmeos concordantes para autismo: diferenças encontradas e suas implicações. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Moraes, B. R. D., & Weinmann, A. D. O. (2020). Notas sobre a história da adolescência. *Estilos da Clinica*, 25(2), 280–296. doi:10.11606/issn.1981-1624.v25i2p280-296
- Morgenstern, A. & Gueller, A. J. S. (2015). Do trabalho suplementar na constituição subjetiva de gêmeos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(3), 53-67.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2015000300006&lng=pt&tlng=pt.
- Morgenstern, Ada, & Gueller, Adela Judith Stoppel de. (2023). Duplicação, multiplicação, unificação: Da reprodução assistida à constituição subjetiva dos filhos múltiplos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 57(1), 97-114. doi:10.69904/0486-641x.v57n1.07
- Naffah Neto, Alfredo. (2006). A pesquisa psicanalítica. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 279-288.
- Nunes, A. (2019). Tornando-se mãe de gêmeas prematuras: uma perspectiva autoetnográfica. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Organização Mundial da Saúde. (2025). Adolescent health. Em *World Health Organization*.
https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1
- Otta, E., Fernandes, E. de S., Acquaviva, T. G., Lucci, T. K., Kiehl, L. C., Varella, M. A. C., Segal, N. L. & Valentova, J. V. (2016). Twinning and Multiple Birth Rates According to Maternal Age in the City of São Paulo, Brazil: 2003–2014. *Twin Research and Human Genetics*, 19(6), 679–686. doi:10.1017/thg.2016.75_
- Otta, E., Fernandes, E. de S., Bueno, J. A., Dos Santos, K. L., Segal, N. L., Lucci, T. K., Ferreira, I. F., Cesar, G. C., David, V. F., Tatit, D. P., Short, P. C. A., Fernandes, L. O., Crispim, A. C., Moretto, M. L. T., Andrade, N. C., Corte, S., Tobo, P. R., Barrichello, C. R., de Sousa, R. C. G., Júnior, M. D. S. & Ribeiro, F. J. L. (2019). The University of São Paulo Twin Panel: Current Status and Prospects for Brazilian Twin Studies in Behavioral Research. *Twin research and human genetics : the official journal of the International Society for Twin Studies*, 22(6), 467–474. doi:10.1017/thg.2019.34
- Outeiral, J. (2012a). As famílias e a contemporaneidade. Em *Atendimento Psicanalítico de Adolescentes* (pp. 101-109). São Paulo: Zagodoni.
- Outeiral, J. (2012b). Como sempre, o começo com Freud. Em *Atendimento Psicanalítico de Adolescentes* (pp. 91-96). São Paulo: Zagodoni.

- Pierangeli, H. M. R. (2023). *Do visível ao invisível: Considerações psicanalíticas sobre a autolesão e a adolescência e na família*. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista, Assis.
- Pinheiro, R. C., Gagliardo, H. G. R. G., Martinez, C. M. S., Santos, J. L. F., & Barba, P. C. de S. D. (2015). Estudo comparativo do desempenho viso motor e motor global de gêmeos pré-termo na idade escolar. *Revista Família, Ciclos De Vida E Saúde No Contexto Social*, 3(3). <https://doi.org/10.18554/refacs.v3i3.1093>
- Pison, G., d'Addato, A. V. (2006). Frequency of twin births in developed countries. *Twin Research and Human Genetics*, 9(2), 250-259.
- Pison, G., Monden, C., Smits, J. (2015). Twinning rates in developed countries: trends and explanations. *Population and Development Review*, 41(4), pp. 629-649. <https://www.jstor.org/stable/24638578>
- Polderman, T., Benyamin, B., Leeuw, C. (2015). Meta-analysis of the heritability of human traits based on fifty years of twin studies. *Nat Genet*, 47, 702–709. doi:10.1038/ng.3285
- Prais, S. G. (2018). Tecendo uma Pele Singular no Setting Analítico. Em *Atendimento psicanalítico de gêmeos* (pp. 111-123). São Paulo: Zagadoni.
- Quinodoz, J. M. (1994). Fatos clínicos ou fatos clínicos psicanalíticos?. *Rev. bras. Psicanal*, 613-634.
- Ramos, G. D. G. (2021). O que a clínica psicanalítica com gêmeos nos ensina? Efeitos e destinos da experiência gemelar. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/D.47.2021.tde-06092021-160905
- Ribeiro, F. S. (2018). Tecendo uma colcha de retalhos: os desafios de entrelaçar os fios de uma experiência de maternidade trigemelar. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Reis, M. E. B. T. dos. (2015). *Bebês gêmeos: Relacionamento afetivo e cuidados parentais*. Curitiba: Juruá.
- Reis, M. E. B. T., Cordeiro, S. N. & Simon, R. (2018). Diagnóstico adaptativo e individualização em gêmeos: estudo exploratório. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38, 142-156. doi:10.1590/1982-3703004152016
- Reis, M. E. B. T. (2022). Construção de fatos clínicos psicanalíticos. *Pesquisas acadêmicas em Psicanálise: Reflexões teóricas e ilustrações práticas* (pp. 97-110). São Carlos: Pedro & João Editores.
- Reis, M. E. B. T., & Ynuyama, P. N. D. (2022). Fatos clínicos psicanalíticos no atendimento à criança: revisão integrativa de literatura. *Plural-Revista de psicologia UNESP Bauru*. doi:10.59099/prpub.2022.6

- Reis, M. E. B. T., Betioli, M., Silva, H., & Santos, B. (2023). Psicoterapia Psicanalítica com Adultos: Estudo Exploratório Sobre Fatos Clínicos na Literatura Contemporânea. *Revista de Psicologia da IMED*, 15(1), 150-167. doi:10.18256/2175-5027.2023.v15i1.4653
- Reis, M. E. B. T., Santos, B.L., Souza, L. O. (2023) Se abusada fui, abusadora serei? Estudo exploratório com fatos clínicos psicanalíticos. *Rev. bras. psicoter* (p. 13-23), 25(1). doi:10.5935/2318-0404.20230003
- Rodrigues, R. P. (2025). Entre semelhanças e diferenças: clínica psicanalítica com gêmeas adultas. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Rother, E. T.. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista De Enfermagem*, 20(2), v–vi. doi:10.1590/S0103-21002007000200001
- Santos, M. do S. V. (2023). Gêmeos autistas em processo de alfabetização: linguagem e aprendizagem matemática no ensino regular em Goiânia. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Santos, M.F; Reis, M. E. B. T. (2022). Mães de gêmeos: vivências emocionais no puerpério mediato. *Natureza Humana - Revista Internacional De Filosofia E Psicanálise*, 24(1), 40–61. doi:10.59539/2175-2834-v24n1-522
- Sardagna, G., Reis, M. E. B. T., Lourenço, F. W. B., & Silva, M. E. S. R. (2024). Adolescência ontem e hoje. *Perspectivas en Psicología*, 21(2), 49-70. <http://200.0.183.216/revista/index.php/pep/article/view/702>
- Segal, N. L. (1990). The importance of twin studies for individual differences research. *Journal of Counseling & Development*, 68(6), 612-622. doi:10.1002/j.1556-6676.1990.tb01425.x
- Short, P. C. A. (2021). A natureza da relação gemelar na infância: uma abordagem evolucionista sobre os fatores que influenciam o relacionamento entre irmãos gêmeos. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Silva, M. R., Gasparetto, L., & Campezatto, P. V. M. (2015). Psicanálise e psicoterapia psicanalítica: tangências e superposições. *Revista Psicologia e Saúde*.
- Silva, C. M., & Macedo, M. M. K. (2016). O Método Psicanalítico de Pesquisa e a Potencialidade dos Fatos Clínicos. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online], v. 36, n.3, pp. 520-533. doi:10.1590/1982-3703001012014
- Silva, A. M., Reis, M. E. B. T. & Barbeiro, F. S. (2020). Serei aceito? Estudo exploratório sobre as vivências emocionais do segundo psicoterapeuta. *Interação em Psicologia*, 24(01), 87. doi:10.5380/psi.v24i1.61231
- Simon, R. (1990). Psicanálise e psicoterapia breve. *Psicologia USP*, 1(1), 93-96.
- Souza, Larissa Osete (2023). Mães de gêmeos prematuros: a escuta psicanalítica na UTI neonatal. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

- Susie Lee, D. & Barclay, K. J. (2025). More twins expected in low-income countries with later maternal ages at birth and population growth. *Human Reproduction*, 40, (pp. 372–381). doi:10.1093/humrep/deae276
- Tchernoukha, M. & Wendland, J. (2015). Etude comparative du vécu psychique de femmes vivant une grossesse gémellaire ou unique. *Aletheia*, (47-48), 9-21.
- Ungar, V. (2009). O adolescente de hoje e a psicanálise. *Revista De Psicanálise Da SPPA*, 16(2), 313–323. Recuperado de <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/733>
- Varella, M., Fernandes, E., Arantes, J., Acquaviva, T., Lucci, T., Hsu, R., Davida, V., Bussab, V., Valentova, J., Segal, N. & Otta, E. (2018). Twinning as an evolved age-dependent physiological mechanism: evidence from large Brazilian samples. In *Multiple pregnancy: new challenges*. Londres: IntechOpen. doi:10.5772/intechopen.79907
- Veiga, S., Bertão, A., & Alarcão, M. (2019). Os primeiros meses na dança relacional mãe-bebê (s): desafios decorrentes da situação gemelar. *Revista INFAD de Psicologia. International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(2), 83-90. doi:10.17060/ijodaep.2019.n2.v2.1743
- Verdi, M. T. (2021). Atendimento de famílias com crianças pequenas. *Vínculo-Revista do NESME*, 18(3), 55-59. doi:10.32467/issn.19982-1492v18nesp.p347-353
- Viotto, M. E. B. T. (1999). *Conversando Sobre Gêmeos*.
- Vollmer Filho, G. (1994). A conceitualização do fato clínico psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise* 28, 673-685.
- Winnicott, D. W. (1982). Gêmeos. Em *A criança e o seu mundo* (pp. 154-160, A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: LTC. (Originalmente publicada em 1965).
- Winnicott, D. W. (2019). O brincar: proposição teórica. Em *O brincar e a realidade [1896-1971]* (pp. 69-90, B. Longhi, Trad.). São Paulo: Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1971).
- Winnicott, D. W. (2020). A dependência nos cuidados com a criança. Em *Bebês e suas mães [1896-1971]* (p. 97–103, B. Longhi, Trad.). São Paulo: Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1970).
- Winnicott, D. W. (2021). A imaturidade do adolescente. *Tudo começa em casa* (pp. 177-198, P. C. Sandler, Trad.). São Paulo: Ubu Editora: (Originalmente publicado em 1968).
- Winnicott, D. W. (2022). Contratransferência. Em *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (pp. 202-211, I. C. S. Ortiz, Trad.). São Paulo: Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1959)
- Winnicott, D. W. (2022). A teoria do relacionamento pais-bebê. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (pp. 44–69, I. C. S. Ortiz, Trad.). São Paulo: Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1960).

- Winnicott, D. W. (2022). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. Em *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (pp. 104-116, I. C. S. Ortiz, Trad.). São Paulo: Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1963)
- Winnicott, D. W. (2022). O atendimento hospitalar como complemento de psicoterapia intensiva na adolescência. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (pp. 312-320, I. C. S. Ortiz, Trad.). São Paulo: Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1963)
- Winnicott, D. W. (2024). Relacionamentos interpessoais. Em *Natureza humana [1896-1971]* (p. 57-77, D. L. Bogomoletz, Trad.). São Paulo: Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1988).

ANEXOS

ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

(Pais de pacientes com idade inferior a 18 anos)

Título da pesquisa: “Clínica psicanalítica ampliada: estudo sobre fatos clínicos detectados no atendimento a gêmeos e familiares”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidar seu/sua filho(a) _____, a participar da pesquisa “Clínica psicanalítica ampliada: estudo sobre fatos clínicos detectados no atendimento a gêmeos e familiares”, realizada na Universidade Estadual de Londrina. O objetivo da pesquisa consiste em: “Estudar os fatos clínicos presentes em atendimentos psicológicos, realizados com gêmeos e seus familiares, sob a perspectiva da psicanálise”. A participação dele(a) é muito importante e se dará da seguinte forma: serão realizadas sessões de atendimento em psicoterapia psicanalítica de forma presencial, ressalta-se que não haverá gravação das sessões; após cada um dos atendimentos psicológicos será elaborado um relatório constando as conversas entre você e o psicoterapeuta. O seu nome, nome do/da filho(a) e o nome do seu psicoterapeuta serão substituídos por códigos, para que não sejam identificados. Os relatórios dos seus atendimentos psicológicos serão analisados por pesquisadores integrantes do projeto de pesquisa, buscando identificar os fatos clínicos que ocorreram durante os atendimentos. Posteriormente, os fatos clínicos serão analisados a partir dos fundamentos da psicanálise e então serão construídos fatos clínicos psicanalíticos.

Ressaltamos que antes de iniciar a primeira entrevista/atendimento psicoterápico, o presente documento será lido pelo pesquisador/psicoterapeuta, o qual deverá ser assinado por você e pelo psicoterapeuta, em duas vias. Caso o seu/sua filho(a) tenha entre 7 e 17 anos, também haverá a leitura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), que deverá ser assinado por ele(a) e psicoterapeuta. A seguir uma via de cada documento será entregue a você.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Ou seja, em momento algum da realização ou divulgação da pesquisa o seu nome ou de seus familiares será informado. Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação. Os benefícios esperados são: ampliar o conhecimento sobre os fatos clínicos percebidos pelos psicoterapeutas durante os atendimentos psicológicos às mães de gêmeos, gêmeos e familiares; melhor planejar os conteúdos teórico-práticos para a realização das atividades práticas relativas à psicoterapia psicanalítica com gêmeos em diferentes contextos.

Quanto aos riscos, informamos que não deverá ocorrer riscos à sua pessoa, uma vez que o seu atendimento continuará sendo realizado da mesma forma como já estava previsto ao ingressar na atividade clínica da qual está participando.

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do

adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar (Dra. Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis, docente do departamento de Psicologia e Psicanálise, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Londrina, Rodovia Celso Garcia Cid, PR 445, Km 380, Campus Universitário, CEP 86057-970, Londrina – PR, fones xxxxxxxxxxxx e/ou xxxxxxxxxxxx, e-mail xxxxxxxxxxxxxxxxx, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao prédio do LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone (43)3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Londrina, ____ de _____ de 20__

Assinatura: _____

Nome: _____

Psicoterapeuta: _____

Assinatura: _____

*Termo de Assentimento apresentado conforme normas da Resolução 466/2012 de 12 de dezembro de 2012.

ANEXO B

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

(pacientes de 7 a 17 anos)

Título da pesquisa: ^[1]^[2]^[3] “Clínica psicanalítica ampliada: estudo sobre fatos clínicos detectados no atendimento a gêmeos e familiares”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa “Clínica psicanalítica ampliada: estudo sobre fatos clínicos detectados no atendimento a gêmeos e familiares”, realizada na Universidade Estadual de Londrina. O objetivo da pesquisa consiste em: “Estudar os fatos clínicos presentes em atendimentos psicológicos, realizados com gêmeos e seus familiares, sob a perspectiva da psicanálise”.

A sua participação é muito importante e se dará da seguinte forma: após cada um dos atendimentos psicológicos será elaborado um relatório constando as conversas entre você e o psicoterapeuta. O seu nome e o nome do psicoterapeuta serão substituídos por códigos, para que não sejam identificados. Os relatórios dos seus atendimentos psicológicos serão analisados por pesquisadores integrantes do projeto de pesquisa, buscando identificar os fatos clínicos que ocorreram durante os atendimentos. Posteriormente, os fatos clínicos serão analisados a partir dos fundamentos da psicanálise e então serão construídos fatos clínicos psicanalíticos.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Ou seja, em momento algum da realização ou divulgação da pesquisa o seu nome ou de seus familiares será informado. Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação. Os benefícios esperados são: ampliar o conhecimento sobre os fatos clínicos percebidos pelos psicoterapeutas durante os atendimentos psicológicos às mães de gêmeos, gêmeos e familiares; melhor planejar os conteúdos teórico-práticos para a realização das atividades práticas relativas à psicoterapia psicanalítica com gêmeos em diferentes contextos.

Quanto aos riscos, informamos que não deverá ocorrer riscos à sua pessoa, uma vez que o seu atendimento continuará sendo realizado da mesma forma como já estava previsto ao ingressar na atividade clínica da qual está participando. I

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar (Dra. Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis, docente do departamento de Psicologia e Psicanálise, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Londrina), Rodovia Celso Garcia Cid, PR 445, Km 380, Campus Universitário, CEP 86057-970, Londrina – PR, fones xxxxxxxxxxxx e/ou xxxxxxxxxxxx e-mail xxxxxxxxxxxxxxxxx, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa

Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao prédio do LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone (43)3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Londrina, ____ de _____ de 20__

Assinatura: _____

Nome: _____

Psicoterapeuta: _____

Assinatura: _____

*Termo de Assentimento apresentado conforme normas da Resolução 466/2012 de 12 de dezembro de 2012.

ANEXO C

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Psicoterapeuta)

Título da pesquisa: “Clínica psicanalítica ampliada: estudo sobre fatos clínicos detectados no atendimento a gêmeos e familiares”

Prezado(a) Psicoterapeuta:

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa “Clínica psicanalítica ampliada: estudo sobre fatos clínicos detectados no atendimento a gêmeos e familiares”, realizada na Universidade Estadual de Londrina. O objetivo da pesquisa consiste em: “Estudar os fatos clínicos presentes em atendimentos psicológicos, realizados com gêmeos e seus familiares, sob a perspectiva da psicanálise”.

A sua participação é muito importante e se dará da seguinte forma: após cada um dos atendimentos psicológicos por você realizados com os seus pacientes, seus pais e/ou responsáveis, deverá ser elaborado um relatório constando os diálogos estabelecidos entre você e as pessoas atendidas, bem como as suas percepções sobre os fenômenos presenciados por você os atendimentos. Os casos atendidos serão supervisionados pelos respectivos docentes nos estágios ou disciplinas do curso de graduação em Psicologia, especialização em Clínica Psicanalítica/UEL, Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher e Programa de Pós-graduação em Psicologia/UEL. O seu nome, o nome dos pacientes, pais e/ou responsáveis pelos pacientes serão substituídos por códigos, para que não sejam identificados.

Os relatórios dos seus atendimentos psicológicos serão analisados, buscando identificar os fatos clínicos que ocorreram durante os atendimentos. A seguir, os fatos clínicos serão analisados a partir dos fundamentos da psicanálise e então serão construídos fatos clínicos psicanalíticos. Posteriormente os fatos clínicos psicanalíticos serão organizados em categorias considerando os fatos clínicos psicanalíticos que se destacarem no atendimento a gestantes de múltiplos (gêmeos, trigêmeos, etc), puérperas mães de múltiplos e gêmeos.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Convém ressaltar que, caso você não aceite ou desista a qualquer momento de participar, não haverá qualquer prejuízo acadêmico à sua pessoa, assegurando assim a sua liberdade de escolha como participante da pesquisa, considerando a hierarquia entre pesquisador e aluno.

Quanto aos riscos, informamos que são mínimos. Entretanto, caso sinta algum desconforto ao realizar os atendimentos aos pacientes, redigir relatórios e/ou quanto a continuar participando da pesquisa, a qualquer momento será possível entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo projeto. Assim, receber esclarecimentos sobre a condução do caso em supervisão individual. Caso sinta-se impossibilitado(a) para continuar o atendimento a aquele paciente, poderá solicitar o encaminhamento do caso para outro psicoterapeuta.

Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins deste projeto de pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Os benefícios esperados são: ampliar o conhecimento sobre os fatos clínicos percebidos pelos psicoterapeutas durante os atendimentos psicológicos às mães de gêmeos, gêmeos e familiares; melhor planejar os conteúdos teórico-práticos para a realização das atividades práticas relativas à psicoterapia psicanalítica com gêmeos em diferentes contextos.

Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação na pesquisa. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação na pesquisa.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar (Dra. Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis, docente do departamento de Psicologia e Psicanálise, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Londrina) fones xxxxxxxxxxxx e/ou xxxxxxxxxxxx, e-mail xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, localizado no LABESC – Laboratório Escola, Campus Universitário, telefone (43)33715455.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Londrina, ____ de _____ de 20____.

Psicoterapeuta

Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis